

**Universidade do Minho**

Instituto de Ciências Sociais

António Manuel de Freitas Ribeiro

**Do nascimento à morte do Museu  
Industrial da Sociedade Martins Sarmento  
(1884/1910)**

Dissertação de Mestrado  
Mestrado em Património Cultural

Trabalho efetuado sob a orientação do  
**Professor Doutor José Manuel Lopes  
Cordeiro**

Outubro 2018

## DECLARAÇÃO

Nome: António Manuel de Freitas Ribeiro

Endereço eletrónico: antonioribeiro1994@hotmail.com Telefone: 931785346/

Número do Bilhete de Identidade: 14624267

Título da dissertação: Do nascimento à morte do Museu Industrial da Sociedade Martins Sarmento

Orientador: José Manuel Lopes Cordeiro

Ano de conclusão: 2018

Designação do Mestrado: Mestrado em Património Cultural

É AUTORIZADA A REPRODUÇÃO INTEGRAL DESTA TESE/TRABALHO APENAS PARA EFEITOS DE INVESTIGAÇÃO, MEDIANTE DECLARAÇÃO ESCRITA DO INTERESSADO, QUE A TAL SE COMPROMETE;

Universidade do Minho, 31/10/2018

Assinatura: António Manuel de Freitas Ribeiro

## **Agradecimentos**

Agradeço aos meus pais, pelos esforços feitos durante vários anos para que me fosse possível prosseguir os estudos. Ao orientador desta tese de mestrado, Doutor José Manuel Lopes Cordeiro, pela dedicação, disponibilidade e ajuda em todos os momentos que foi necessário.

Às funcionárias da Sociedade Martins Sarmentos, por toda a disponibilidade na procura de informação e ajuda.

À Cristiana Santos, por todo o apoio dado e paciência em todo este processo de investigação e por acreditar em mim. Aos colegas de curso que fui conhecendo ao longo destes 5 anos de formação universitária.



## **Resumo**

Em finais do século XIX, Guimarães iniciava a pequenos passos a implementação progressiva de inovações nos vários ramos industriais que laboravam por todo o concelho, no qual a prevalência era a da pequena indústria, marcada por pequenas oficinas familiares que produziam em pouca quantidade e com processos de fabrico ainda muito arcaicos. Através desta dissertação de mestrado pretendemos demonstrar, para além do contributo da economia do concelho de Guimarães para a economia do norte de Portugal, também a importância e os esforços que instituições como a Sociedade Martins Sarmento tiveram, para gerar no concelho de Guimarães uma melhoria no ensino e aquisição de novos conhecimentos nas populações, marcadas por uma grande analfabetismo, que se refletia automaticamente nas suas atividades laborais e lento desenvolvimento económico. Através da análise de dados presentes na imprensa local da época podemos constatar que em Guimarães se registaram grandes flutuações económicas ao longo dos anos, com épocas menos favoráveis que fizeram com que vários ramos industriais mais frágeis desaparecessem ou acabassem por se juntar aos grandes ramos, tais como as cutelarias, os curtumes e os têxteis. Um dos maiores eventos realizados em prol da economia vimaranense e encabeçada pela Sociedade Martins Sarmento foi, sem dúvida, a Exposição Industrial de Guimarães de 1884, que acaba por marcar o concelho a nível nacional e mudar a visão que Portugal tinha de Guimarães e da sua economia. Este certame vai mais tarde abrir o caminho para nas salas da Sociedade Martins Sarmento, surgir um dos primeiros museus industriais fundados em Portugal, onde se apresentava o que de melhor se fazia no concelho, nos vários ramos industriais. Devido às dificuldades de gestão deste Museu, o mesmo e os seus produtos acabaram por desaparecer, sendo a maior parte vendida, como numa feira. Podemos enumerar vários motivos para o fim e desaparecimento do Museu, através das páginas da imprensa da época e de outras publicações, mas as principais causas foram sem dúvida o intuito para o qual este era utilizado, a forma diferente que certamente as várias direções usavam na sua organização e até mesmo a falta de interesse na sua continuidade. O Museu Industrial de Guimarães existiu de 1900 a 1907, acabando por desaparecer das atas da direção da Sociedade Martins Sarmento a partir desta data, tendo o seu espólio desaparecido e o seu mobiliário sido doado ao asilo de Santa Estefânia.



## **Abstract**

At the end of the nineteenth century, Guimarães began the gradual implementation of innovations in the various industrial branches that worked throughout the county, in which the prevalence was that of small industry, marked by small family manufactory that produced in small quantities and with manufacturing processes still very archaic. Through this dissertation we intend to demonstrate, besides the contribution of the economy of the county of Guimarães to classify the economy of the north of Portugal, also the importance and the efforts that institutions like the Martins Sarmento Society had, to generate in the county of Guimarães a improvement in the teaching and acquisition of new knowledge in the populations, marked by a great illiteracy, that was reflected automatically in their work activities and slow economic development. Through the analysis of data present in the local press of the time, we can see that in Guimarães there were great economic fluctuations over the years, with less favorable times that caused several fragile industrial branches to disappear or end up joining the big branches, such such as cutlery, leather and textiles. These fluctuations ended up being very present in the industrial surveys of 1881 and 1890, where because they were not very rigorous, they didn't demonstrate the reality of the Vimaranian industry at the time. One of the major events held in favor of the Vimaranian economy and headed by the Martins Sarmento Society was undoubtedly the Guimarães Industrial Exhibition of 1884, which ended up marking the municipality of Guimarães at a national level and changing Portugal's view of Guimarães and its economy. This event will later open the way to the rooms of the Society Martins Sarmento, one of the first industrial museum founded in Portugal to appear, which presented the best that was done in the county, in various industries. Due to the difficulties of managing this Museum, the same and its products eventually disappeared, being most sold as in a fair. We can enumerate several reasons for the end and disappearance of the Museum through the pages of the period press and other publications, but the main causes were undoubtedly the purpose for which it was used, the different way that certainly the various directions used in their organization and even the lack of interest in its continuity. The industrial museum of Guimarães existed from 1900 to 1907, eventually disappearing from the proceedings of the Martins Sarmento Society from that date, having its estate disappeared and its furniture donated to the Santa Estefânia asylum.





## Índice

<b>Agradecimentos</b> .....	iii
<b>Resumo</b> .....	v
<b>Abstract</b> .....	vii
<b>Introdução</b> .....	1
<b>Objetivos, metodologia e estado da arte</b> .....	3
<b>Capítulo 1.</b> A Sociedade Martins Sarmento, instituição de cultura e instrução .....	9
1.1. Guimarães nos finais do século XIX .....	9
1.2. Ensino e instrução pública .....	9
1.3. A criação e intuito da Sociedade Martins Sarmento.....	11
1.4. Os estatutos da Sociedade Martins Sarmento .....	12
1.5. A biblioteca da Sociedade Martins Sarmento .....	13
1.6. Os museus da Sociedade Martins Sarmento (Museu Industrial) .....	14
<b>Capítulo 2.</b> A instrução em Guimarães nos finais do século XIX .....	17
2.1. Exposição Industrial de Guimarães (uma breve nota) .....	17
2.2. A escola industrial Francisco de Holanda.....	17
<b>Capítulo 3.</b> Os rostos da criação e Fundação da Sociedade Martins Sarmento .....	19
3.1. José Bento da Cunha Sampaio.....	19
3.2. Domingos Leite de Castro .....	22
3.3. Avelino da Silva Guimarães .....	24
3.4. Avelino Germano da Costa Freitas .....	28
3.5. Domingos José Ferreira Júnior .....	30
3.6. Francisco Martins de Gouveia Sarmento.....	31
<b>Capítulo 4.</b> Análise dos inquéritos industriais de 1881 (por setor de atividade).....	35
4.1. Os curtumes de Guimarães (Quadro nº6 do Inquérito de 1881).....	37
4.2. A metalurgia em Guimarães (Quadro nº9 dos Inquéritos de 1881).....	38

4.3. O setor do papel em Guimarães (Quadro nº11 do Inquérito de 1881).....	38
4.4. A tecelagem de algodão de Guimarães (Quadro nº15 do Inquérito de 1881) .....	39
<b>Capítulo 5.</b> Inquérito industrial de 1881 (2ª parte – visita às fábricas) .....	41
5.1. A indústria do ferro .....	41
5.2. Tecidos de linho e algodão .....	42
5.3. A fundição, serralharia e moagem.....	43
5.4. A produção de curtumes .....	44
<b>Capítulo 6.</b> Análise do relatório da Exposição Industrial de Guimarães de 1884 .....	45
6.1. A economia e sociedade vimaranenses .....	45
6.2. Análise e divisão da Exposição Industrial de 1884 .....	49
6.3. O que significou a Exposição .....	51
<b>Capítulo 7.</b> A economia portuguesa e de Guimarães nos finais do século XIX.....	53
7.1. Panorama económico de Portugal entre 1870 e 1914.....	53
7.2. O crescimento registado em Guimarães .....	54
7.3. Análise comparativa de setores de atividade existentes em Guimarães entre 1881 e 1890 .....	55
<b>Capítulo 8.</b> O Inquérito industrial de 1890.....	57
8.1. Os resultados às questões do inquérito de 1890 em Guimarães (análise dos vários ramos industriais) .....	57
<b>Capítulo 9.</b> O Museu Industrial de Guimarães (do seu início ao fim).....	65
9.1. Do inquérito industrial de 1881 à Exposição Industrial de 1884.....	65
9.2. O retomar do Museu Industrial da Sociedade Martins Sarmiento .....	75
9.3. A reunião com os industriais do concelho de Guimarães.....	78
9.4. Disposições regulamentares do Museu Industrial da Sociedade Martins Sarmiento .....	80

9.5. João Gualdino Pereira (o primeiro diretor do Museu Industrial de Guimarães) .....	83
<b>Capítulo 10.</b> A abertura do Museu Industrial de Guimarães (uma análise da indústria da época) .....	87
10.1. 9 de Março de 1900 (a abertura do Museu Industrial) .....	89
10.2. Os diretores do Museu Industrial de 1900 a 1908 (segundo as atas da direção da Sociedade Martins Sarmento).....	96
<b>Conclusão</b> .....	97
<b>Fontes e Bibliografia</b> .....	101
<b>Anexo</b> .....	107

## Índice de Figuras

<b>Figura 1.</b> Retrato e respetiva assinatura de José da Cunha Sampaio .....	19
<b>Figura 2.</b> Retrato e respetiva assinatura de Domingos Leite de Castro.....	22
<b>Figura 3.</b> Retrato e respetiva assinatura de Dr. Avelino da Silva Guimarães .....	24
<b>Figura 4.</b> Retrato e respetiva assinatura de Avelino Germano .....	28
<b>Figura 5.</b> Retrato e respetiva assinatura de Domingos José Ferreira Júnior.....	30
<b>Figura 6.</b> Retrato de Francisco Martins Sarmiento .....	31
<b>Figura 7.</b> Promoção da Exposição Industrial de Guimarães .....	73
<b>Figura 8.</b> João Gualdino Pereira.....	83

## Índice de tabelas

<b>Tabela 1.</b> Setores por classes presentes na Exposição Industrial de 1884, rés-do-chão .....	49
<b>Tabela 2.</b> Setores por classes presentes na Exposição Industrial de 1884, primeiro andar .....	50
<b>Tabela 3.</b> Setores por classes presentes na Exposição Industrial de 1884, anexo .....	50
<b>Tabela 4.</b> Inquérito industrial de 1881 .....	55
<b>Tabela 5.</b> Inquérito industrial de 1890 .....	56
<b>Tabela 6.</b> Diretores do Museu Industrial de Guimarães e seus cargos .....	96



## Introdução

Em finais do século XIX Portugal encontrava-se numa fase de desenvolvimento Industrial e económico que incentivava os industriais à implementação de novos modelos e tecnologias nos seus métodos de produção, para assim conseguirem progressivamente desenvolver os seus negócios. O aumento da industrialização conduziria a um maior desenvolvimento económico, que os vimaranenses ansiavam há já vários anos.

Seguindo o exemplo de vários países da Europa, com os seus novos métodos de fabrico, implantavam-se progressivamente em Guimarães novas formas “de fazer” e substituindo-se os modelos mais arcaicos, principalmente a nível industrial.

Um dos principais problemas existentes por todo o concelho de Guimarães, e que causava grandes entraves a nível económico, era a ausência de instrução das populações que trabalhavam nas várias indústrias. Assim sendo, graças a um conjunto de homens notáveis do concelho e por iniciativa destes, no dia 20 de Novembro de 1881 procedeu-se à criação de uma nova Instituição de ensino e instrução popular que adotava o nome de Sociedade Martins Sarmiento (Magalhães, 1995). No entanto, esta mesma instituição acabará por ser solenemente inaugurada apenas a 9 de Março de 1882 (Oliveira, 1982).

Entretanto, a 14 de Abril de 1884, chegava a Guimarães o primeiro comboio pela nova linha de caminho-de-ferro (Oliveira, 1982) que ligava Guimarães ao resto de Portugal. Teremos ainda durante este ano a inauguração da Exposição Industrial de Guimarães, que irá ser um ponto fundamental para a posterior criação do Museu Industrial de Guimarães e onde nos debruçaremos com grande detalhe na investigação desta tese de mestrado.

A Exposição de 1884 irá marcar por completo a imprensa da época, sendo por todo o país, em especial Guimarães e Braga, publicadas várias notícias, engrandecendo o evento e apoiando o desenvolvimento que este viria a trazer. Os jornais locais mais importantes que se destacaram na época foram o *Comércio de Guimarães*, o *Religião e Pátria*, o *O Espectador* e também outros de Lisboa e do Porto, tais como o *Diário do Governo*, o *Jornal do Commercio*, o *Comércio de Portugal*, o *Primeiro de Janeiro*, entre outros.

Segundo o Relatório da Exposição Industrial de Guimarães:

*“Quando pela primeira vez, se apresentou o projeto d’uma Exposição contava-se festejar a abertura do caminho-de-ferro, e mostrando ao público o conjunto do trabalho concelhio torná-lo mais conhecido e incita-lo ao aperfeiçoamento; mais tarde acentuou-se sobretudo a ideia de que seria um ponto de partida e principalmente o primeiro passo para a reorganização das antigas indústrias de Guimarães: mas, quando enfim a assembleia dos fabricantes, produtores e negociantes a votou em 21 de Fevereiro d’este anno, a Exposição impunha-se já necessariamente, como a única resposta á preterição que o poder central nos fizera, omitindo a criação d’uma escola industrial na nossa cidade e ao silencio com que respondeu às representações que a este respeito lhe foram dirigidas” (Sampaio e Meira, 1991).*

Neste mesmo ano vai ser ainda inaugurada a Escola Industrial Francisco de Holanda, que seria também um elemento fundamental na inovação e qualificação da população do concelho, diminuindo em Guimarães a analfabetismo existente.

*“...a escola criada iria ser local onde a juventude receberia uma melhor preparação e uma mais eficiente formação técnico-profissional capaz de dar resposta adequada às exigências da revolução industrial que se estava a operar em Guimarães, desenvolvendo um processo dirigido na aquisição de conhecimentos que iam preparar o indivíduo para bem desempenhar, na sociedade, uma profissão especializada, uma vez que, com o desenvolvimento que então se esboçava na indústria vimaranense, iria surgir a necessidade de uma vasta gama de conhecimentos que, à medida que a tecnologia se ia desenvolvendo, exigia um melhor nível de ensino” (Oliveira, 1982).*

Perante este conjunto de acontecimentos era claro que o concelho de Guimarães estava empenhado no desenvolvimento da sua atividade industrial de forma a adaptá-la às inovações tecnológicas, tentando assim colocar Guimarães como ponto de referência em certos ramos industriais. Face ao sucesso da Exposição Industrial de 1884, em reunião da Direção da Sociedade Martins Sarmiento de Janeiro de 1900 apresentou-se a proposta para a criação de um Museu Industrial (o qual, aliás, já era defendido desde 1885), tendo este o intuito também de fomentar a instrução popular no concelho.

Aquando da constituição da exposição permanente da Sociedade Martins Sarmiento, ou vulgarmente apelidada de Museu Industrial de Guimarães, no início de 1900, vários foram os jornais que publicaram notícias sobre o desenrolar da criação do Museu e da sua organização.



Assim sendo, incidiremos principalmente no estudo aprofundado da imprensa local da época, disponível no vasto espólio presente na Biblioteca da Sociedade Martins Sarmiento, onde reconstituiremos grande parte da história do Museu, desde os primeiros vestígios da ideia da sua criação, passando pela forma como este era gerido e o seu regulamento inicial, publicado na *Revista de Guimarães* (Pereira, 1900).

O Museu Industrial foi um exemplo de participação da sociedade civil na fundação do espaço. Para tal, a 7 de Janeiro de 1900, convidaram-se então vários industriais da cidade e do concelho para auscultar a sua opinião, sendo decidido que a abertura do mesmo ficaria agendada para 9 de Março desse ano (Sociedade Martins Sarmiento, 1900).

### **Objetivos, metodologia e estado da arte**

Nesta tese de mestrado procuraremos acima de qualquer outro ponto desenvolver e aprofundar a informação existente, mas pouco ou nada investigada, relativamente ao processo de criação e precoce desaparecimento do Museu Industrial de Guimarães – Exposição Industrial permanente, organizado pela Sociedade Martins Sarmiento, com o apoio de vários industriais que, neste início de 1900, se disponibilizaram em preencher este Museu com as diferentes peças que representariam os diferentes ramos de atividade industrial de Guimarães.

Para isto ser possível, é necessário um profundo e detalhado estudo, da documentação existente e disponível nas milhares de páginas da imprensa local da época que se encontram separadas pelos vários anos de publicação. Com isto, conseguiremos assim aprofundar não apenas o processo de criação do Museu – Exposição permanente da Sociedade, mas também debruçarmo-nos sobre a economia local vimaranense em finais do século XIX, permitindo assim abrir ainda mais as portas na investigação da história industrial do Norte de Portugal, alvo de estudo há vários anos pelo orientador desta tese de mestrado, Doutor José Manuel Lopes Cordeiro.

Para além da imprensa local, não poderemos deixar de contar com outra análise fundamental, das publicações da responsabilidade da Sociedade Martins Sarmiento. Referimo-nos às várias edições da *Revista de Guimarães*, nas quais se efetua uma análise da indústria local e onde conseguiremos retirar bastantes informações relevantes para o estudo a que nos propomos.

Através da imprensa local, conseguiremos também analisar com um maior detalhe a sociedade vimaranense a nível da sua instrução, bem como o estado em que se encontravam as indústrias vimaranenses ao longo dos anos, com a análise dos inquéritos industriais de 1881 e 1890, conseguindo assim fazer várias comparações entre os diferentes setores de atividade existente e conseguindo analisar de uma forma mais detalhada os principais ramos, estando os mesmos disponíveis na Biblioteca Pública de Braga (o Inquérito de 1881) e na Universidade de Coimbra (o Inquérito de 1890) nos quais dedicaremos também parte da nossa investigação.

Procuraremos também efetuar uma comparação entre a economia nacional e a economia vimaranense, também importante para conseguirmos perceber o enquadramento económico onde Guimarães se inseria e para fazermos uma análise mais detalhada entre os vários períodos existentes.

Aprofundaremos ainda o nosso estudo com a análise detalhada do Relatório da Exposição Industrial de Guimarães de 1884, procurando fazer um retrato das indústrias existentes e da economia de Guimarães nesse ano, dando a conhecer com mais aprofundamento a indústria vimaranense em finais do século XIX, embora entendendo que faltará ainda um estudo detalhado e completo deste tema, mas conseguindo reunir numa publicação as linhas e fontes orientadoras para futuros estudos e reconstituir parte da história vimaranense com várias informações da época.

Relativamente à metodologia de trabalho que foi realizada neste projeto de investigação, iniciamos com um detalhado trabalho de procura de informação e bibliografia disponíveis quer online, em artigos, sites e blogs, onde conseguimos traçar uma estrutura detalhada daquilo que seria a construção desta tese de mestrado. Posteriormente, foram realizadas as primeiras visitas aos locais de interesse, tais como a biblioteca da Universidade do Minho, onde apenas conseguimos encontrar o relatório da exposição industrial de Guimarães, que nos serviu de guia inicial de estrutura de tese.

Depois disto, visitamos a biblioteca da Sociedade Martins Sarmiento, onde dedicamos grande parte do tempo de investigação e onde analisamos as várias edições da imprensa local de Guimarães nos finais do século XIX, onde muitos dos impressos se encontravam em estado de degradação avançado, o que causou grandes problemas na consulta dos mesmos. Para além disto, realizamos uma consulta a várias obras de interesse sobre o tema, que nos permitiram encontrar a maior parte do conteúdo que procurávamos para traçar a história da criação do museu

industrial desta sociedade e o que foi a sua existência ao longo dos anos até ao seu desaparecimento. Para que toda esta investigação fosse possível, foi necessária uma autorização especial de consulta de documentação, feito à direção da Sociedade, que foi posteriormente aceite, especialmente para o caso da consulta das atas da direção, que se encontravam com um acesso restrito.

Entretanto, depois de recolhidas todas as notícias relevantes da imprensa que nos permitiam constituir aquilo que foi o dia-a-dia do museu industrial da Sociedade Martins Sarmento, dirigimo-nos ao arquivo distrital de Braga, onde realizamos uma consulta detalhada aos resultados do inquérito industrial de 1881, que se encontravam em bom estado de conservação o que facilitou a sua consulta e permitiu fazer um complemento no projeto com dados estatísticos, daquilo que era a produção industrial de Guimarães por setor, em finais do século XIX.

Por último, realizamos ainda uma visita ao arquivo municipal de Guimarães, onde procuramos através das obras publicadas e disponíveis para consulta, elaborar uma análise das principais figuras vimaranenses que estavam envolvidas tanto no contexto da criação da Sociedade Martins Sarmento, como também presentes nos principais acontecimentos ligados ao tema em estudo.

Após toda a recolha de informação realizada nos vários locais que visitamos, passamos para a parte de produção deste projeto de investigação. Assim, procedemos à divisão dos dados recolhidos por anos, tanto a nível de imagens, como também de notícias, artigos, dados estatísticos, de forma a facilitar a estruturação dos dados, iniciando depois a produção de texto diretamente na tese, com os vários cruzamentos de dados e seguindo a estrutura inicial, que tínhamos elaborado para a investigação, alterando quando necessário ou acrescentando todos os tópicos, para esta ficar o mais detalhada e completa possível.

Analisando agora o estado da arte, seguimos a estrutura inicial da tese de mestrado e iniciamos uma investigação daquilo que é a história da Sociedade Martins Sarmento, percorrendo a descrição dos seus principais iniciadores, bem como os seus principais feitos durante a sua atuação na sociedade. Aqui consultamos obras de destaque tais como, *a Sociedade Martins Sarmento: uma instituição secular ao serviço da educação e da cultura*, de Magalhães do ano de 1995 e fizemos ainda, para nos completar este trabalho, uma consulta em várias edições da *Revista de Guimarães*, do ano de 1884 até cerca de 1910 que nos forneceram dados importantes para a formulação destes capítulos iniciais. Consultamos ainda, como obra de referência o

designada por *1884 – o ano que mudou Guimarães*, elaborado pela Escola Secundária Francisco de Holanda e Oficina no ano de 2009, que explica de forma muito detalha a importância do final do século XIX para o concelho de Guimarães. Para completar esta parte inicial, debruçamo-nos ainda sobre uma tese de mestrado bastante completa, que explica de forma rigorosa aquilo que foi a sociedade ao longo dos tempos designada por *Sociedade Martins Sarmento: instituição secular de educação e cultura*, da autoria de Martins do ano de 2000, bem como a tese de mestrado de Azeredo, do ano de 1993, designada por *Alfabetização, Escolas e Professores em Guimarães na 2ª metade do século XIX*, que nos permitiu fazer uma análise da sociedade em questão.

Por último, consultamos a obra *Estatutos da Sociedade Martins Sarmento: Promotora da instrução popular no concelho de Guimarães*, da autoria de Sampaio, Meireles e Júnior, do ano de 1882, para percebermos melhor as normas de funcionamento da sociedade e consultamos ainda a obra *Francisco Martins Sarmento: vida e obra*, datada de 1999, da autoria de Sampaio, que permitiu entre outras coisas, traçar uma biografia daquilo que foi Martins Sarmento e a sua influência em Guimarães e na investigação arqueológica.

Para uma compreensão da economia industrial vimaranense e o desenvolvimento que teve a indústria de Guimarães, consultamos como obras de referência o *inquérito industrial de 1881* e de *1890*, realizados pelo ministério das obras públicas, comércio e indústria, bem como o *relatório da exposição industrial de Guimarães em 1884*, realizado por Sampaio e Meira no ano de 1991. Por último e de forma a completar o máximo a informação, utilizamos ainda um artigo de referência designado por, *A industrialização num país de desenvolvimento lento e tardio: Portugal, 1870- 1913*, da autoria de Reis, do ano de 1987, que refere uma análise económica de Portugal e de Guimarães nas épocas em estudo.

Consultamos ainda variadas publicações da imprensa local, tendo como mais importantes para o estudo desta tese de mestrado os jornais, *O Espectador*, que consultamos as edições de 1883 até 1884, bem como, o *Comércio de Guimarães*, que consultamos do ano de 1884 até ao ano de 1903. Para além destes, consultamos também várias edições do jornal *Echo de Guimarães*, do ano de 1900, bem como o jornal *O Povo de Guimarães*, do ano de 1904. Todas as notícias retiradas destes jornais, que ajudaram na composição da história da criação, vida e desaparecimento do museu industrial de Guimarães, bem como da constituição de uma análise detalhada do estado da indústria e da economia vimaranense, foram ainda complementadas pela

análise de várias outras publicações de imprensa da época e pela leitura das atas da direção da Sociedade Martins Sarmento do ano de 1900 a 1908, bem como das atas da Camara Municipal de Guimarães do ano de 1881 e 1882 permitindo uma análise mais ordenada.



## **Capítulo 1. A Sociedade Martins Sarmento, instituição de cultura e instrução**

### **1.1. Guimarães nos finais do século XIX**

Nas últimas décadas seculo XIX, Guimarães, cada vez mais se afirmava como um polo industrial no Norte de Portugal. Esta Industrialização intensificou-se a partir de 1870, altura em que surgem cada vez mais no concelho indústrias de grande dimensão e com muita mão-de-obra (Azevedo, 1993).

Paralelamente, continuavam a existir nesta época, e ainda com grande relevância, pequenas unidades de produção, estabelecidas nas zonas rurais do concelho, pequenas oficinas que usavam unicamente a força braçal na produção, sem grande ajuda de maquinaria, onde os trabalhadores eram poucos, produzindo por encomenda dos comerciantes estabelecidos em Guimarães, os quais posteriormente comercializavam essa produção (Cordeiro, 1991; Cordeiro, 1995; Magalhães, 1995). Vemos então que a nível comercial, Guimarães mostrava agora também sinais de crescimento, consequência de um desenvolvimento a nível industrial.

Já a nível agrícola, alternava-se entre as culturas de sequeiro e de regadio, onde existia uma grande produção vitivinícola, marcadamente feita através de mão-de-obra humana (Magalhães, 1995).

### **1.2. Ensino e Instrução Pública**

*“Dentro de uma cidade como Guimarães (...) as possibilidades de acesso á aprendizagem da escrita e da leitura são muito diversas, Para os habitantes do concelho vimeirense (...) para a possível aprendizagem dos códigos da escrita era bem diverso nascer homem ou mulher. (...) em todos os distritos a taxa de alfabetização dos centros urbanos era maior do que a das áreas rurais” (Ramos, 1988).*

Vemos então que existiam grandes variações no acesso à escolarização, consoante a escala social, sendo que as pessoas que viviam no centro da cidade de Guimarães teriam mais facilidade de acesso, e as populações que viviam nos centros rurais e zonas mais periféricas da cidade já

teriam mais dificuldades. Era então necessária a criação de novos “centros do saber”, locais onde se instruisse as populações, para dotar estas de capacidades que pudessem vir a gerar crescimento económico.

Em 1882, Joaquim José de Meira então vice-presidente da Câmara Municipal de Guimarães, propõe que “sendo de toda a necessidade dar o maior desenvolvimento possível à criação de escolas de instrução primária (...) Proponho que se convide a Junta Escolar a reunir-se em Sessão com a Câmara para a organização do plano geral provisório das escolas (...)” (Câmara Municipal de Guimarães, 1882).

A Câmara Municipal de Guimarães promovia então medidas para que o desenvolvimento na instrução e educação fosse sentido e, em 1881, criara a Junta Municipal para a Instrução Pública, que integrava “o presidente da câmara, conde de Margaride (...) eleito Presidente da Junta Escolar, Alberto Sampaio e o padre José António Ferreira Caldas, que desempenhara as funções de secretário” (Câmara Municipal de Guimarães, 1881).

Entretanto, vemos que a Junta Escolar, promovida pela Câmara Municipal de Guimarães, não realizou um trabalho eficaz, capaz de responder aos problemas que surgiam na instrução da época (Martins, 2000).

*“Em 1882 as escolas primárias oficiais limitavam-se a 14 ou 15 (...) Escolas secundárias, fechadas as aulas de Latim e o Francês, contestávamo-nos com um colégio particular em que se lecionavam algumas disciplinas do curso oficial de preparatórios. (...) Instrução profissional não existia em Guimarães e por isso esta cidade tão afamada pelas suas tradicionais indústrias, que revelavam a magnífica aptidão das suas classes operárias, ficava em manifesta inferioridade aos outros centros industriais (...)”* (Pereira, 1907).

Vivia-se assim tempos difíceis na instrução em Guimarães e era urgente que esta situação se alterasse.



### **1.3. A Criação e Intuito da Sociedade Martins Sarmiento**

Um grupo de intelectuais de Guimarães, pensaram então na criação de uma Sociedade que procura-se esse desenvolvimento da instrução, seguindo o exemplo da França, Inglaterra, Estados Unidos e até de instituições semelhantes já criadas no nosso país (Guimarães, 1884).

A criação desta Sociedade fez-se em torno de uma tentativa de se realizar uma homenagem a Martins Sarmiento, figura notavelmente destacada em Guimarães, que vinha a ser distinguida por outros motivos e por outros países. Inicialmente, Martins Sarmiento mostrou-se contra a ideia, visto não gostar de distinções de tal ordem, o que implicou o congelamento dessa ideia durante alguns anos (Martins, 2000).

Entretanto, esta Sociedade acabou por ser criada e, a 20 de Novembro de 1881, era realizada a sessão inaugural, presidida pelo Dr. José da Cunha Sampaio, assumindo como objetivo fundamental a “promoção da instrução popular no concelho de Guimarães (Magalhães, 1995). Assumia-se assim, por pessoas notáveis e esclarecidas, que viviam em Guimarães, uma estratégia para o desenvolvimento do concelho, a nível técnico, agrícola e industrial, encabeçada por esta sociedade.

*“Atentos à movimentação dos principais polos industrializados da Europa, fomentaram a transversalidade da mecanização e do saber fazer, lançando cursos de formação científica e técnica, implementando uma política de envio de técnicos ao estrangeiro e de exposições de divulgação e de propaganda dos avanços técnicos ao nível da agricultura e da indústria.”* (Magalhães, 1995).

Para além disto vemos que a Sociedade Martins Sarmiento teria o objetivo de expor e preservar a obra de Martins Sarmiento, mostrando ao público e conservando os seus achados arqueológicos e museológicos, “Estava lançado o quadro de ação, era necessário agir de forma concertada nestas várias frentes: a instrução pública, a biblioteca, o museu e a investigação arqueológica, a promoção dos avanços tecnológicos.” (Magalhães, 1995).

#### **1.4. Os Estatutos da Sociedade Martins Sarmento**

Segundo o livro de estatutos da Sociedade Martins Sarmento de 7 de Janeiro de 1882, este refere que esta Sociedade, criada em Guimarães, tem como principais fins:

*“1º Promover por todos os meios legais a criação de escolas e institutos de instrução popular quer primária, quer secundária, quer profissional;*

*2º Promover o adiamento dos alunos, distribuindo prémios aos que tiverem maior aproveitamento, e aos professores que mostrarem maior solicitude no ensino.*

*§ 1º Esta distribuição, quando tenha lugar, será sempre feita no dia 9 de março.*

*§ 2º A sociedade póde sob proposta da direcção, ou de qualquer socio, aprovada em assembleia geral, empregar quaesquer outros meios conducentes ao seu fim.”* (Sampaio, Meirelles e Junior, 1882).

Temos neste livro também e referente à direcção desta sociedade, os seguintes estatutos:

*“Art. 8.º A direcção é constituída por cinco vogaes effectivos, que d´entre si escolherão o presidente, secretario e thesoureiro; e por cinco supplentes para servirem no impedimento permanente dos effectivos.*

*§ 1.º No impedimento temporário do presidente tomará o seu lugar o secretario, e na falta d´este o thesoureiro; o secretario será substituído pelo vogal mais novo.*

*§ 2.º Quando tenham de ser chamados os supplentes dar-se-ha a preferencia aos mais votados, e em egualdade de votos aos mais velhos.”* (Sampaio, Meirelles, Junior, 1882).

Relativamente à eleição da direcção, este indica ainda mais alguns pontos no regulamento tais como:

*“Art. 9.º A eleição anual da direcção far se-ha em assembleia geral, e impreterivelmente no dia 9 de março de cada anno, qualquer que seja o número de sócios presentes.*

*§ único. A assembleia geral será para isto convocada por meio de annuncios nos jornaes da localidade com antecipaçaõ de oito dias pelo menos e determinaçaõ do local e hora da reunião.”* (Sampaio, Meirelles, Junior, 1882).

## 1.5. A Biblioteca

A biblioteca da Sociedade Martins Sarmiento surge num quadro de delegação de poderes feito pela Câmara Municipal de Guimarães, ou seja, cabia a esta, segundo decreto de 2 de Agosto de 1870, a organização e funcionamento de Bibliotecas. Então, e perante a evidente falta de uma biblioteca pública em Guimarães, Avelino da Silva Guimarães propõe que a Sociedade deveria pedir à Câmara Municipal a criação desta. A esse pedido foi respondido o seguinte:

“A vereação deliberou unanimemente organizar desde já uma biblioteca popular e confia-la nos termos do Decreto com força de lei de 2/8/70 á Sociedade Martins Sarmiento com a condição que mutuamente se combinarem”, este contrato acaba por ficar concluído em Maio de 1882, onde se estabeleceu, entre outras coisas, que a Câmara suportava os custos e a Sociedade o funcionamento da biblioteca (Martins, 2000).

“Assim aconteceu de facto, pelo que em conformidade com o acordo estabelecido entre as partes a Câmara Municipal concorreria com o mobiliário e com uma contribuição financeira, para além de se comprometer a depositar todos os seus fundos bibliográficos na referida biblioteca” (Magalhães, 1995). Vemos que o local onde a biblioteca se encontra hoje não foi o inicialmente escolhido, tendo sido primeiro colocada numa casa na Rua D.João I e apenas em 1887 se transferiu para o atual edifício da Sociedade Martins Sarmiento (Martins, 2000).

Sabemos também que, para além da biblioteca municipal anterior, a Sociedade Martins Sarmiento detinha a sua própria biblioteca, englobando o seu acervo bibliografia da própria Sociedade, mas também várias obras oferecidas. Ter em sua posse a gestão de duas bibliotecas, facilitaria e antevia a solução para o problema de a Câmara Municipal poder um dia retirar de lá o funcionamento da sua biblioteca (Martins, 2000).

Vemos que tanto uma biblioteca como outra contribuíram bastante para o desenvolvimento da população, tendo grande ação educativa e cultural, e onde acorriam cada vez mais pessoas, não apenas elites sociais, mas populares de classes mais baixas que começavam a incutir na sua rotina diária a visita á biblioteca (Martins, 2000).

## 1.6. Os museus da Sociedade Martins Sarmento (Museu Industrial)

Desde a sua criação que os elementos das várias direções da Sociedade Martins Sarmento, mas também grande parte dos seus sócios, tinham a convicção que era importante apostarem na criação de museus instalados na própria Sociedade. Inicialmente esta convicção era mantida devido ao facto do patrono da Sociedade, ter em suas mãos um grande espólio que havia descoberto na Citânia de Briteiros e no Castro de Sabroso, mas posteriormente a necessidade ou a ideia de criação de museus com vários temas tornava-se quase uma imposição para preservação do espólio (Martins, 2000).

Neste estudo que apresentamos não iremos abordar obviamente todos os museus que esta Sociedade criou, pois não é esse o seu objetivo, mas iremos abordar o que foi a ideia da criação de um Museu Industrial, alguns anos após a realização pela Sociedade Martins Sarmento da Exposição Industrial de 1884.

Vemos então que após a Exposição Industrial, por parte da direção que era encabeçada por Avelino Guimarães, surgiu a ideia da criação de um Museu, de forma a conservar todo o espólio resultado dessa Exposição, que estava nas mãos da Sociedade (Martins, 2000).

Avelino Guimarães afirmava então que:

*“[entre outras aspirações] virá a da criação de um Museu Industrial, onde a exposição permanente seja uma escola de largo ensinamento para as diversas classes de indústria. (...) é indispensável conserva-los [objetos oferecidos] considerando-os o primeiro núcleo de futuro Museu (...)”* (Salazar, 1884).

Já em 1899, segundo Martins (2000), o Vice-Presidente e Diretor da Biblioteca e Museus, Domingos Sousa Júnior, declarou, em relação ao Museu Industrial, que:

*“(...) essa falta tem sido notada cada vez mais e representa já hoje uma verdadeira e inevitável necessidade, em razão do desenvolvimento sucessivo dos diversos ramos da indústria local, principalmente nos últimos tempos, em que acompanhando o movimento geral do país, procuravam passar por uma completa transformação que lhes proporcionará um largo e esperançoso futuro. Não será pois ainda oportuna a ocasião de tentarmos*

*realizar esta antiga aspiração da Sociedade? Na resposta a esta pergunta não poderá haver hesitação”* (Pereira, 1899).

Esta proposta foi aprovada juntamente com outras no dia 19 de Junho em reunião extraordinária de direção (Martins, 2000).

Entretanto após a aprovação da criação do Museu Industrial vemos que se procedeu ao convite de todos os industriais locais, do concelho de Guimarães, para reunirem com a Sociedade Martins Sarmiento, a 7 de Janeiro de 1900, para assim se planificar o que seria o Museu Industrial. Logo no dia 8 de Janeiro de 1900 estipulou-se, em reunião extraordinária da direção, o regulamento que teria este novo Museu, tendo a notícia sido publicada e noticiada em vários jornais locais (Martins, 2000).

A criação deste Museu impulsionava bastante as atividade na Sociedade Martins Sarmiento, fazendo com que várias pessoas, umas de maior relevância e outras de menor, se juntassem a estas iniciativas, divulgando-as e participando nelas. Tudo isto faria com que cada vez mais a Sociedade fosse um ponto de referência cultural e de instrução, não apenas no concelho, mas alargando as suas fronteiras (Martins, 2000).



## **Capítulo 2. A Instrução em Guimarães nos finais do século XIX**

### **2.1. Exposição Industrial de Guimarães (uma breve nota)**

A Sociedade Martins Sarmento, afirmava-se então como polo cultural, mas também de instrução no concelho de Guimarães e além-fronteiras, e como tal decidiu em 4 de Dezembro de 1883 a organização de uma Exposição Industrial que acabou por decorrer nos dias 15 e 16 de Julho de 1884 no Palacete de Vila-Flor, e à qual acorreram vários milhares de pessoas. Esta Exposição acabará por ter um papel fundamental em mostrar ao resto do país a situação em que a indústria local de Guimarães se encontrava (Martins, 2000).

A Exposição, mostrava também o quão fundamental era a necessidade de investimento no ensino técnico e profissional, para conseguir dotar as populações do concelho de conhecimentos, para que posteriormente se conseguisse dar o passo do desenvolvimento industrial, e para isso era necessário investir em locais ou polos que detivessem esse conhecimento (Martins, 2000).

Entretanto, após a Exposição, redigiu-se o seguinte Relatório que foi enviado ao governo, salientando que “(...) aqui em geral queixam-se da falta de instrução que lhes é indispensável, e esperam ansiosamente a criação duma escola industrial que venha derramar a luz no meio das trevas que os cercam, (...) Uma escola industrial era o seu sonho” (Salazar, 1885).

### **2.2. A Escola Industrial Francisco de Holanda**

Em 15 de Dezembro de 1884 apresentou-se em reunião de direção da Sociedade Martins Sarmento, a criação da escola industrial. Esta escola tinha como intuito o ensino necessário para dotar as indústrias do concelho de pessoas com capacidades para gerar desenvolvimento industrial mas não só. O programa contemplava disciplinas como aritmética, geometria elementar e contabilidade industrial, desenho industrial e química industrial (Martins, 2000).

Já em 1887, a direção da Sociedade proporá ao Rei D. Luís I o seguinte:

*“ (...) A Sociedade Martins Sarmento (...) vem perante Vossa Magestade pedir que se crie junto da escola francisco de Holanda uma cadeira de língua francesa. (...) Esta acaba por ser criada. No mesmo pedido, pedem também que se crie cursos práticos virados para a indústria local e que se autorize a ida de 3 artistas para aprender novas técnicas no estrangeiro, subsidiados pelo estado. (A. D. 01-01-1887) ” (Martins, 2000).*

Vemos então que a Sociedade Martins Sarmento era conhecedora do que se passava em todo o país e seguindo os melhores exemplos, não obstante todas as dificuldades que encontrava, tentava a todo o custo implementar desenvolvimento no ensino, que Guimarães tanto necessitava.



### Capítulo 3. Os rostos da Criação e Fundação da Sociedade Martins Sarmiento

#### 3.1. José Bento da Cunha Sampaio



*José da Cunha Sampaio*

---

*Figura 1.* Retrato e respetiva assinatura de José da Cunha Sampaio (Castro, 1900).

Como não poderia deixar de ser, na constituição e fundação da Sociedade Martins Sarmiento, houve certamente algumas figuras de maior relevância que, para além de levarem o bom nome da Sociedade aos vários locais de relevância cultural a nível nacional, levavam esta além-fronteiras, fazendo com que a Sociedade tivesse cada vez mais um papel de destaque na instrução e desenvolvimento cultural e intelectual. Mas esta Sociedade foi também criada para, em primeiro lugar, homenagear uma ilustre e célebre figura tão acarinhada pela população de Guimarães, referimo-nos a Francisco Martins Sarmiento.

Para benefício e talvez pelos encantos que a cidade de Guimarães transmitia naquela época várias figuras de classes abastadas, resolveram para bem da população e do desenvolvimento da

cidade, investir no seu desenvolvimento instrutivo e cultural. O ano de 1884 foi de facto o ano de mudança para Guimarães mas, no entanto, esta iniciou-se alguns anos mais cedo.

*“...Para entender 1884 é preciso conhecer, em primeiro lugar, os seus obreiros. 1884 foi obra coletiva. Por aquela altura, Guimarães, reuniu uma plêiade de homens superiores que acreditavam que o progresso de uma população seria o resultado da elevação do nível de instrução dos seus membros. Então, por uma conjugação de circunstâncias irrepetíveis, reuniu-se em Guimarães, não uma geração, porque pertenciam a diferentes gerações, mas um conjunto de personalidades movidas pelos valores do progresso e da modernidade e partilhando preocupações filantrópicas e dedicação à coisa pública que, impelidas por um genuíno sentimento de patriotismo apegado a um ideal de desenvolvimento da sua terra, lideraram o processo de profunda renovação de Guimarães.”* (Sociedade Martins Sarmiento, Escola Secundária Francisco de Holanda e A Oficina, 2009).

Este processo de desenvolvimento e mudança antecipou-se ainda antes de 1884, cerca de dois anos antes, com a criação da Sociedade Martins Sarmiento, a qual, ao longo dos tempos foi promovendo conferências e cursos de desenho e de francês, dirigidos para os operários do concelho e os seus industriais (Sociedade Martins Sarmiento, Escola Secundária Francisco de Holanda e A Oficina, 2009).

Martins Sarmiento tinha então à sua volta um conjunto de homens notáveis, de grande força e influência, que lutavam para o desenvolvimento da cidade e foram eles próprios que protagonizaram a criação da Sociedade Martins Sarmiento. Entre estes, encontramos:

*“José Bento da Cunha Sampaio nasceu a 5 de Fevereiro de 1841 na quinta de Boamense, freguesia de Cabeçudos, do concelho de Famalicão. Foi filho do Dr. Bernardino de Sampaio Araújo, da mesma freguesia, e de D. Emília Ermelinda da Cunha Sampaio, de Guimarães.*

*(...) sob a direção desvelada de sua mãe, fez a sua educação literária; em Guimarães na aula do Tomás Guilherme; em Landim no colégio de João Luís Correia de Abreu, um emigrado realista, que vivera em Fontainebleau com o Sacra-Família; nos liceus de Braga e de Coimbra onde terminou os preparatórios. Em 1858, matriculou-se no 1º ano da Faculdade de Direito. No fim do 2º ano, tendo-se deixado comprometer numa dessas desordens, triviais em Coimbra, entre novatos e caloiros, foi riscado por dois anos, vindo assim acabar o seu curso em 1865.*

*Mal acabou de se formar, na ansia de recuperar o tempo perdido, veio logo para Guimarães (Novembro de 1865) praticar com o erudito e afamado jurisconsulto Bento António de Oliveira Cardoso. Em 1867, começou a advogar. A 24 de Outubro de 1868 casou com a Exma. Sra. D. Maria José Leal Sampaio, filha dos Exmos. Srs. (Sociedade Martins Sarmiento, Escola Secundária Francisco de Holanda e A Oficina, 2009).*

*António Vicente de Carvalho Leal e Sousa e D. Maria Henriqueta Lino Barreto Feio, da quinta do Mosteiro de Landim. (...) (Sociedade Martins Sarmiento, Escola Secundária Francisco de Holanda e A Oficina, 2009).*

*“(...) Entre esses rapazes, Antero do Qental tomara breve, pelo encanto que exercia sobre os seus companheiros, uma supremacia natural. Ao grupo dos seus amigos mais íntimos pertenceu José Sampaio com o seu irmão Alberto, Germano Meireles, Florido Teles, Frederico Filemon, Félix dos Santos, Santos Valente, os dois Machados de Faria e Maia, Alberto Teles, Anselmo de Andrade, José Falcão, Filomeno da Câmara, Lobo de Moura, A. Castelo Branco, Teófilo Braga e Manuel Arriaga. (...)” (Sociedade Martins Sarmiento, Escola Secundária Francisco de Holanda e A Oficina, 2009).*

Deste grupo, vemos que se formou a chamada Sociedade do Raio, onde José Sampaio fazia parte dos órgãos. Mais tarde, já a viver em Guimarães, integrou também o grupo dos cinco fundadores da Sociedade Martins Sarmiento:

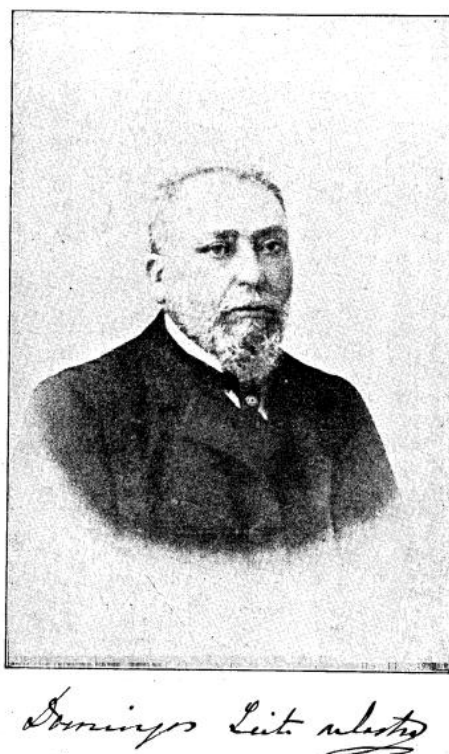
*“Foram cinco os seus membros, como todos sabem, e, dir-se-ia mesmo, que José Sampaio não podia viver ou trabalhar em comum senão com esse número. Fútil observação, mas curiosa coincidência! Foram cinco os membros do conselho supremo da Sociedade do Raio, cinco os fundadores da Justiça de Guimarães, cinco os da nossa Sociedade, cinco ainda os membros da família que constituiu, em que viveu e amou.” (Sociedade Martins Sarmiento, Escola Secundária Francisco de Holanda e A Oficina, 2009).*

*“Ainda mesmo a debilidade do seu organismo, minado pela doença, minado talvez em grau igual pelo excesso de trabalho cerebral, concorria ao mesmo efeito. Nas sessões solenes da nossa Sociedade, onde ele gostava de prodigalizar-se, sabendo como a sua oração era esperada, em outras ocasiões ainda onde se fizesse ouvir, tocado na alma da centelha da inspiração, o seu pobre corpo enervado vibrava todo, como uma corda metálica fortemente percutida. Quantas vezes eu pensei, que um pouco menos do prazer de o ouvirmos seria*

*útil para nós todos.*” (Sociedade Martins Sarmento, Escola Secundária Francisco de Holanda e A Oficina, 2009).

José Sampaio acabou por falecer poucos meses depois de Martins Sarmento, tendo este falecido em 9 de Agosto 1899 e José Sampaio, seu amigo, em 15 de Setembro (Sociedade Martins Sarmento, Escola Secundária Francisco de Holanda e A Oficina, 2009).

### 3.2. Domingos Leite de Castro



---

*Figura 2.* Retrato e respetiva assinatura de Domingos Leite de Castro (s.a., 1907).

Leite de Castro nasceu na freguesia de Nossa Senhora da Oliveira, a treze de Outubro de 1846 e faleceu em Cramarinhos, freguesia de Moure, a 10 de Setembro de 1916. Filho de António Leite de Castro e de D. Ana Emília da Costa Vaz Vieira, foi desde o início uma personagem do elenco da formação e criação da Sociedade Martins Sarmento (Almeida, 1992).

A ele se deve a criação da *Revista de Guimarães*, que virá a assumir uma grande relevância científica, e durante a sua vida, dedicou-se à investigação, mostrando sempre um grande carácter intelectual.

*“Já no jornalismo, tanto no 28 de Novembro, em que colaborou sob a direção do grande Alberto Sampaio, como no 17 de Julho, Leite de Castro, em linguagem de um talho sóbrio e elegante, aprofundava as questões com o critério lúcido e sorridente bonomia. Pertencera ao primeiro centro progressista, fundado pelo Conde de Vila Pouca, e, acompanhando a política discretamente, sem frios sectarismos, nela procurava desempenhar o papel difícil mas afeiçoado às suas qualidades diplomáticas, de conciliador, tendo em vista a congregação dos valores da sua terra.”* (Sociedade Martins Sarmiento, Escola Secundária Francisco de Holanda e A Oficina, 2009).

Por várias vezes, em jornais da época, mas também em revistas literárias (estas então mais raras), poderiam ler-se publicações de Leite de Castro, onde o seu carácter sentimental, irónico, literário e científico demonstrava os seus fortes conhecimentos, seguindo de perto os movimentos literários dos países mais cultos, conseguindo assim realizar uma verdadeira e detalhada análise das obras que se iam publicando (Freitas, 1922).

*“Leite de Castro podia contentar-se com ser um homem rico – o que já não é pouco. Mas tinha amor à sua terra e nobremente por ela trabalhou. Instruído, não se perdeu em vaidades nem se deixou levar por ambições. A sua linha era austera, mas doce, acolhedora. Proprietário, mediou as suas responsabilidades que se cria o homem que soube educar-se – e por isso mesmo se desvelou em atualizar o tratamento das suas quintas, favorecendo as classes rústicas.”* (Sociedade Martins Sarmiento, Escola Secundária Francisco de Holanda e A Oficina, 2009).

Durante uma fase da sua vida, Domingos Leite de Castro, abandonou Guimarães e o seu círculo de amigos, fixando residência numa aldeia “(...) entre o bocalismo dos campos e a adorável singeleza da vida pastoril (...)” (Freitas, 1922).

“Passado pouco tempo, porém, regressa de novo a Guimarães e dir-se-ia que foi a nostalgia da terra pátria que a isso o obrigou, se todos nós, vimaranenses, não soubéssemos que o amor pelo filho e a adoração pelos netos são nêle a árvore da vida, da vida ramificada e florida, cuja meiga, cariciosa e apetecida sombra nem a todos é dado fruir (...)”, regressando assim para as suas origens e para onde se sentia realmente bem, juntamente com aqueles que seguiam as mesmas ideias que ele (Freitas, 1922).

Aquando o seu regresso, encontra em Guimarães apenas um grupo reduzido de seguidores,

*“amigos e companheiros de outrora, espíritos de eleição norteados pelo mesmo ideal, devotados à mesma obra de engrandecimento e de progresso, já nenhum resta, já nenhum pode comunicar-lhe em horas de esperança e de viva fé, as suas aspirações, os seus desejos e os seus anelos pelo ressurgimento da pátria comum numa era de prosperidade e desenvolvimento a que eles antes se entregaram de alma, vida e coração, como pioneiros de uma grande, abençoada e generosa ideia!”* (Freitas, 1922).

Já não encontrara em Guimarães o mesmo número de amigos que o acompanharam outrora, e que tinha deixado quando decidiu sair, mas continuava a ser reconhecido como um homem ilustre e um dos grandes iniciadores da Sociedade Martins Sarmento.

### **3.3. Avelino da Silva Guimarães**



---

Figura 3. Retrato e respetiva assinatura de Dr. Avelino da Silva Guimarães (Roriz, 1902).

*“ (...) Nasceu no Miradouro, subúrbios de Guimarães, no dia 30 de Maio de 1841, sendo batizado na igreja de S, Miguel de Creixomil. Foram seus pais Joaquim José da Silva Guimarães, escrivão de direito nas comarcas de Basto e do Porto, e D. Custódia Constança de Gouveia e Silva. Aos treze anos de idade, frequentou latim na aula do falecido professor Venâncio, que durante muitos anos regeu com rara proficiência essa disciplina nesta cidade (...) ”* (Sociedade Martins Sarmento, Escola Secundária Francisco de Holanda e A Oficina, 2009)

*“Concluiu os seus preparatórios no liceu do Porto e em 1861 matriculou-se no primeiro ano da faculdade de direito na universidade de Coimbra, saindo bacharel formado em 1866. Doente já nesse tempo, a sua mocidade passava serena e calma, sem as expansões ruidosas dos vinte anos, que encontram nas margens do Mondego toda a poesia de uma época, que nunca mais volta. Avelino da Silva era um estudante inteligente e aplicado, sendo aprovado nemine em todos os anos. Na sua doença encontramos, certamente, o motivo por que não teve as distinções oficiais com que a universidade costuma galardoar os estudantes talentosos e aplicados. Deixou Coimbra aos vinte e cinco anos de idade (...)”* (Sociedade Martins Sarmiento, Escola Secundária Francisco de Holanda e A Oficina, 2009)

*“No ano de 1866 veio o Dr. Avelino da Silva fixar residência em Guimarães, onde estabeleceu banca de advogado.*

*Inteligente e estudioso, bem depressa o jovem jurisconsulto se afirmou uma esperança que mais tarde se converteu em realidade – eloquente nos seus discursos forenses, forte na sua argumentação, perspicaz e ativo, conhecedor, como poucos, das leis do seu país – o Dr. Avelino era, nos últimos tempos, considerado como um dos primeiros advogados da província.*

*Logo nos primeiros anos da sua carreira, em 1872, apareceu a questão Seco, que serviu para pôr em evidência as qualidades de lutador intransigente, que caracterizavam Avelino da Silva, e o edificante espírito de camaradagem que existia nos que com ele lutaram contra as prepotências do juiz que (...) ”* (Sociedade Martins Sarmiento, Escola Secundária Francisco de Holanda e A Oficina, 2009) *“(...) atropelava a justiça, recebia emolumentos indevidos e não cumpria a decisão de um tribunal superior a mandá-lo restituir; negava os recursos dos seus despachos; insultava e suspendia os advogados, mandando riscar nos seus escritos forenses o que lhe parecia ofensivo...”* (Sampaio, 1884).

“Trabalhador, como poucos, o Dr. Avelino era certo no seu escritório, rodeado de livros e de papel selado, ouvindo, atento e delicado, os que o consultavam, ou no tribunal defendendo as causas que patrocinava. Mas, quando a pátria chamava os seus filhos, ou para realizar um empreendimento de reconhecidas vantagens” (Sociedade Martins Sarmiento, Escola Secundária Francisco de Holanda e A Oficina, 2009), “(...) sociais, ou para repelir uma afronta, ele aí estava, na rua, no meio da multidão que ouvia sempre atenta e entusiasmada a palavra quente e vibrante

do ilustre causídico, que era também um eloquente tribuno e, sobretudo, um exímio patriota.” (Sociedade Martins Sarmiento, Escola Secundária Francisco de Holanda e A Oficina, 2009).

*“E é, principalmente, pelo seu patriotismo, revelado sempre nos seus escritos e nos seus discursos, nos seus projetos e nas suas obras, cujo objetivo era o derramamento da instrução nas camadas populares e o desenvolvimento da indústria e da agricultura, que Avelino da Silva Guimarães tem todo o direito a que o seu nome seja escrito no livro dos vimaranenses beneméritos e ilustres.”* (Sociedade Martins Sarmiento, Escola Secundária Francisco de Holanda e A Oficina, 2009).

Avelino da Silva Guimarães, aquando a reunião com os industriais, na Sociedade Martins Sarmiento, para assim se conseguir estabelecer as bases e iniciar os trabalhos, para a fixação nesta, de um museu, de carácter permanente dedicado às indústrias vimaranenses, com vista á promoção daquilo que melhor se fazia no concelho e acima de tudo, com vista a uma instrução cada vez mais e melhor da instrução popular, refere então, segundo algumas publicações da época: (Sociedade Martins Sarmiento, Escola Secundária Francisco de Holanda e A Oficina, 2009).

*“Treme-lhe a voz quando fala da Sociedade Martins Sarmiento. Não porque o atemorize o auditório – está muito habituado a falar em público; não porque lhe faltem palavras para exprimir os seus pensamentos – a frase sai-lhe sempre correctíssima; não porque esteja velho ou doente – rejuvenesce e avigora-se quando está naquela casa; mas porque o entusiasmo do seu coração de patriota põe-lhe tremuras na sua voz de orador de raça.”* (Sociedade Martins Sarmiento, Escola Secundária Francisco de Holanda e A Oficina, 2009).

*“O desenvolvimento industrial e agrícola do concelho de Guimarães merecia-lhe especial cuidado. Chegava a ser uma preocupação constante do seu espírito, que se revelava não só nos seus discursos e nos seus escritos, mas até nas suas conversas familiares.*

*Foi um dos beneméritos promotores da brilhante Exposição Industrial que se realizou em 1884 no palacete da Vila Flor e que constitui o início de uma nova era de prosperidades para a indústria vimaranense. Os seus escritos, especialmente os publicados na Revista de Guimarães; a Crise agrícola portuguesa que publicou em volume, as suas conferências na Sociedade Martins Sarmiento, a 1.º acerca da indústria vimaranense e a 2.º acerca da instrução popular; e a realizada em Maio de 1896 no Club Artístico Vimaranesense, cujo tema foi; “O desenvolvimento e independência política dependem da liberdade política e da*



*instrução geral e profissional”; a melhor e maior parte do produto da sua atividade assombrosa e do seu grande talento como publicista, orador e jornalista, visou aquele fim – o desenvolvimento industrial, o bem estar do operário, o progresso de Guimarães na sua riqueza – a agricultura – e na sua maior honra – a indústria.”* (Sociedade Martins Sarmiento, Escola Secundária Francisco de Holanda e A Oficina, 2009).

Avelino da Silva Guimarães era marcante nos seus textos, que publicava em vários jornais. A nível político era um democrata, “querendo uma administração digna e honrada”, com a participação de todos os cidadãos (Sociedade Martins Sarmiento, Escola Secundária Francisco de Holanda e A Oficina, 2009). Silva Guimarães acabou por falecer em 1901, a 18 de Maio, marcando para sempre, com a sua vida e obra, a história de Guimarães (Sociedade Martins Sarmiento, Escola Secundária Francisco de Holanda e A Oficina, 2009).

### 3.4. Avelino Germano da Costa Freitas



*Figura 4. Retrato e respetiva assinatura de Avelino Germano (s.a., 1907).*

*“O Dr. Avelino Germano, que faleceu na madrugada de terça-feira, era desde novo, desde 1865 em que se formou na Escola do Porto, uma figura de destaque no meio vimaranense.*

*O aprumo do seu andar, a sua voz com intonações de comando, o talhe hirto do seu bigode e pêra que branquearam cedo, ainda em plena idade viril, a correção do seu vestir, a alvura imaculada das suas gravatas brancas, o seu eterno charuto e a eterna flor da sua botoeira, assemelhavam-no a um desses valorosos militares a quem o constante exercício físico e o hábito da perpétua coragem conservam o verdor de uma mocidade que os anos levaram e a canície está contradizendo.”*

Médico dedicado e gratuito da Associação dos Bombeiros, quaisquer que fossem as obrigações que o prendessem, nunca deixava de comparecer à hora do dia ou da noite em que os seus serviços pudessem ser necessários, mesmo quando, no último quartel da vida, o seu organismo temia os frios e as humidades traiçoeiras de Guimarães.

Espírito altamente cultivado, coração generosamente patriótico, sempre cheio de calorosos entusiasmos que o rodar dos anos não logrou arrefecer, dedicando-se a:

*“uma profissão que o punha em constante contacto com as baixas camadas, descobrindo-lhe as mais profundas misérias sociais, cedo pôde constatar a lamentável falta de instrução das classes inferiores e, por isso, em 1881, o contámos entre os cinco homens verdadeiramente superiores que iniciaram a Sociedade Martins Sarmento, a honrosíssima instituição que presta homenagem a um nome glorioso dispensando um auxílio eficaz e crescente á instrução popular do concelho de Guimarães.”* (Sociedade Martins Sarmento, Escola Secundária Francisco de Holanda e A Oficina, 2009).

*“O Dr. Avelino Germano da Costa Freitas, filho de Matias Albino da Costa e Freitas e de sua esposa D. Francisca Cândida da Assunção Martins da Costa e Freitas, descendente de Jorge Mendes de Mesquita, grande benfeitor da Misericórdia, era natural desta cidade, onde nasceu a 6 de Novembro de 1842.*

*Formou-se em medicina na Escola do Porto em 1865, tendo sido, durante o curso, galardoado com accessits nas 8.º, 9.º, 10.º e distinção na 7.º cadeira da Academia Politécnica e com prémio na 8.º e 7.º cadeira da Escola Médica para cujo corpo docente chegou a ser convidado.*

*Exerceu gratuitamente, desde 1862, durante mais de trinta anos, o lugar de subdelegado de saúde do concelho de Guimarães. Foi, desde a sua fundação, médico gratuito e sócio honorário da corporação dos Bombeiros Voluntários de Guimarães. Foi ainda médico gratuito da Associação Artística Vimaranesa e sócio honorário da mesma Associação, e professor da cadeira de física e mecânica na Escola Industrial Francisco de Holanda, para que fora nomeado por decreto de 2 de Agosto de 1888. Foi ainda médico dos Hospitais da Misericórdia, S. Domingos, S. Francisco, S. Dâmaso e Asilo de Santa Estefânia.*

*Era condecorado com a medalha de prata ao mérito filantropia e generosidade (por havê-la preferido á ordem de Cristo), medalha que lhe foi conferida por decreto de 16 de Agosto de 1869 em virtude dos serviços prestados no pavoroso incêndio de 4 de Julho do mesmo ano que destruiu todos os prédios de lado norte do Toural.*

*Era sócio honorário e um dos cinco iniciadores da Sociedade Martins Sarmiento, promotora da instrução popular no concelho de Guimarães.” (Sociedade Martins Sarmiento, Escola Secundária Francisco de Holanda e A Oficina, 2009).*

### **3.5. Domingos José Ferreira Júnior**



---

*Figura 5. Retrato e respetiva assinatura de Domingos José Ferreira Júnior (s.a., 1907).*

Domingos José Ferreira Júnior, ao contrário dos restantes iniciadores da Sociedade Martins Sarmiento, não dispõe de qualquer informação que possa ser útil na construção de uma biografia, talvez devido à sua morte precoce, e de ter estado emigrado no Brasil durante vários anos.

### 3.6. Francisco Martins de Gouveia Sarmiento



---

*Figura 6.* Retrato de Francisco Martins Sarmiento (Sociedade Martins Sarmiento, s.d.).

Não podemos, obviamente, falar tanto da Sociedade Martins Sarmiento, como das ilustres personalidades que a iniciaram ou sobre os movimentos e causas que esta instituição abraçou ao longo dos tempos, sem deixar um capítulo ao homem pelo qual tudo foi criado e a quem se queria com ela prestar uma homenagem: falamos então do ilustre Francisco Martins Sarmiento.

Segundo o livro *Francisco Martins Sarmiento- Vida e Obra* de Sampaio (1999), no qual nos iremos focar para fazer este breve retrato, Francisco Martins de Gouveia Sarmiento, nasceu em Guimarães a 9 de Março de 1833, filho de Francisco Joaquim Gouveia de Morais Sarmiento e D. Joaquina Rosa d' Araújo Martins, era o único de entre os seus irmãos do sexo masculino e tinha no total quatro irmãs.

Martins Sarmiento vivia numa família bastante abastada e sempre foi muito empenhado na sua formação e estudos. Aos 8 anos entrou na escola primária em Guimarães, e posteriormente estudou latim no Colégio da Lapa no Porto. Já com os seus quinze anos concluiu os estudos preparatórios em Coimbra e matriculou-se na Universidade onde tirou o curso de Direito, acabando o mesmo em 1853 (Sampaio, 1999).

Herdeiro de grande fortuna após a morte dos seus pais, ficou a viver em Guimarães, onde morava tranquilamente num prédio que mandou construir e onde continuava os seus estudos na sua vasta biblioteca, na qual produziu várias obras, e onde acabou por falecer em 9 de Agosto de 1899 (Sampaio, 1999).

Martins Sarmiento era uma pessoa bastante simples, bem-humorado, falando com as pessoas de todas as classes sociais. Passava os invernos na antiga casa dos seus pais, onde lia bastante literatura romântica, mas também livros das ciências, com bastante regularidade e ao mesmo tempo estudava a famosa Citânia de Briteiros (Sampaio, 1999).

Um homem bastante culto, que detinha o dom da escrita, publicando regularmente nos jornais locais as suas inspirações, que eram lidas por todos aqueles que viam nele um exemplo.

Relativamente à sua obra científica, era bastante marcada pelo estudo da Citânia de Briteiros e do Castro de Sabroso, mas o seu grande objetivo era mesmo o conhecimento e origens etnológicas do povo português.

*“Sarmiento foi um etnólogo, como o documentam os seus trabalhos fundamentais e a índole dos seus escritos, daqueles que marcaram o rumo do seu pensamento de estudioso. Investigou e escreveu muito particularmente sobre Arqueologia também porque estava intrinsecamente ligada e era diretamente subsidiária da Etnologia, que foi um dos fulcros da sua curiosidade de investigador. Enquanto arqueólogo, e para além da preciosa contribuição que deu para o prestígio e afirmação da investigação arqueológica em Portugal, sempre norteou as suas investigações no sentido de esta ciência de carácter objetivo contribuir para poder documentar e contraprovar com ela as suas afirmações acerca das nossas origens.”* (Sampaio, 1999).

Martins Sarmiento definia o seu pensamento em poucas palavras “As minhas escavações tinham por único fim procurar elementos que me guiassem mais seguramente que os livros no problema das nossas origens étnicas, e nunca pretendi as honras de arqueólogo” (Sampaio, 1999).

Ainda segundo uma carta que Martins Sarmiento dirigiu a Pereira Caldas, *“Tomou-me muito tempo a filosofia e a história dos sistemas filosóficos, mormente no que tinham relação com as religiões e a psicologia. Desci das teorias ocas à escola crítica, e aí achei-me em melhor*

*terreno. Nestas santas disposições atirei-me á história, principalmente à história antiga, e, ia neste caminho, quando a Citânia me fez recuar até à pré-história” Sampaio, 1999).*

Na Sociedade Martins Sarmento existe ainda nos dias de hoje o Museu de Martins Sarmento e da Citânia de Briteiros (Sampaio, 1999), uma das causas que impulsionou a formação daquela Sociedade e que persiste por vários anos sem nunca deixar de ser um dos seus maiores marcos.





#### **Capítulo 4. Análise dos Inquéritos Industriais de 1881 (por setor de atividade)**

Para entendermos o estado das indústrias, com maior detalhe, antes mesmo da Exposição Industrial de 1884, é indispensável consultarmos o Inquérito Industrial de 1881.

Este inquérito, que analisaremos com detalhe, diz-nos que o mesmo foi realizado aquando a assinatura de um novo tratado comercial com a França, para assim se conseguir “modificar por outro tratado alguma das suas estipulações, e estabelecer outras novas em harmonia com as necessidades e estado atual das indústrias do país, depois de ouvir o parecer favorável do conselho geral das alfândegas e do conselho geral do comércio. Indústria e agricultura” (Ministério das Obras Públicas, Commercio e Indústria, 1883).

Vemos deste modo a intenção por parte do governo em conhecer o estado da indústria, para assim conseguir estabelecer da melhor forma os próximos tratados comerciais.

Os inquéritos industriais elaborados, eram então divididos por inquirições diretas, a cargo de uma comissão central diretora do Inquérito, que se dividia depois por várias outras comissões para cada distrito do reino.

“Esta comissão ficou composta de ministros de estado honorários, pares do reino, deputados, empregados de superior categoria, professores e escritores públicos. As comissões distritais foram presididas pelos governadores civis e auxiliadas por delegados da comissão central.”

Estes inquéritos eram ainda divididos de acordo com a metodologia: inquérito direto sob a direção de técnicos que faziam a visita às instalações industriais, ouvindo os representantes destas, explicando o tratado que se iria realizar e tentando perceber o estado da indústria de cada setor (Ministério das Obras Públicas, Commercio e Indústria, 1883). Já o inquérito indireto, foi aquele que ficou “mais defeituoso”, não grande tendo credibilidade, nem informações suficientes para uma análise assertiva do estado das indústrias.

Dos inquéritos industriais indiretos que foram distribuídos, 89% não obtiveram qualquer resposta.

De entre os questionários que foram devolvidos, vemos que algumas das respostas demonstravam grande interesse, mas grande parte delas não serviam para uma análise, talvez por os industriais não terem compreendido o intuito das perguntas.

Um dos problemas presente nos inquéritos, foi a forma como se realizou a sua distribuição, sendo que foram inquiridos, “todos os nomes que estavam inscritos nos mapas da contribuição industrial”, fazendo com que pequenas oficinas, sem qualquer relevância para a economia nacional, acabassem por receber os inquéritos, fazendo-os chegar depois às comissões centrais com informação pouco relevante, enquanto empresas de grande influência na economia, optavam por não fazer chegar os inquéritos às comissões ou por não disponibilizar as informações que se pretendiam, acabando por alguns setores de grande importância ficar sem quaisquer dados (Ministério das Obras Públicas, Commercio e Indústria, 1883).

“O governo precisava colher em brevíssimo prazo o maior número de esclarecimentos possível sobre as indústrias portuguesas, porque estava prestes a concluir um tratado de commercio”, ou seja vê-se que, neste ano, o governo não tinha na sua posse quaisquer documentos de relevância para uma análise, não tendo outra forma de o fazer senão desta e os inquéritos foram realizados em cerca de três meses. “ (...) Preferiu o governo alguma coisa indagar, que o habilitasse a julgar com conhecimento de causa da necessidade ou conveniência de conservar, alterar ou modificar diversos artigos da pauta, e a transmitir todos esses esclarecimentos ao negociador do tratado.” (Ministério das Obras Públicas, Commercio e Indústria, 1883).

Segundo os dados recolhidos num quadro que analisa os resultados a nível geral do reino, vemos que “a indústria melhor representada sob o ponto de vista numérico é a metalurgia com 171 [fábricas inquiridas], seguindo-se-lhe na ordem decrescente a de lanifícios com 161, a de vestuário com 134, a de algodão com 97, etc., sendo a de vidros com 5 a última da escala”.

Relativamente ao capital inicial, como melhor representada vemos a “tecelagem de algodão, linho e suas congêneres com 3.924:304\$000 réis, seguindo-se a de lanifícios com 2.732:364&000 réis, e logo a de tabacos com 2.555:000\$000 réis, ficando a metallurgia em quarto lugar com 1.954:857&500 réis, e sendo a ultima da escala a pyrothechnica com 16:245\$000 réis.”

Relativamente ao valor dos produtos, vemos que a ordem muda novamente e temos então o “tabaco com 5.621:560\$771 réis, seguindo-se-lhe a de algodão com 5.187:387\$517 réis, logo após a de lanifícios com 3.890:330\$550 réis, passando para o quarto lugar as indústrias alimentícias com 2.328:264\$900 réis, etc., continuando a pyrotechnica a ser a ultima da escala com 31:400\$600 réis.”

Se tivermos em conta a importância dos salários vemos que os “lanifícios (...) ocupam o primeiro lugar com 3:315\$135 réis, ocupando o segundo a de construções de alvenaria e pedra com 2:065\$380 réis, seguindo-se a esta a de algodão com 1:483\$440 réis, ocupando outra vez a metallurgica o quarto lugar com 1:463\$005 réis, e ficando no último a de cera com 7\$720 réis.”

Se optarmos por analisar a quantidade de operários que cada setor industrial comporta temos então a “indústria do algodão que occupa o primeiro lugar com 39:597, (...) o segundo a de lanifícios com 8:964, (...) vestuário com 5:328, (...) em quarto lugar a metallurgia com 5:215, e sendo última a da cera com 39.” (Ministério das obras públicas, commercio e indústria, 1883).

Os dados obtidos através do Inquérito Industrial de 1881, apontam para um total de 1:350 instalações fabris. No entanto, as fábricas agrupadas não foram contadas da mesma forma e caso o fossem o total seria de 3:776 instalações fabris. Os industriais acabaram por não responder a várias questões colocadas, deixando este Inquérito com uma análise questionável. Isto a nível nacional. (Ministério das Obras Públicas, Commercio e Indústria, 1883).

#### **4.1. Os Curtumes de Guimarães (Quadro nº6 do Inquérito de 1881)**

Analisando os dados presentes nos quadros deste Inquérito, pouca informação temos disponível relativamente ao concelho de Guimarães. A nível das fábricas de curtumes existentes na época, segundo o quadro número 6, temos a fábrica de António Peixoto de Mattos Chaves, com a nomenclatura dos produtos referente a bezerras e vitelas brancas, apresentando apenas o capital circulante de 35:000\$000 réis, não referindo o capital inicial e fixo. Relativamente à mão-de-obra e despesas gerais temos um valor de 1:680\$000 réis e relativamente ao valor dos produtos fabricados é de 20:000\$000 réis.

Esta empresa diz-nos ainda que dispõe de 20 tanques e emprega 12 operários varões e 4 menores, num total de 16 operários, sendo que o valor do salário relativo aos varões é de \$400 réis e o dos menores é de apenas \$200 réis (Ministério das Obras Públicas, Commercio e Indústria, 1883).

#### **4.2. A Metalurgia em Guimarães (Quadro nº9 dos Inquéritos de 1881)**

Relativamente ao setor da metalurgia, presente no quadro número 9 do Inquérito Industrial, referente ao concelho de Guimarães, apresenta a fábrica de Joaquim José de Oliveira da Silva Guimarães, com a nomenclatura de produtos referente a objetos de fundição e serralharia, com sede na Rua de Gil Vicente, com data de fundação de 1870, não apresentando valores de capital, dando apenas o valor da mão-de-obra e despesas gerais de 3:168\$000 réis.

Esta empresa empregava 1 mestre varão, com o salário de 1\$200 réis, tendo ainda mais 26 operários varões, com um salário de \$360 réis, num total de 27 operários (Ministério das Obras Públicas, Commercio e Indústria, 1883).

#### **4.3. O setor do Papel em Guimarães (Quadro nº11 dos Inquéritos de 1881)**

Seguindo agora para o quadro nº 11, referente ao setor do papel, vemos que no concelho de Guimarães, apenas é referida novamente uma empresa de Ribeiro & C.<sup>a</sup>, onde a natureza dos produtos é referente a papel almasso e de embrulho, com sede em Ante-Villar e com a data de fundação de 1815.

Esta empresa apresentava um capital inicial de 2:050\$000 réis, não dando dados relativos a capital fixo ou circulante. A nível do valor da mão-de-obra e despesas gerais refere 1:137\$000 réis e relativo ao valor dos produtos fabricados 3:550\$000 réis.

O número de operários é de 12 varões, 9 fêmeas e 2 menores, num total de 23 operários. Relativamente aos salários temos o valor de \$240 réis para os operários varões, \$90 réis para as

fêmeas e para os menores o valor de \$50 réis. (Ministério das Obras Públicas, Commercio e Indústria, 1883).

#### **4.4. Tecelagem de Algodão de Guimarães (Quadro nº15 dos Inquéritos de 1881)**

Para finalizar esta parte inicial de análise do Inquérito Industrial de 1881, referente aos gráficos onde consta informação da indústria de Guimarães, temos então o quadro n.º 15, relativo ao setor da Tecelagem de Algodão, em que nos é apresentada novamente apenas uma indústria, com 100 teares ao domicílio, e onde a natureza dos produtos se refere a tecidos de linho e algodão.

Esta empresa não indica qualquer tipo de capital, dando-nos apenas o valor das matérias-primas de 12:600\$000 réis e o valor de mão-de-obra e despesas gerais de 14:400\$000 réis, tendo em sua posse para produção o número de 100 aparelhos, possivelmente teares. Relativamente ao número de operários empregados e sem nos dispor de grandes números ou indicadores que possibilitem uma análise mais detalhada, refere 100 operários sem distinção, não apresentando qualquer outro número (Ministério das Obras Públicas, Commercio e Indústria, 1883).



## **Capítulo 5. Inquérito Industrial de 1881 (2ª parte- visita às fábricas)**

Analisando agora a segunda parte do Inquérito Industrial de 1881, esta comporta o chamado Inquérito direto, ou a visita às fábricas, de Norte a Sul de Portugal, com maior relevância em cada setor industrial, tanto a nível concelhio como distrital. Para o estudo que nos interessa, analisaremos apenas os dados referentes ao distrito de Braga, mais propriamente ao concelho de Guimarães, estando este já nesta época a dar os primeiros passos no processo industrial, o que se vai refletir num considerável desenvolvimento económico nos anos seguintes.

### **5.1. A Indústria do ferro em Guimarães**

Segundo os dados presentes nesta segunda parte do Inquérito Industrial, vemos que relativamente ao concelho de Guimarães, e dirigindo-nos de imediato apenas para a análise dos principais setores de atividade, a indústria do ferro tem bastante relevância. Segundo o Inquérito Industrial, este setor prevalece em pequenas oficinas, de carácter domiciliário, com poucos trabalhadores, sendo depois os produtos vendidos ao fim-de-semana (sábado), aos comerciantes, consoante o preço já regulamentado e não pelo valor que os pequenos industriais pretendiam (Comissão Central Diretora do Inquérito industrial, 1881).

As encomendas dos produtos eram feitas diretamente ao comerciante, que por sua vez as distribuía pelos seus operários. Em Guimarães, um dos principais comerciantes era Augusto Mendes da Cunha, na rua de Santo António e os seus operários poderiam ganhar cerca de \$200 a \$300 réis por dia.

Os produtos mais valorizados nesta zona eram principalmente as cutelarias, variando nos seus utensílios com cabos de pau, osso e até mesmo chifre, os quais ditavam o seu valor. Eram também produzidos em quantidade significativa as tesouras, navalhas, canivetes e os mais variados objetos de “ferro batido”.

*“Os preços de facas e garfos, por exemplo, vão de 1\$000 réis a duzia, sendo os cabos de ferro até 5\$000 réis. Se os cabos são de osso, de 2\$500 a duzia até 6\$000 réis. As tesouras regulam de 25 réis a 6\$000 réis cada uma. Pela mesma forma centralizam estes*

*comerciantes a fabricação de pentes de chifre, de que em Guimarães se produz cerca de 12:000 duzias por anno, custando de 120 réis até 400 réis a duzia.”* (Comissão Central Diretora do Inquérito industrial, 1881).

Todos os artigos teriam no seu fim a venda pelas várias regiões do reino e até mesmo fora deste. A nível de maquinaria e pessoal qualificado, vemos que os mesmos não são muito desenvolvidos e não têm grandes qualificações profissionais, mas mesmo assim, a indústria de cutelaria apresentava um considerável desenvolvimento, competindo mesmo com os produtos no mesmo setor, importados do estrangeiro (Comissão Central Diretora do Inquérito industrial, 1881).

“Em todo o concelho de Guimarães o número de operários empregados n`esta indústria não é inferior a mil, e o valor da produção andar´a por 100:000\$000 réis.” (Comissão Central Diretora do Inquérito industrial, 1881).

## **5.2. Tecidos de linho e algodão**

Relativamente aos tecidos de linho e de algodão, outro setor industrial bastante importante a nível económico no concelho de Guimarães, este registava a mesma situação da indústria do ferro, com produção em pequenas indústrias domiciliárias. Neste sistema, os comerciantes forneciam aos seus operários os teares e os fios, necessários para a produção e por sua vez, estes produziam e vendiam aos comerciantes a “teia”, nome dado ao conjunto de linho e algodão depois de passar pelos vários processos de fabrico. Era o conhecido sistema de indústria ao domicílio.

Temos como principal comerciante o Sr. António da Costa Guimarães, na rua de Santo António, tendo este cerca de 100 operários e utilizando como matéria-prima o fio de linho e algodão, que comprava tanto em Portugal como no estrangeiro.

*“As matérias-primas que emprega são o fio de linho e algodão, o linho é português, e cerca de 12:000 quilogramas importado da Irlanda, no valor de 12:000\$000 réis. O fio de algodão simples e cru é da fábrica do Bugio, em Fafe.*

*A quebra do linho depois de tecido é de 12 por cento com respeito á matéria-prima. O preço da fabricação de cada metro de linho tecido orça por 60 réis, podendo cada operário produzir cerca de 6 metros por dia. O algodão atoalhado é tecido em cru e branqueado em*



*peça. Os preços dos guardanapos em cru são de 25 réis a 80 réis cada um. Os branqueados de 90 réis a 100 réis cada um. Toalhas de mesa de 150 réis a 600 réis cada uma. O lavor d' estas é o conhecido, olho-de-perdiz e o ponto de sarja. O atoalhado de algodão adamascado tem os seguintes preços: Guardanapos, duzia: de 800 a 1\$200 réis; Toalhas medindo 2metros, 80 x 1,70 1\$200 réis cada uma, e d' ahi para cima proporcionalmente.”* (Comissão Central Diretora do Inquérito industrial, 1881).

*“Os tecidos lisos, vulgarmente chamados pannos de linho, fabricam-se ali de diversas larguras e finura, a preços que vão de 200 réis o metro até 900 réis. Nas maiores larguras de 2metros, 30 ou 2metros, 50 ou 2metros, 80 os preços podem ir de 1\$400 réis o metro.”* (Comissão Central Diretora do Inquérito industrial, 1881).

Neste setor, vemos que existe uma carência de inovação e de implementação de novos utensílios, bem como de pessoas instruídas para trabalhar com maquinaria mais avançada. Esse esforço de inovação é percebido nos comerciantes e industriais que o adotam gradualmente (Comissão Central Diretora do Inquérito industrial, 1881).

Vemos também que este setor produz uma vasta e diversificada produção com a mesma matéria-prima, tais como, toalhas de linho cruas, sarjadas e adamascadas para as mãos e para a mesa; cobertores e colchas de linho, fio de linho tecido de vários números e ainda meias de linho em grande quantidade de tecidos (Comissão Central Diretora do Inquérito industrial, 1881).

### **5.3. A fundição, serralharia e moagem**

Relativamente a este setor, temos como principal industrial em Guimarães, Joaquim José de Oliveira da Silva Guimarães, na rua de Gil Vicente, que possui já uma máquina a vapor a auxiliar a produção, tendo esta sido fabricada em Portugal. Tem a seu encargo 26 operários que recebem entre \$120 réis a \$600 réis diários, bem como um mestre construtor que recebe 1\$200 réis diários. A nível da matéria-prima, utiliza carvão vindo do Porto, a 7\$500 réis a tonelada, consumindo 30 quintaes semanalmente.

Parte da força que a máquina a vapor produz, acaba por ceder a uma indústria de moagem, pertencente a Francisco Joaquim da Costa Magalhães, produzindo farinha de trigo, milho

e centeio, que fornece para Guimarães e zonas periféricas, Fafe e Vila Nova de Cerveira. Nesta mesma fábrica tem a seu cargo 6 operários que recebem cerca de \$300 réis diários, dando uma produção de cerca de 16 alqueires de farinha por hora (Comissão Central Diretora do Inquérito industrial, 1881).

#### **5.4. A Produção de curtumes**

Este setor é um dos principais para a análise económica de Guimarães em finais do século XIX, tendo uma produção de cerca de 1.000:000\$000 anuais, e empregando cerca de 300 operários.

Aqui foi questionado um importante industrial do setor, o Sr. António Peixoto de Matos Chaves, no Largo do Toural, o qual indicou que importava bastante matéria-prima, vinda principalmente do Brasil, mas também procurava comprar matéria-prima nacional em diferentes partes do país.

A sua indústria comportava 20 tanques, tendo a seu cargo 20 homens e 4 rapazes (crianças), ganhando os homens \$400 réis diários e os rapazes \$200 réis (Comissão Central Diretora do Inquérito industrial, 1881).

*“O seu mercado é todo o paiz. O preço dos bezerros brancos que fabrica orça por 1\$800 réis cada Kilogramma. Só produz bezerros e vitellas brancas e alguns meios de sola; não pôde fabricar os couros tintos, nem os marroquinados ou envernizados. Nos bezerros tintos não alcançam a perfeição franceza, por ignorarem os processos por que são conseguidos; todos os esforços até hoje feitos para imitar o acabamento francez têm sido improficuos.”*  
(Comissão Central Diretora do Inquérito industrial, 1881).

O relatório desta visita indica-nos ainda que as peles brancas produzidas por este industrial competiam com as estrangeiras, mas relativamente às peles tingidas, acabavam por não conseguir atingir a perfeição das produzidas em França (Comissão Central Diretora do Inquérito industrial, 1881), o que decorria do facto de não dominarem inteiramente o processo de tinturaria, para o qual eram necessários conhecimentos de química.

## **Capítulo 6. Análise do Relatório da Exposição Industrial de Guimarães de 1884**

### **6.1. A Economia e Sociedade Vimaranense**

Para uma análise detalhada da sociedade e economia que marcava o quotidiano das populações nos finais do século XIX, é muito importante analisarmos o Relatório da Exposição Industrial de Guimarães de 1884. Este, elaborado por Joaquim José de Meira e Alberto Sampaio, constitui um dos escassos documentos, e de maior relevância para uma análise detalhada “do valor e do significado industrial do concelho... assim como para a compreensão das suas características fundamentais.” (Cordeiro, 1991).

Em finais do século XIX, a sociedade portuguesa, de Norte a Sul era marcada por um tremendo analfabetismo, que constituía um obstáculo para o desenvolvimento económico e industrial do país. Este analfabetismo atingia cerca de 80% da população. No entanto, temos também uma falta de dados estatísticos para uma análise aprofundada desta época o que dificulta ainda mais a sua análise (Cordeiro, 1991).

Em Guimarães, como no resto do país, a maior parte da população detinha quando muito, apenas o ensino primário. Perante isto, era necessário e urgente implementar medidas de instrução, coisa que preocupava tanto o poder local como também as instituições culturais e instrutivas com relevância no concelho de Guimarães.

A Sociedade Martins Sarmento criou então nesta época, duas aulas, uma de Francês e outra de Desenho, numa iniciativa de promoção da instrução dos operários, tendo estas sido recebidas com grande êxito (Cordeiro, 1991).

A par disto, a Sociedade Martins Sarmento, organizaria a Exposição Industrial de Guimarães de 1884, com dois principais objetivos, “por um lado realçar a importância da indústria no conjunto das atividades económicas do concelho; por outro, chamar a atenção do poder central, para a necessidade urgente de este lhe conceder “a indispensável proteção a que tem direito”, a qual passava em grande parte pela criação da instrução profissional.” (Cordeiro, 1991).

Segundo documentação do *Diário do Governo*, o responsável pela elaboração do Relatório da Exposição, Gustavo Adolfo Gonçalves e Sousa, afirmava que:

*“Enquanto noutras localidades a maior parte dos industriais pedem a proibição da entrada dos produtos estrangeiros, e se queixam do peso dos tributos, aqui em geral queixam-se da falta de instrução que lhes é indispensável, e esperam ansiosamente a criação de uma escola industrial que venha a derramar a luz no meio das trevas que os cercam” (Diário do Governo, 1884).*

Vemos então que uma das motivações principais para a realização da Exposição Industrial de Guimarães era a necessidade urgente da criação de uma instituição de ensino técnico e profissional – que vai acabar por ser criada a 3 de Dezembro de 1884 –, a tão aguardada Escola Industrial Francisco de Holanda, “abrangendo as cadeiras de geometria elementar, contabilidade, desenho e química industriais (...) e em 1891 é-lhe acrescentado o ensino de serralharia, cutelaria, fiação, tecidos e ainda, de labores femininos” (Cordeiro, 1991).

Em Guimarães, um dos motivos fundamentais, mas não o único, para a existência do atraso a nível industrial e económico era, de facto, a falta de instrução nos mais variados ramos, a falta de técnica e de bases essenciais, nas tinturarias, curtumes, cutelarias e outras, afetavam em grande escala uma produção que poderia ser de grande qualidade (Cordeiro, 1991).

A Sociedade Martins Sarmento não se ficou apenas pela elaboração desta Exposição. Posteriormente a esta, iniciou-se a ideia de usar o espólio que tinha estado patente ao público na criação de um Museu Industrial em Guimarães, o que obteve aprovação de todos quantos estiveram presentes na apresentação desta ideia (Cordeiro, 1991).

Segundo os dados que são apresentados neste Relatório, que são de facto indispensáveis para uma melhor análise do panorama industrial de Guimarães, este apresenta uma insistência no atraso do processo de fabrico com o uso de maquinaria rudimentar:

*“ainda não tinha visto nascer a fábrica moderna, com maquinaria cada vez mais aperfeiçoada, com novos métodos de fabrico permitindo uma crescente produtividade e a diminuição dos respetivos custos de produção, com a concentração da mão-de-obra operária, e com progressivos investimentos de capital” (Cordeiro, 1991).*

Por todo o concelho de Guimarães, a nível Industrial, persistia em força a indústria ao domicílio, apesar de existirem também indústrias que produziam nas suas instalações o produto final. Era através de pequenas oficinas, pertencentes a famílias de operários, que recebiam a matéria-prima e fabricavam os produtos em casa que depois eram levantados para ser vendidos.

Assim sendo, o Relatório da Exposição Industrial chama-nos atenção para o facto de a indústria estar estabelecida em pequenas indústrias espalhadas por várias freguesias de carácter rural (Sampaio e Meira, 1991).

Esta característica, de indústria domiciliária, presente em grande escala em vários sectores económicos do concelho, é o chamado *putting-out*, e os comerciantes que levantavam os produtos depois de estes estarem acabados assumem-se como *verlagers* ou seja o empresário que fornece a matéria-prima aos artesãos (pequenos fabricantes domiciliários), para depois comercializar o produto acabado que era vendido no mercado; esta “troca” realizava-se normalmente aos sábados (Cordeiro, 1991).

“ (...) *Os mestres trabalham, ou por conta dos negociantes da cidade, ou se trabalham por sua conta têm quase a certeza de lhes vender a obra que produziram*” (Cordeiro, 1991).

Impulsionado por esta ruralização das oficinas, sem acesso à inovação, “ (...) *os processos empregados no fabrico dos diversos produtos são os mais rudimentares: predomina em todo o concelho a pequena indústria (...)*” (Diário do Governo, 1884)

As encomendas feitas pelos comerciantes aos seus vários produtores ou artesãos rurais, onde por vezes já estavam a lucrar com a venda da mão-de-obra, bem como com o preço que já estaria estabelecido para a compra do produto final, tinha além disso um prazo de execução bastante curto. Esta situação dificultava ainda mais a boa qualidade das peças, mas também a uniformidade das mesmas, que apesar de produzidas em diferentes locais, levavam no final o cunho do comerciante, ou a marca oficial de que este era detentor (Sousa, 1918).

Em jeito de conclusão, vemos que a indústria vimaranense tinha três principais aspetos de salientar: a carência de capital humano, atraso na mecanização e por último a persistência em grande escala e por importantes setores económicos industriais do *putting-out*.

A economia vimaranense era nesta época marcadamente carregada de uma população e de um contexto envolvente bastante rural e conseqüentemente agrário, onde grande parte da população tinha como principal meio de sustento a agricultura, sendo por isso populações com poucas capacidades económicas e com baixo rendimento. Tudo isto provocava uma procura maior pelo produto feito em casa de forma manual e artesanal, não existindo grande poder de compra, não podendo as indústrias aumentar significativamente a sua produção para evitar o excedente.

A par disto vemos fatores políticos, sociais e institucionais que ajudavam ainda mais a esta inércia, aliado a uma carência de capital por parte dos industriais, quer para inovação e modernização, quer para implementação de novos polos industriais.

O início da industrialização em Guimarães vai ser marcado e dará os seus primeiros passos a partir da Exposição Industrial de Guimarães de 1884.

## 6.2. Análise e divisão da Exposição Industrial de 1884

<b>Rés-do-Chão</b>				
<b>Nº da Sala</b>	<b>Classe</b>	<b>Setor</b>		<b>Nº de expositores</b>
<b>1ª sala</b>	Classe 42º	Couros Cortidos e Aparelhados		18
<b>2ª sala</b>	Classe 28º	Calçado	Luxo	3
			Uso popular	4
	Classe 27º	Objetos de Viagem: selaria e correame		3
<b>3ª sala</b>	Classe 1º	Papel		1
	Classe 2º	Tipografia		2
	Classe 4º	Fotografia		2
	Classe 6º	Flores e Frutas Artificiais		13
	Classe 23º	Chapelaria		1
	Classe 24º	Obras de Sirgueiro		1
	Classe 35º	aparelhos de pesca		2
	Classe 25º	Obras de Alfaiate		2
	Classe 26º	Confeções		1
	Classe 3º	Encadernação		1
<b>4ª Sala</b>	Classe 13º	Ourivesaria		9
	Classe 14º	Relógios		1
	Classe 17º	Fio de Linho		1
	Classe 20º	Roupa branca lisa e bordada; meias lisas e abertas; colchas e toalhas de croché; bordados a cores, fio de prata, de ouro; etc.		33
	Classe 19º	Tecidos brancos de linho e algodão		1
	Classe 22º	Tecidos de linho e lã		1
<b>5ª Sala</b>	Classe 18º	Linho		0
	Classe 19º	Tecidos brancos de linho e algodão		0
	Classe 20º	Roupa branca, lisa e bordada; meias lisas e abertas; colchas e toalhas de croché; bordados a cores, a fio de prata, etc.		14
	Classe 22º	Tecidos de Linho e Lã		1
<b>6ª Sala</b>	Classe 21º	Cotins e riscados de algodão tingidos, cotins de linho cru e tingidos		2
	Classe 43º	Tinturaria		3
<b>Vestibulo e 7ª Sala</b>	Classe 16º	Obras de Colchoeiro		1
<b>8ª e 9ª Sala</b>	Classe 9º	Cutelaria		7
	Classe 15º	Pentes e outros artigos de Chifre		5
	Classe 8º	Esporas, freios, etc		2
<b>Corredor à direita do átrio</b>	Classe 11º	Obras de Caldeireiro		1
	Classe 12º	Obras de Latoeiro		2

Tabela 1. Setores por classes presentes na Exposição Industrial de 1884, rés-do-chão.

Primeiro Andar			
	Classe	Setor	Total
Pátio das Escadas	Classe 30°	Utensílios Industriais	1
	Classe 36°	Produtos Agrícolas não Alimentares	1
	Classe 31° e 32°	Farinhas e Pão	1
	Classe 33°	Confeitaria, Açúcar Refinado, Etc	7
	Classe 41°	Águas Minerais	2

Tabela 2. Setores por classes presentes na Exposição Industrial de 1884, primeiro andar.

Anexo			
	Classe	Setor	Total
<b>1ª Sala à Direita</b>	Classe 5°	Móveis e objetos de decoração de habitações	11
	Classe 34°	Produtos de Exploração Florestal	1
<b>2ª Sala</b>	Classe 8°	Serralharia e Fundição	2
	Classe 10°	Funilaria	2
	Classe 29°	Carruagens e outros veículos	1
<b>3ª Sala</b>	Classe 7°	Olaria	4
	Classe 37° e 38°	Sabão, sebo em bruto, refinado e velas	1
	Classe 39°	Cera	2
	Classe 40	Cola	1

Tabela 3. Setores por classes presentes na Exposição Industrial de 1884, anexo.



### 6.3. O que Significou a Exposição

O Relatório da Exposição Industrial de Guimarães de 1884 (Sampaio e Meira, 1991), responde a algumas questões, que são de facto essenciais, para percebermos a importância e o estado da indústria em Guimarães, nos finais do século XIX. Uma das questões em que o inquérito se debruça é “O Significado da Exposição Industrial de Guimarães”.

Guimarães, no final do século XIX, pretendia mostrar e dar a conhecer ao resto do país e mesmo ao estrangeiro, a forma como a indústria e a economia se desenvolvia, e as carências de que padecia. A Exposição procurava constituir um ponto de partida para o desenvolvimento dos diferentes setores industriais de forma a reorganiza-los e aperfeiçoa-los. Outra das razões da organização da Exposição, era também o facto de poder beneficiar do caminho-de-ferro, que tinha acabado de chegar a Guimarães, ligando assim esta cidade ao resto do país, facilitando toda a economia, com a melhoria do setor dos transportes, não apenas de pessoas, mas de mercadorias, que tinham agora um caminho mais facilitado para o comércio e tudo que dele advinha (Sampaio e Meira, 1991).

No discurso de abertura da Exposição Industrial de Guimarães, o Barão de Pombeiro, refere no seu discurso o seguinte:

*“As exposições são um dos mais fortes elementos para rejuvenescer e aperfeiçoar as indústrias, Guimarães, uma das terras mais industriais de Portugal e que se ufana de contar já em remotas eras artistas distintos, tinha necessidade que este elemento de educação a viesse bafejar”* (Sampaio e Meira, 1991).

Assim sendo, Guimarães, já desde tempos longínquos que era reconhecida como uma região onde existia uma predominância da indústria, tendo na sua mão-de-obra artistas capazes de produzir peças de relevo. Contudo, as técnicas e a maquinaria usada era bastante obsoleta, não estando esta cidade adaptada para o processo industrial, faltando-lhe a parte da instrução operária (Sampaio e Meira, 1991).

Ainda no seu discurso refere que foi graças aos esforços da Sociedade Martins Sarmento, um centro de conhecimento, intelectual, cultural e de instrução, que se conseguiu a realização desta Exposição, através de um trabalho em conjunto com os industriais do concelho que se quiseram unir a esta instituição (Sampaio e Meira, 1991).

“(…) A Exposição Industrial foi de todas a que se julgou mais adaptada ao meio em que atualmente vive Guimarães, e por isso aquela de que mais resultados práticos se podiam auferir” (Sampaio e Meira, 1991).

Já perto do fim do seu discurso, diz-nos que na Exposição Industrial, é possível mostrar o quão valiosa é a indústria de Guimarães, nos seus variados ramos de atividade e assim sendo, conseguir chamar atenção através desta, para o poder central, a fim de este introduzir, nesta zona geográfica e em toda a sua indústria e economia, proteção e investimento, que era urgente para a continuidade e evolução da economia em Guimarães (Sampaio e Meira, 1991).

Durante a abertura da Exposição Industrial, temos também descrito no seu Relatório, o discurso do Presidente da Câmara Municipal de Guimarães, que em outras palavras, refere que através da Exposição se consegue um duplo fim, ou seja, com a realização “criar estímulos”, que conduziram ao “aperfeiçoamento”, mas ao mesmo tempo consegue-se “afirmar” a indústria de um concelho, da forma mais positiva que se poderia fazer, num local onde se deu a primeira Exposição de carácter apenas industrial, que alguma vez se tinha feito (Sampaio e Meira, 1991).

Em jeito de finalização diz ainda que:

*“D`esta Exposição se esperam as mais efficazes lições; e se é certo que a indústria não pode subsistir nos tempos modernos sem a instrução profissional, e que o futuro de Guimarães está ligado ao aperfeiçoamento das suas industrias, a consciência d`esta verdade levar-nos-á, a nós, os filhos d`esta nobre e briosa terra, a empregarmos todos os nossos esforços para conseguirmos por todos os modos aquella instrução profissional. Quem ousa o que nos ousamos, não deve, direi mais, é-lhe impossível parar no caminho encetado”.*

Apontando mais um dos objetivos da Exposição Industrial de Guimarães de 1884, de se estabelecer em Guimarães uma escola técnica e profissional, com aulas especializadas, a fim de instruir a população operária e criar mestres para os mais variados setores (Sampaio e Meira, 1991).

## **Capítulo 7. A economia Portuguesa e de Guimarães nos finais do século XIX**

### **7.1. Panorama Económico de Portugal entre 1870 e 1914**

No último quartel do século XIX regista-se um progresso na organização fabril e da adoção e aumento da produção mecanizada, através do uso de maquinaria movida a vapor.

Este processo teve como consequências diretas “o alargamento do mercado, um aumento da especialização da produção, a criação duma rede de transportes moderna, o aparecimento dos bancos e a assimilação da tecnologia moderna por alguns sectores da economia” (Reis, 1987).

Os setores de atividade, onde inicialmente se notou um grande impulso e tentativa de reestruturação foram essencialmente o têxtil, tabaco, moagem e fertilizantes químicos. Contudo, em Portugal, predominava ainda o setor da agricultura como atividade principal a nível económico, existindo vários fatores apresentados para este atraso e estagnação tais como, a depredação causada pelas invasões francesas no nosso país, a perda do Brasil, bem como o contexto de agitação social e guerra civil e as lutas que se lhe seguiram até meados do século XIX. A par disto temos também uma grande concorrência exercida pelos países estrangeiros, que beneficiavam de melhores acordos económicos que os de Portugal e produziam produtos de elevada qualidade, os quais o país não conseguia competir, bem como um preço mais baixo devido à utilização de maquinaria moderna, ao acesso a matéria-prima e mão-de-obra mais barata (Reis, 1987).

Outro fator muito importante que justifica este atraso de Portugal relativamente a vários países da Europa é a prevalência interna de um mercado bastante pequeno, onde a procura era pouca e prejudicada por uma economia baseada maioritariamente pela agricultura, onde as populações eram maioritariamente de classe baixa, não tendo grande poder de compra. Esta ausência de capital refletia-se também nos industriais e comerciantes da época, o que agravava ainda mais a situação; a juntar a isto temos grandes défices a nível do ensino técnico (Reis, 1987).

Por último, em Portugal prevalecia uma burguesia, dividida e fraca, com um carácter pouco interventivo no poder central, não exercendo grandes influências para a capitalização no setor (Reis, 1987).

## **7.2. O crescimento registado em Guimarães**

Após apresentarmos uma breve análise da situação económica de Portugal, entre os anos de 1870 e 1914, é fundamental analisarmos, nesta fase, a situação económica de Guimarães, nas últimas décadas do século XIX, de uma forma mais aprofundada do que aquilo que já realizamos em páginas anteriores.

Para falarmos da situação económica de Guimarães neste espaço temporal, temos obrigatoriamente de começar por referir um dos principais elementos que foram construídos e implementados na cidade de Guimarães. Referimo-nos então à Escola Industrial de Guimarães, que foi criada em 1884, vinte anos depois do governo central ter publicado um decreto que estabelecia as escolas industriais de Lisboa e do Porto (1864), embora no artigo 9.º do mesmo previsse também o estabelecimento de escolas industriais em Guimarães, Covilhã e Portalegre (Almeida, 1908).

Neste ano de 1884, Guimarães apresentou uma verba de produção de 1.456:882\$000 réis, obrigando o governo a reconhecer e aceitar o movimento que se tinha realizado nesse ano com a Exposição Industrial, reconhecendo assim a sua importância económica. Segundo o Inquérito Industrial de 1881, as indústrias com mais relevância eram a do ferro, que a que correspondia uma produção de 100.000\$000 réis de artefactos, e empregava cerca de 1000 operários, a de tecidos de linho e algodão, a de fundição serralharia e moagem, a de fabricação de curtumes “do mais largo tráfico”, onde existia uma produção anual de 1.000.000\$000 de réis e por fim a indústria de cotins de algodão, tintos em fio, com uma produção anual de 20 a 30 contos (Almeida, 1908).

Tendo em conta este panorama, no ano de 1885 a Sociedade Martins Sarmiento, estabeleceu prémios para trabalhos de linho e renda de linha e linha encrespada, tentando fomentar esta área, destinados ao sexo feminino, abrindo ainda uma escola prática de renda de linha, na casa de Martins Sarmiento, que teve bastante sucesso junto do sexo feminino (Almeida, 1908).

**7.3. Análise comparativa de setores de atividade existentes em Guimarães entre 1881 e 1890**

Indústrias	Operários		Operárias		Materias primas	Produção
	maiores	menores	maiores	menores		
Papel. . . . .	11	2	12	3	1:600\$000	5:550\$000
Typographia . . . . .	8	2	—	—	300\$000	2:400\$000
Encadernação . . . . .	1	—	—	—	120\$000	470\$000
Photographia . . . . .	—	—	—	—	—	—
Marcenaria . . . . .	17	7	—	—	1:100\$000	5:800\$000
Olaria . . . . .	25	5	—	—	4:600\$000	9:600\$000
Serralheria e fundição . . . . .	43	9	—	—	8:800\$000	16:400\$000
Cutelaria . . . . .	361	72	—	—	16:593\$000	56:082\$000
Funilaria . . . . .	8	5	—	—	1:440\$000	4:500\$000
Caldeiraria . . . . .	3	—	—	—	540\$000	1:100\$000
Latoaria . . . . .	5	1	1	—	200\$000	1:000\$000
Ourivesaria . . . . .	19	6	—	—	24:000\$000	32:000\$000
Pentes . . . . .	27	13	—	—	6:325\$000	10:600\$000
Colehoaria . . . . .	2	1	—	—	1:200\$000	1:700\$000
Fiação de linho . . . . .	—	—	1.559	—	—	22:087\$000
Relojoaria . . . . .	3	—	—	—	—	1:600\$000
Trabalhos de linha. . . . .	—	—	100	—	4:500\$000	9:000\$000
Tecidos algodão e linho. . . . .	750	115	150	70	160:130\$000	308:400\$000
Roupas brancas, etc. . . . .	—	—	373	—	—	45:000\$000
Cotins e riscados. . . . .	500	50	110	50	150:000\$000	210:000\$000
Chapelaria . . . . .	16	—	—	—	3:861\$000	4:680\$000
Sirgaria . . . . .	2	—	2	—	350\$000	650\$000
Espingardas. . . . .	—	—	—	—	—	—
Alfaiateria . . . . .	120	30	—	—	—	13:500\$000
Confecções . . . . .	8	—	22	10	—	2:200\$000
Selleiros e correeiros. . . . .	8	5	—	—	3:200\$000	2:710\$000
Calçado. . . . .	200	166	7	—	68:860\$000	93:375\$000
Segeiro. . . . .	13	5	—	—	900\$000	4:300\$000
Padaria. . . . .	40	—	25	—	40:140\$000	?
Confeitaria . . . . .	19	—	35	—	36:670\$000	43:300\$000
Sebo, velas, sabão . . . . .	6	—	—	—	8:400\$000	11:850\$000
Cera . . . . .	9	—	—	—	4:550\$000	5:600\$000
Colla. . . . .	2	—	—	—	1:125\$000	1:728\$000
Cortumes . . . . .	200	70	20	10	458:000\$000	529:700\$000
Tinturaria . . . . .	15	—	—	—	?	?
Construções civis . . . . .	805	—	—	—	?	?

Tabela 4. Inquérito Industrial de 1881, (Almeida, 1908).

Indústrias	Operários		Operárias		Matérias pri- mas (em 1889)	Produção (em 1889)
	maio- res	meno- res	maio- res	meno- res		
Typographia . . . . .	3	1	—	—	550\$000	1:150\$000
Encadernação . . . . .	1	—	—	—	5\$000	14\$000
Arçeneira . . . . .	30	9	—	—	2:430\$000	3:190\$000
Cerâmica . . . . .	23	5	—	—	495\$000	750\$000
Serralheria e fundição . . . . .	52	7	—	—	2:791\$800	5:209\$000
Sapataria . . . . .	281	43	—	—	17:660\$700	27:047\$100
Familiaria . . . . .	9	—	—	—	2:363\$500	2:784\$000
Aldeiraria . . . . .	2	—	—	—	290\$000	250\$000
—	—	—	—	—	—	—
Derivesaria . . . . .	1	—	—	—	10\$000	40\$000
Pentes . . . . .	23	3	—	—	1:372\$000	1:740\$100
Calçoaria . . . . .	1	—	—	—	1:200\$000	320\$000
Linho fição e tecelagem . . . . .	51	3	146	32	29:565\$000	43:505\$500
Relojoaria . . . . .	2	1	—	—	20\$000	concertos
—	—	—	—	—	—	—
Algodão fição e tecel. . . . .	617	56	806	128	62:329\$200	109:639\$000
—	—	—	—	—	—	—
Sapataria . . . . .	15	1	—	—	1:067\$560	3:550\$000
—	—	—	—	—	—	—
Alfaiateria . . . . .	45	5	6	1	6:160\$000	10:050\$000
—	—	—	—	—	—	—
Albardas e correias . . . . .	5	—	—	—	464\$500	794\$000
Alçado . . . . .	248	92	—	—	26:608\$900	41:700\$800
Algeiro . . . . .	4	1	—	—	50\$000	160\$000
Alaria . . . . .	2	—	—	—	1:300\$000	1:800\$000
Alfeitaria . . . . .	—	—	2	—	10\$000	80\$000
Alboaria . . . . .	4	—	—	—	6:340\$000	15:000\$000
—	—	—	—	—	—	—
Alia . . . . .	4	—	—	—	1:500\$000	1:700\$000
Altumes . . . . .	225	44	1	—	65:899\$380	256:486\$000
Alturaria . . . . .	49	—	4	—	59:649\$000	63:760\$000
—	—	—	—	—	—	—
Alstruções civis . . . . .	?	—	—	—	1:400\$000	5:800\$000
Alapeus e bengalas . . . . .	1	—	—	—	200\$000	300\$000
Alheres de pau e palitos . . . . .	14	2	—	—	300\$000	1:133\$880
Alheiros . . . . .	6	—	—	—	80\$000	440\$000
Algaria . . . . .	2	—	—	—	50\$000	80\$000
Algração de madeira . . . . .	4	—	—	—	—	500\$000
Almoaria . . . . .	3	—	—	—	450\$000	700\$000
Almos . . . . .	6	—	—	—	420\$000	1:010\$000
Algueteiro . . . . .	2	—	—	—	800	40\$000

Tabela 5. Inquérito Industrial de 1890, (Almeida, 1908).

## **Capítulo 8. O Inquérito Industrial de 1890**

No ano de 1890, a Direção Geral do Comercio e Indústria veio a promover em Portugal, um novo Inquérito Industrial, com vista a preencher as lacunas que teriam sido deixadas, pelo Inquérito realizado em 1881, uma vez que era fundamental uma atualização dos dados referentes ao estado das indústrias do reino. Este novo Inquérito Industrial obteve uma participação diferente, pois os industriais decidiram colaborar, não ocultando informações que seriam relevantes. Em Guimarães, a Comissão que ficou encarregue de distribuir os boletins com os questionários, concluiu que não houveram grandes omissões ou inexatidões nas respostas dadas pelos industriais vimaranenses e que caso destas existirem, não seriam de grande relevância a ponto de prejudicar os resultados obtidos (Ministério das Obras Públicas, Comercio e Indústria, 1891).

O Inquérito Industrial de 1890, na sua composição, era também marcadamente diferente daquele que se havia realizado em 1881. Era um Inquérito moderno, mais atualizado, sendo colocadas sete perguntas principais: a primeira referente ao capital fixo e circulante, duração do trabalho e número médio de operários e aprendizes empregados por dia; a segunda questão referente ao pessoal existente, a sua nacionalidade e a sua instrução; a terceira questão referente à retribuição do pessoal; a quarta questão referente aos motores existentes nas diversas industrias no concelho; a quinta questão era referente às máquinas especiais e aos aparelhos existentes; a sexta questão abordava as matérias-primas empregadas no ano de 1889; por último, a sétima questão, era referente à produção no ano de 1889 e os seus mercados de consumo.

### **8.1. Os resultados às questões do inquérito de 1890 em Guimarães (Análise dos vários ramos industriais)**

Na análise dos diversos resultados obtidos, optamos por examinar apenas aqueles que mais interesse revelavam para um síntese e enquadramento que se pretendia fazer. Assim conseguimos obter resultados globais, mas que no entanto demonstram o estado em que a Indústria vimaranense se encontrava, no ano de 1899 e 1890, evidenciando já um forte impulso e evolução. Relativamente às 7 questões respondidas, apenas 6 destas serão analisadas, pois achamos que uma delas já não teria tanta relevância, nesta fase do nosso estudo.

Relativamente à questão número um, capital fixo e circulante, duração do trabalho e número médio de operários e aprendizes empregados por dia, depois de uma análise aprofundada dos resultados obtidos vemos que a indústria das albardas, eram tendencialmente compostas pela pequena indústria, tendo respondido apenas 1 indústria deste setor, com um capital fixo de 2\$000 réis e um capital circulante de 3\$000 réis. Este setor apresenta 10 operários do sexo masculino, que indicam que sabem ler e apenas um operário do sexo feminino que não sabe ler; quanto à matéria-prima utilizada era de procedência nacional com um valor de 42\$000 réis.

Relativamente ao setor da alfaiataria, o Inquérito apresenta-nos um total de 13 pequenas indústrias que não responderam às questões relativas ao seu capital fixo e ao seu capital circulante e temos 2 indústrias de maior escala, que apresentaram um capital fixo de 45\$000 réis e um capital circulante de 60\$000 réis; temos ainda a indicação que emprega 50 operários do sexo masculino onde 31 deles sabem ler, e ainda 9 elementos do sexo feminino onde 2 sabem ler. A procedência da sua matéria-prima, é maioritariamente de origem nacional totalizando um valor de 6:160\$000.

Passando agora para o setor referente ao algodão (fiação e tecelagem), temos um total de 78 empresas que responderam ao Inquérito, com um capital fixo que totalizava os 26:099\$000 réis e um capital circulante de 87:638\$800 réis; destas, 33 delas são pequenas indústrias, com um capital fixo de 891\$000 réis e um capital circulante de 3:418\$800 réis. Este setor apresenta um total de 673 operários do sexo masculino, onde 251 sabem ler e um total de 942 operários do sexo feminino, onde apenas 180 delas sabem ler. Dispõe de 156 teares manuais e a procedência das suas matérias-primas é de origem diversa.

Passamos agora para o setor do calçado (sapataria), onde temos 102 unidades industriais (9 de maior dimensão), com um capital fixo de 2:277\$000 réis e um capital circulante de 4:177\$300 réis, sendo 93 de pequena indústria, com um capital fixo de 1:537\$000 réis e um capital circulante de 3:417\$300 réis. Este setor emprega no total 321 operários do sexo masculino, onde 112 deles sabem ler. A procedência das suas matérias-primas é nacional com um valor de 25:327\$900 réis. Ainda no setor do calçado, mas referente à tamancaria, temos um total de 11 unidades, de dimensão pequena, não apresentando dados referentes ao seu capital, tendo 19 operários do sexo masculino, onde 9 deles sabem ler. A procedência das suas matérias-primas é nacional e tem um valor que totaliza os 1:281\$000 réis.



No setor da caldeiraria, este apresenta-se apenas com uma pequena unidade industrial, com um capital fixo de 2\$000 réis e um capital circulante de 20\$000 réis; este setor emprega apenas 2 operários do sexo masculino e apenas um deles sabe ler, sendo a origem das suas matérias-primas diversa e apresentando um valor total de 290\$000 réis.

Já no setor da carpintaria, temos um total de 6 unidades, 1 delas de maior dimensão, com um capital fixo de 400\$000 réis e um capital circulante de 600\$000 réis, para além de 5 pequenas indústrias que não apresentam os seus capitais; emprega 38 operários do sexo masculino e apenas 16 deles sabem ler. A origem das suas matérias-primas é nacional, com um valor total de 1:400\$000 réis.

O setor referente às carruagens, carros e carroças, é marcada pela pequena indústria, com apenas uma unidade, com um capital fixo de 2\$000 réis e um capital circulante de 20\$000 réis, empregando 4 operários do sexo masculino e apenas 1 deles sabia ler; as suas matérias-primas eram de origem diversa e totalizava um valor de 50\$000 réis.

A área da cerâmica, olaria, fabrico de louça ordinária, vermelha ou preta, telha e tijolo, era composta por 12 pequenas unidades, com um capital fixo de 220\$000 réis e um capital circulante de 355\$000 réis, tendo 28 operários do sexo masculino, onde 10 sabem ler, 12 fornos para cozer a sua matéria-prima que tem uma proveniência nacional, com um valor de 495\$000 réis.

No setor da chapelaria temos um total de 3 unidades, uma de maior dimensão, com um capital fixo de 300\$000 réis e um capital circulante de 500\$000 réis, as outras duas são pequenas indústrias, com um capital fixo de 159\$000 réis e um capital circulante de 350\$000 réis, apresentando o setor um total de 450\$000 réis de capital fixo e 850\$000 réis de capital circulante, tendo 16 operários do sexo masculino onde apenas 6 deles sabem ler; a proveniência das suas matérias-primas era nacional, com um valor de 1:067\$560 réis.

A indústria dos chapéus-de-chuva, sol ou bengalas, tinha apenas uma pequena unidade, com um capital fixo de 150\$000 réis e um capital circulante de 20\$000 réis, onde empregava apenas 1 operário que sabia ler. As suas matérias-primas eram de origem nacional com um valor de 200\$000 réis.

A indústria da cola e grude apresenta também apenas uma pequena unidade, com um capital fixo de 8:000\$000 réis e um capital circulante de 5:300\$000 réis, empregando 4 operários

do sexo masculino, onde nenhum sabia ler, tendo consumido 19.200 quilos de matéria-prima de origem nacional, com um valor de 1:500\$000 réis.

A colchoaria apresentava uma pequena unidade com o capital fixo de 100\$000 réis e um capital circulante de 40\$000 réis, empregando 1 operário do sexo masculino que sabia ler, sendo as suas matérias-primas de origem nacional, com o valor de 1:200\$000 réis.

Nas colheres de pau e palitos, temos um total de 4 unidades, 1 de maior dimensão e 3 outras de pequena indústria; não apresentam os seus capitais, e empregam 16 operários do sexo masculino onde 8 sabem ler, sendo a sua matéria-prima, de origem nacional como valor de 300\$000 réis.

Referente á confeitaria temos apenas 1 pequena unidade que não apresenta capitais, empregando 2 operárias do sexo feminino e nenhuma sabia ler; a sua matéria-prima era de origem nacional com o valor de 70\$000 réis.

Na construção civil, temos apenas uma empresa, que não refere os seus capitais, mas que empregava 60 operários do sexo masculino onde 33 sabiam ler.

No setor correio temos 3 pequenas unidades, com um capital fixo de 19\$000 réis e um capital circulante de 170\$000 réis, empregando 4 empregados do sexo masculino onde 3 sabiam ler; as suas matérias-primas eram de origem diversa, com um valor de 422\$500 réis.

A indústria dos curtumes, uma das mais importantes do concelho de Guimarães, apresentava um total de 38 unidades, sendo que 21 delas pequenas indústrias, com um capital fixo de 4:235\$340 e um capital circulante de 33:759\$000, empregando 269 operários do sexo masculino, onde 129 sabem ler e apenas 1 operário do sexo feminino, que não sabe ler; no geral as 38 unidades apresentavam um total de 36:890\$340 de capital fixo e um capital circulante de 136:559\$000, tendo no total 57 tanques para trabalharem as suas peles; a sua mão-de-obra era de origem nacional, com um valor de 65:899\$380 referente ao ano de 1889.

As cutelarias, outro dos setores com maior influência fabril no concelho de Guimarães, apresentam 1 empresa de maior dimensão com um capital fixo de 1:067\$000 e um capital circulante de 697\$000 réis, e 105 unidades de carácter pequeno, que não apresentavam capital, empregando 324 operários do sexo masculino, onde 134 sabiam ler e uma operária do sexo feminino que não sabia ler; a origem das suas matérias-primas era diverso com o valor de 17:660\$700.

O setor da encadernação era marcado apenas por 1 pequena unidade, que apresentava um capital fixo de 2\$000 réis e um capital circulante de 8\$000 réis, com apenas 1 empregado, que sabia ler; as suas matérias-primas eram de origem diversa com um valor de 5\$000 réis.

Existe também a referência ao setor dos fogueteiros, com apenas uma pequena unidade, com um capital fixo de 1\$000 réis e um capital circulante de 6\$000 réis, tendo apenas 1 operário; as suas matérias-primas eram de origem diversa com um valor de apenas \$800 réis.

O setor da funilaria apresentava, 9 pequenas unidades, com um capital fixo de 82\$500 réis e um capital circulante de 210\$000 réis, com 12 operários, 11 deles sabendo ler; as suas matérias-primas eram de origem diversa, com o valor de 2:363\$500.

A indústria dos fusos, apresentava 3 pequenas unidades, com um capital fixo de 140\$000 réis e um capital circulante de 160\$000 réis, empregando 6 operários, onde apenas 2 sabiam ler; as suas matérias-primas tinham origem no Brasil, com o valor de 420\$600 réis.

O setor do linho, fição e tecelagem, outro dos setores que mais favoreceu e contribuiu na indústria do concelho de Guimarães, apresentava um total de 77 unidades, onde 69 delas eram de pequena dimensão, estas com um capital fixo de 2:342\$000 e um capital circulante de 700\$000 réis; no total, as 77 unidades apresentavam um capital fixo de 22:505\$000 e um capital circulante de 13:978\$000; dispunha de 62 operários do sexo masculino, onde 34 sabiam ler e tem 238 operários do sexo feminino, onde 39 sabiam ler. Relativamente aos motores utilizados, este sector dispunha de uma máquina a vapor fixa, com 10 cavalos de potência, correspondendo a um motor mecânico. Quanto à maquinaria, apresentava 69 teares manuais, 10 teares Jacquard, 11 teares com maquineta, 8 teares sem armação superior, 1 caneleiro, 1 encarretadeira, 2 urdideiras, 1 engomadeira, 1 calandra e por último 1 prensa. A origem das suas matérias-primas era diversa, com 56:462 quilos, com um valor de 29:565\$000.

A marcenaria era composta por um total de 8 unidades, sendo que 6 delas eram de pequena dimensão, com um capital fixo de 325\$000 e um capital circulante de 359\$000; no total as 8 unidades apresentavam um capital fixo de 705\$000 réis e um capital circulante de 1:059\$000, empregando 39 operários do sexo masculino onde 21 deles sabiam ler; a origem das suas matérias-primas era diversa com um valor de 2:430\$000.

Relativamente à ourivesaria, fabrico de peças de prata, apenas temos a presença de uma pequena unidade, com um capital fixo de 3\$000 réis e um capital circulante de 2\$000 réis,

empregando apenas 1 operário do sexo masculino que sabia ler; as suas matérias-primas eram de carácter diverso, com o peso de 500 gramas e com um valor de 19\$000 réis.

A indústria da padaria aparece apenas com uma pequena unidade, com um capital fixo de 5\$000 réis e um capital circulante de 50\$000 réis, com dois operários do sexo masculino, nenhum sabendo ler; apresentava ainda 1 forno para cozer a sua matéria-prima, de origem nacional e com um valor de 1:300\$000.

O setor dos peneiros apresentava 6 pequenas unidades, onde não refere o capital, empregando 9 operários do sexo masculino dos quais 7 sabiam ler; a sua matéria-prima era de origem nacional, com o valor de 80\$000 réis.

Já o setor do fabrico de pentes apresentava 14 pequenas unidades, com um capital fixo de 203\$000 réis e um capital circulante de 169\$000 réis, empregando 26 operários e 11 deles sabiam ler; a sua matéria-prima, de origem nacional, apresentava o valor de 1:372\$000.

A indústria da pregaria, tinha apenas 1 pequena unidade com um capital fixo de 20\$000 réis e um capital circulante de 20\$000 réis, empregando 3 operários do sexo masculino onde nenhum sabia ler; a sua matéria-prima, de origem diversa, apresentava um valor de 50\$000 réis.

O setor da relojoaria dispunha apenas de 1 pequena unidade, não indicando o capital, empregando 2 operários do sexo masculino e os dois sabem ler; a sua matéria-prima era de origem diversa com um valor de 20\$000 réis.

A indústria de saboaria apresentava 1 pequena empresa com um capital fixo de 1:000\$000 réis e um capital circulante de 3:000\$000 réis, empregando 4 operários do sexo masculino e apenas 1 sabia ler; as suas matérias-primas tinham origem diversa, com o valor de 6:340\$000.

A indústria de serração de madeira, apresentava 2 pequenas unidades, sem indicação de capitais, empregando 4 operários do sexo masculino, e dois deles sabiam ler; a sua matéria-prima era de origem nacional, não apresentando o seu valor.

O setor da serralharia apresentava um total de 34 empresas, em que 33 delas eram de pequena dimensão, com um valor de capital fixo de 1:811\$509 e um capital circulante de 1:240\$100. Tinha ainda uma unidade de maior dimensão com o capital fixo de 1:200\$000. No total as 34 empresas apresentavam um capital fixo de 3:011\$500 e um capital circulante de

1:740\$100, com 56 operários do sexo masculino onde 22 deles sabiam ler; estas unidades dispunham de 15 tornos mecânicos e 1 máquina de furar; a origem das suas matérias-primas era diversa, com o valor de 2:791\$800.

A indústria da tanoaria estava limitada a uma pequena unidade, com o capital fixo de 200\$000 réis e um capital circulante de 230\$000 réis, com 3 operários do sexo masculino, nenhum sabendo ler. As suas matérias-primas eram de origem nacional, com o valor de 450\$000 réis.

O setor da tinturaria apresentava 7 empresas, em que 3 delas não apresentam os capitais e as restantes 4, de pequena dimensão, dispunham de um capital fixo de 250\$000 réis e um capital circulante de 2:030\$000; no total, o setor apresentava 4:450\$000 de capital fixo e 60:330\$999 de capital circulante. Empregava 49 operários do sexo masculino e 15 destes sabiam ler; empregava ainda 4 operários do sexo feminino onde nenhuma sabia ler. A origem das suas matérias-primas era diversa, com um valor de 59:649\$000.

Por último, temos a indústria da tipografia, com 2 pequenas empresas, dispondo de um capital fixo de 1:600\$000 e um capital circulante de 203\$000 réis, e empregando 4 operários do sexo masculino onde todos sabiam ler. As suas matérias-primas eram de origem diversa, com um valor de 550\$000 réis.

Em jeito de conclusão, aos setores de atividade industrial e económica do concelho de Guimarães que se apresentaram e responderam ao Inquérito Industrial de 1890, vemos que várias foram as questões que acabaram por não ser respondidas. Talvez por receio dos industriais, por pensarem que as suas respostas poderiam dar origem a um aumento dos impostos. Várias eram as empresas que optavam por não dar informações sobre os seus capitais, talvez por não quererem dar contas dos seus negócios. Esta mesma ausência de respostas encontra-se também na não indicação de quantos quilos de matérias-primas as empresas compravam. Com esta pequena reflexão, conseguimos ainda assim ver vertida a situação económica do concelho de Guimarães que representava significativas melhorias relativamente ao ano de 1881.



## **Capítulo 9. O Museu Industrial de Guimarães (do seu início ao fim)**

Para fazermos uma reconstituição histórica fidedigna da época que remonta aos inícios do aparecimento da ideia da criação de um Museu Industrial em Guimarães até à fase em que temos a constituição desse Museu e, depois, até ao seu desaparecimento, é necessário consultarmos os documentos que nos possam fornecer dados indispensáveis para essa tarefa. Falamos então da imprensa que existia em finais do século XIX em Guimarães, uma imprensa que acima de tudo, pretendia transmitir e informar as pessoas de todas as transformações que ocorriam na cidade e no concelho, naquela época.

Para fazermos este trabalho, recorreremos durante vários meses à Biblioteca da Sociedade Martins Sarmiento, em cuja sala de leitura consultamos o espólio da imprensa vimaranense. Ao longo de vários meses consultamos centenas de edições dos mais variados jornais, uns com mais relevância e outros com menos, uns que duraram apenas algumas semanas e outros que perduram até aos nossos dias, mas que no fim de tudo, são eles que nos permitiram reconstituir, ou pelo menos aquilo a que conseguimos encontrar, as iniciativas referente ao Museu Industrial de Guimarães que passaremos a expor nos capítulos seguintes.

### **9.1. Do Inquérito industrial de 1881 à Exposição Industrial de 1884**

A realização do Inquérito Industrial de 1881 procurava conhecer o estado em que se encontrava a indústria portuguesa, por razões que se prendiam com a celebração de um tratado comercial com a França. Deste Inquérito Industrial, vários foram os problemas encontrados durante a sua execução, que acabaram por fazer com que os dados resultantes ficassem aquém de demonstrar por completo a realidade económica e industrial de Portugal (Ministério das Obras Públicas, Comercio e Indústria, 1883).

Segundo o que já abordamos em capítulos anteriores, o curto espaço de tempo que o governo deu às comissões encarregues de elaborar as questões a colocar aos industriais, resultou numa enorme falha. Para além disso, muitos deles não responderam aos questionários, impedindo que se conhecesse o estado em que se encontravam as suas unidades produtivas, e

Guimarães não foi exceção. Do que pudemos analisar desses inquéritos, como já referimos anteriormente, existe uma grande falta de elementos. Outro dos problemas resultou do facto destes inquéritos só terem sido distribuídos pelas indústrias que se encontravam registadas nos “mapas da contribuição Industrial”. Em Guimarães prevalecia nesta época a indústria caseira, com as famílias de operários que executavam os acabamentos nos produtos das indústrias com maior relevância, acabando por fazer com que estas pequenas oficinas, mesmo que executassem tarefas para setores com grande relevância, não se fizessem representar nos inquéritos (Ministério das Obras Públicas, Commercio e Indústria, 1883).

Ainda no decorrer do ano de 1883, segundo uma notícia publicada no jornal *O Espectador*, de novembro desse ano, diz-nos que Guimarães,

*“pela sua posição topográfica, ponto forçado de commercio, podia e devia (...) elevar-se ao nível d`uma cidade verdadeiramente comercial;”. Vemos então que o concelho, detinha em si todas as características necessárias para se afirmar economicamente, mas por várias razões, o seu commercio estava prestes a entrar em vias de se extinção.”* (*O Espectador*, 1883c)

Segundo esta mesma notícia, Guimarães dispunha nesta época de três principais ramos industriais, “os tecidos de algodão e linho, cutelarias e os curtumes”, alguns destes produtos, conseguiram chegar ao estrangeiro e serem premiados em várias exposições, mas isso não fez com que estes fossem aperfeiçoados e ao contrário do que se esperaria “(...) todas essas indústrias vão-se dessecando e caminhando para a morte.” (*O Espectador*, 1883c).

Apesar de não demonstrar um desenvolvimento rápido a nível comercial e industrial, como acontecia em várias cidades da Europa, alguns setores esforçavam-se para conseguir implementar inovação, conseguindo participar com mostras do que faziam no concelho, para promoverem assim os seus produtos. Exemplo disso temos a ourivesaria de António Roberto da Rocha Guimarães, um artista vimaranense que participou na Exposição do Porto neste ano, apresentando ali as suas obras, tendo algumas delas sido “ (...) gravadas e cravadas pelo artista Júlio Soares Pereira”, as quais acabaram por ser compradas por artistas de Lisboa, levando assim a arte de Guimarães à capital (*O Espectador*, 1883a).

Face às lacunas deixadas pelo Inquérito Industrial de 1881, bem como o atraso que se registava na implementação de novos desenvolvimentos a nível industrial, a Sociedade Martins



Sarmento, encarregue de praticar uma aculturação e uma instrução nas populações do concelho de Guimarães, irá promover para o ano de 1884, uma Exposição Industrial, a primeira do país a nível concelhio, que contribuirá para a mudança da realidade de Guimarães.

Quando à imprensa local, chegou a notícia de que se iria realizar em Guimarães uma Exposição Industrial, foram vários os órgãos de imprensa que contaram com os mais variados artigos demonstrando o seu apoio a este tipo de certames. Segundo *O Espectador* (1883), que publicou uma notícia referente às exposições:

*“São hoje geralmente conhecidas as vantagens que resultam d`estes certames, tanto para o commercio como para as artes e indústrias, e é n`essas reconhecidas vantagens que está a causal do afan, sempre crescente, que se dão todas as nações civilizadas, em promove-los e tornal-os frequentes, dando entrada franca nesses combates de intelligencia contra intelligencia, de talento contra talento e do genio contra genio, não só aos seus mas a estranhos.”* (*O Espectador*, 1883b).

Países como a Inglaterra, Alemanha, França, Estados Unidos e outros que encabeçavam com força a industrialização, parte dos seus louros deviam-se à adoção destas Exposições Industriais, as quais favoreciam o progresso tecnológico e o desenvolvimento industrial.

*“Esses concursos são como grandes escolas onde o artista, o industrial, o lavrador vão aprender o que ignoravam, ou aperfeiçoar o que sabiam, nos compêndios claros e resumidos, mas ricos de ensinamentos, que são os artefactos dos grandes mestres, expostos gratuita e profusamente a seus olhos (...)”* (*O Espectador*, 1883b).

Entretanto poucos dias após a publicação destas notícias, a Sociedade Martins Sarmento promoveu num dos seus salões a primeira grande reunião com vários industriais vimaranenses, de todas as classes industriais, para se tratar da realização da Exposição concelhia vimaranense, industrial, agrícola e arqueológica que se viria a realizar na primavera de 1884 (*O Espectador*, 1883b).

Nos meses que se seguiram, já no ano de 1884, foram recorrentes as reuniões que se realizaram na Sociedade Martins Sarmento, a fim de procederem à elaboração de todos os elementos necessários para a realização do certame. A sua comissão central, procedeu de imediato á criação de um projeto de regulamento, que ficaria a cargo de Alberto Sampaio e que iria reger tudo o que ocorreria em torno da Exposição Industrial. Segundo o *O Espectador*, em

Janeiro de 1884 o regulamento já estaria elaborado, indicando que a Exposição teria três principais sectores, a indústria fabril, a agricultura e a arte antiga e moderna que se iriam subdividir em diversas classes e ramos (*O Espectador*, 1884b).

*“Tracta agora a comissão, dividida em sub-comissões, de confeccionar o orçamento de despesas geraes, calculo de distribuição e ornato de salas, e de promover a concorrência de expositores”* (*O Espectador*, 1884b).

Toda esta dedicação e empenho na realização da Exposição Industrial de Guimarães, prometia que fosse esplêndida para uma primeira iniciativa, contando com todas as forças em conjunto do concelho, onde vários negociantes e fabricantes se preparavam com todo o cuidado: *“ (...) n`esta luta de paz, em que ninguém recolhe ferido, mas todos obtêm palma da victoria, estes nos lucros imediatos, aquelles no exame e estudo, ou augmentando o seu crédito e todos satisfazendo o seu sentimento de amor pátrio.”* Apontasse nesta fase a abertura da exposição para inícios de Junho (*O Espectador*, 1884b).

Guimarães vivia agora o início de uma nova fase, que prometia ser de desenvolvimento, e pela qual aguardava já há muitos anos. Toda esta necessidade de crescimento e motivação para a questão industrial e económica fazia com que na imprensa se continuassem a escrever vários artigos, apontando, em alguns casos os motivos do atraso económico e industrial não só de Guimarães, mas também nacional:

*“Esta invasão que pode filiar-se por um lado em censuras geraes, que affectaram toda a indústria nacional, deve por outro lado attribuir-se a causas especiaes, e sobre tudo à carência de iniciativa dos nossos capitalistas, no emprego de capitães para a renovação da indústria em novas condições de vida económica, no descuido da administração publica, que apenas fez largas promessas em relatórios, e no descuido das nossas administrações locais, que nunca, ou pouco pensaram em promover meios de atalhar aos progressos d`esta verdadeira calamidade concelhia.”*

Faziam-se ainda referências a alguns dos sectores de actividades, que em tempos encontravam-se com uma produção bastante rentável, mas que registavam agora um declínio evidente.

*“ Apenas a repartição de fazenda d`esta cidade notaria que a indústria de chapelaria de Sande, tão prospera há uns 15 ou 20 annos, desaparecera por inteiro da matriz industrial*

*(...) ”, “ (...) a indústria de pregaria forjada, tão extensa no concelho de Guimarães, sustentando por si centenas de pessoas, alimentando com relativa abundância dezenas de famílias honestas, declinou rapidamente, e hoje é rara a officina de pregueiro (...).”*

*“O garfeiro aproxima-se do pregueiro n`estas condições de sacrificio, de lucta extrema. Vence à custa de suado trabalho 100 a 140 réis por dia (...)”, “(...) o cutileiro de tesoiras lucta com idênticas dificuldades. Trabalhando desde as duas horas da madrugada às oito ou nove da noite para produzir uma dúzias de tesouras do cumprimento de 0m, 10 a 0m, 12, que vence cada oficial 120 a 140 réis (...) ”, “ (...) a acreditada indústria da ourivesaria vimaranense, que criou n`esta cidade verdadeiras fortunas d`alguns nossos coucidadãos e amigos, accusa (...) uma epocha de crise”, “a de trabalhos de linha para ornatos ou brindes, extinguiu-se; a de doce de fructa, diminuiu no consumo; a de chinella grossa, alimentando a prosperidade d`um ramo de commercio vimaranense, sustentando também dezenas de artistas d`esta cidade, de Santa Christina de Longos, de Gominhões de S. Lourenço de Sande, accusa idêntica decadência na extracção do seu producto”, “a indústria de cutins, estabelecida de novo, propagando-se rapidamente pela provada aptidão artística do povo do nosso concelho, não conserva em condições de duração e isenta de perigos, a sua actual prosperidade: basta indicar para prova que a maior causa da extracção dos seus productos é a barateza de salários entre 100 a 180 réis diários nas operárias e os fabricantes nos teares com salários de 200 a 400 réis diários.” (O Espectador, 1884c).*

Em Março de 1884, a comissão central encarregada de promover a Exposição Industrial na cidade de Guimarães, aprovou as condições regulamentares, delegando todos os seus poderes nas figuras de Alberto Sampaio, Domingos Leite de Castro, Domingos Martins Fernandes, Manoel de Castro Sampaio e Manoel Ribeiro de Faria, ficando Alberto Sampaio como presidente deste grupo. Decidiu, de imediato, mandar imprimir o regulamento da Exposição, para assim ser remetido aos interessados e, com a ajuda de Domingos Martins Fernandes, faria uma visita aos industriais da cidade para ver quais iriam participar no certame. O mesmo iria ser feito para os restantes industriais nas freguesias de fora da cidade (*O Espectador*, 1884f). Entretanto, para a realização da Exposição, era necessário estabelecer um espaço que se adequasse ao intuito e enquadramento do certame. Foi então que António de Moura Soares Velloso cedeu à comissão todo o Palácio de Vila Flor, para a realização da projetada Exposição Industrial; tiveram ainda o apoio da direção da Companhia do Caminho-de-ferro de Guimarães que se ofereceu para realizar

o transporte de todos os objetos para a Exposição por metade da tarifa relativa a mercadorias que praticavam (*O Espectador*, 1884g).

O regulamento da Exposição Industrial de Guimarães, elaborado por Alberto Sampaio, também foi alvo de publicação por parte da imprensa local. Segundo *O Espectador*, este era composto por 13.º principais artigos que estruturavam a forma organizacional de como seria realizada a Exposição:

**“Art. 1.º** *A Exposição Industrial de Guimaraes iniciada pela Sociedade Martins Sarmento e resolvida pela assemblea de fabricantes, productores, e diversos negociantes d`esta cidade a 21 de Fevereiro d`este anno, será aberta no 1º de Junho próximo, e será instalada no palacete de Villa-Flôr, propriedade do Ex.mo Snr. António de Moura Soares Velloso, que o concedeu gratuitamente para este fim;*

**§** *A exposição durará pelo menos um mês, mas poderá ampliar-se por mais tempo, se assim o julgar conveniente a comissão central.*

**Art. 2.º** *A exposição compreenderá somente produtos da indústria fabril da cidade e concelho de Guimarães, e será dividida em 6 grupos:*

- *1.º Grupo: Educação e elementos de estudo*
- *2.º Grupo: mobiliário e seus acessórios*
- *3.º Grupo: Tecidos, vestidos e acessórios*
- *4.º Grupo: Machinas*
- *5.º Grupo: Produtos alimentares e manufacturados*
- *6.º Grupo: Indústrias extrativas e suas transformações*

**Art. 3.º** *Os expositores deverão fazer a requisição do lugar que lhes fôr necessário, até 20 d`abril; e terão conhecimento do que lhe for distribuído até 30 do mesmo mês.*

**Art 4.º** *É cedido gratuitamente aos expositores o lugar que ocuparem. A instalação correrá por sua conta;*

**§ 1.º** *A instalação e disposição dos objetos serão todavia feitas sempre d`accordo com a comissão central ou seu representante, de modo que tudo se disponha da forma mais conveniente.*

**§ 2.º** Ficarão a cargo da comissão central as despesas de instalação, quando os expositores não tiverem os meios suficientes, ou quando assim seja mister para completar colecções.

**Art. 5.º** Os expositores poderão vender e entregar logo no acto da venda qualquer objecto, uma vez que tenham as suas collecções sufficientemente abastecidas, de modo que o possam substituir immediatamente por outro do mesmo typo. Todo o preço da venda será livre para o vendedor.

**§** Exceptuam-se da disposição anterior os objectos que forem instalados por conta da comissão central, que só poderão ser retirados, assim como os objectos singulares, no fim da exposição.

**Art. 6.º** Os industriaes d'um grupo ou d'uma secção d'elle poderão fazer reunidos a instalação e a exposição dos seus productos, ou uma, ou outra, devendo n'este caso a commissão central ou seu representante fixar d'accôrdo com elles as necessárias combinações.

**Art. 7.º** O jury será formado por peritos que a comissão central designará em tempo opportuno.

**Art. 8.º** Os prémios serão diplomas de 1º, 2º e 3º classe.

**Art. 9.º** No dia d'abertura da exposição cada subscriptor terá um bilhete d'entrada gratuita, válido para depois da solemnidade da inauguração. Os bilhetes d'entrada para as outras pessoas n'esse dia e nos oito seguintes custará 200 réis cada um. Nos restantes o preço de cada bilhete será de 100 réis.

**§ 1.º** Terão entrada gratuita os expositores e o pessoal que lhes fôr necessário, tanto para a guarda como para a venda dos seus objectos.

**§ 2.º** A commissão central ou o seu representante resolverá àcerca da distribuição gratuita dos bilhetes às pessoas, a quem julgar de conveniência; assim como designará, se entender conveniente, alguns dias d'entrada livre para qualquer classe especial da população.

**Art. 10.º** A commissão central resolverá opportunamente sobre as disposições policiaes necessárias, que afficará no local da exposição.

**Art. 11.º** Poderão ser admitidos, se o espaço o permittir, n`uma secção á parte, machinas, aparelhos instrumentos, etc., de qualquer procedência, uma vez que tenham applicação às indústrias representadas. N`este caso todas as despesas serão pagas pelos respectivos expositores.

**Art. 12.º** Poderão também ser admittidos, mas ficando fóra do concurso, productos não fabricados no concelho, mas que façam parte do seu commercio e que sejam encommendados pelos negociantes de Guimarães.

**Art. 13.º** Os casos omissos serão resolvidos pela commissão central ou seu representante, consoante a conveniência dos expositores." (*O Espectador*, 1884i).

Apesar da comissão central ter estabelecido o 1º dia de Junho para a abertura da Exposição, (*O Espectador*, 1884f), devido a alguns atrasos e problemas, a comissão executiva, acabou por adiar a abertura para 8 de Junho, sendo que os objetos deveriam estar nos seus respetivos lugares até ao dia 5 de Junho (*O Espectador*, 1884e). Posteriormente, esta abertura foi novamente adiada para o dia 15 de Junho às 11 horas da manhã e a inauguração dos expositores adiada para dia 14 de Junho, as 16 horas da tarde, sendo que todos os produtos deveriam estar nos seus lugares até dia 13 de Junho, (*O Espectador*, 1884h). A data de encerramento seria o dia 26 de Julho de 1884 (*O Espectador*, 1884a).

Aquando a abertura da Exposição Industrial, vários milhares de pessoas acorreram a esta com entusiasmo. Também importa, no entanto, referir que esta mesma Exposição só foi possível, graças aos grandes donativos que foram chegando à Sociedade Martins Sarmiento, valores que eram recebidos por José de Sousa Correia, encarregue pela direção para os receber (*O Espectador*, 1884f).

Neste certame, demonstrava-se a todos que quisessem ver, o que de melhor se fazia em Guimarães. Várias foram as notas de imprensa que o salientaram: "a Exposição Industrial veio testemunhar que o concelho de Guimarães tem recursos que lhe garantem vida próspera; mas esses recursos precisam de ser devidamente aumentados e melhorados para que Guimarães possa ocupar sempre lugar distinto."

*"A nossa agricultura é escencialmente intensiva, e por isso mesmo rica. A terra jámais descança, chegando a produzir no período de 12 mezes trez colheitas. O lavrador alimenta-se e a uma numerosa familia n`um pequeno tracto de terreno. É a esta agricultura que se*

deve a subsistência de tão numerosa população e o commercio de exportação de géneros agrícolas, que se faz em larga escala." (*O Espectador*, 1884d).



---

*Figura 7.* Promoção da Exposição Industrial de Guimarães (*O Espectador*, 1884h)

Já no final da Exposição, os diretores do Museu Industrial e Comercial do Porto, enviaram um officio à Sociedade Martins Sarmiento, pedindo para que os expositores que participaram na Exposição enviassem para aquele Museu manufaturas e amostras dos seus produtos industriais e comerciais, que seriam expostos segundo o regulamento da exposição de Guimarães, com o nome do expositor, lugar de fabrico e venda, preço, e todos os restantes esclarecimentos para a promoção e venda dos produtos (*O Espectador*, 1884j). Indicando uma vez mais o sucesso que foi a Exposição Industrial de Guimarães.

Entretanto após ter sido encerrada a Exposição, vários foram os Industriais que, na tentativa de uma preservação da memória daquilo que melhor se fazia em Guimarães, e também como forma de agradecimento à Sociedade Martins Sarmiento por ter realizado tal iniciativa, resolveram doar vários dos objetos que estiveram expostos no respetivo certame. Isto culminou numa

proposta, em sessão de a 4 de Julho de 1884, encabeçada pelo Dr. Avelino da Silva Guimarães, na altura presidente da Sociedade Martins Sarmento, que propôs que aquela Sociedade, guardasse todas estas ofertas, com intuito de um dia mais tarde, se realizar um Museu, que seria dedicado às Indústrias vimaranenses.

*“Varios e mui distinctos expositores têm prestado a sua espontânea homenagem á Sociedade Martins Sarmento, offerecendo-lhe alguns dos objectos expostos no palacete de Villa-Flôr. De certo que a Sociedade os acceita com vivo reconhecimento, porque, se a homenagem traduz as sympathias dos expositores pela corporação que tem empregado todos os possíveis esforços para o melhoramento da indústria vimaranense, por uma serie ininterrupta de medidas, de iniciativas mais ou menos arrojadas, até á abertura da Exposição, que pareceu a mais arrojada de todas, a offerta, reveladora das sympathias e do motivo que as provoca, é o melhor premio aos esforços collectivos d`esta corporação.”*

*“A jornada da Sociedade não terminou ainda: é longo o caminho a percorrer, que no capitulo de instrucção popular a satisfação d`uma aspiração logo cria outra, um aperfeiçoamento produz novas aspirações. Entre estas, virá a de criação de um Museu Industrial, onde a exposição permanente seja uma escola de largo ensinamento para as diversas classes de indústria. Sendo assim, e sendo aquellas ofertas a expressão de homenagem, os brindes valiosíssimos dos expositores parece-me que é absolutamente indispensável conserval-os, considerando-os como o primeiro núcleo, o primeiro e valioso pecúlio de futuro museu. Sobre isto, acresce que conservar na casa da Sociedade os objectos offerecidos é conservar o trophéo d`esta ultima campanha, que condensa tantíssimos esforços, tão assíduos estudos, tantos serviços, trabalhos e despezas, prestados por esta collectividade no curto periodo da sua existência em prol do melhoramento das classes industriaes de Guimarães.”*

*“Sendo, pois, não só o mais levantado e digno, como o mais conveniente aos fins legaes da Sociedade, a conservação dos objectos offerecidos, tenho a honra de propôr que assim se delibere, e se participe, agradecendo, aos mui dignos offerentes” (Salazar, 1884).*

A 10 de Julho de 1884, vários jornais locais, como *O Espectadore* e *Comercio de Guimarães* oficializavam já a noticia transmitida pela Sociedade Martins Sarmento, relativamente á futura criação do Museu Industrial de Guimarães,



*“a Sociedade Martins Sarmento vae crear um muzeu industrial com alguns dos productos que se acham na exposição, e que teem sido offerecidos áquella benemérita sociedade”* (Comércio de Guimarães, 1884), *“estes objectos ficam formando o núcleo d`um futuro Museu Industrial e servem ao mesmo tempo para conservar sempre viva a recordação da Primeira exposição concelhia de Portugal. Honra á Sociedade que tanto busca o progredimento da sua pátria e honra a oadjuvam na sua prestimosa empresa.”* (*O Espectador*, 1884d).

## **9.2. O retomar do Museu Industrial da Sociedade Martins Sarmento**

As várias peças referentes à Exposição Industrial de Guimarães de 1884, foram guardadas na Sociedade Martins Sarmento, e durante vários anos esta ideia ficou fechada entre paredes, sem grandes desenvolvimentos, até ao ano de 1899, quando esta voltou novamente a ser discutida. Segundo a *Revista de Guimarães*, na reunião de 29 de Maio de 1899, Domingos de Sousa Júnior, apresentava duas propostas aos restantes órgãos da Sociedade, uma delas, referente à instalação do Museu Industrial de Guimarães e outra relativa a criação de um museu colonial. Ambas as propostas foram devidamente fundamentadas, mas para este estudo apenas analisaremos o teor da primeira proposta.

*“N`outra sala encontrareis também um pequeno pecúlio de productos e amostras industriaes do concelho, offertas de alguns expositores de Villa-Flôr, negociantes e industriaes d`este concelho. Este deposito não constitue nem sequer um começo de museu; constitue apenas um convite a futura criação de Museu Industrial, revela somente uma aspiração d`esta Sociedade.”* (Pereira, 1899).

*“São decorridos quinze annos desde a apresentação d`esta proposta e o diminuto pecúlio de productos industriaes do concelho é conservado na casa da Sociedade, sem que se tenha procurado levar por diante a realisação de tão benéfica iniciativa. E, todavia, se a importância da indústria vimaranense de 1884 era tal que permittia levar a effeito a Exposição Industrial concelhia, um dos maiores títulos de gloria d`esta Sociedade que a promoveu, e fazia pensar na criação d`um Museu Industrial, cuja falta já então era reconhecida, é certo que posteriormente essa falta tem sido notada cada vez mais e*

*representa já hoje uma verdadeira e inadiável necessidade, em razão do desenvolvimento sucessivo dos diversos ramos da indústria local, principalmente nos últimos tempos, em que acompanhando o movimento geral do paiz procuram passar por uma completa transformação que lhes proporcionará um largo e esperançoso futuro.”* (Pereira, 1899).

Após estas declarações fundamentadas de uma forma bastante credível, foi nomeada para tratar deste assunto uma comissão de sócios, na qual deveriam constar representantes dos principais ramos da indústria local. Em sessão extraordinária de 19 de Junho de 1899, foram então colocadas à discussão e votação as propostas referentes à criação do Museu Industrial e Colonial (Pereira, 1899).

Estas notícias, rapidamente se espalharam pela população vimaranense, graças ao esforço de difusão que a imprensa local tinha na época, tendo o jornal *Comércio de Guimarães*, na sua edição de 23 de Junho de 1899, publicado uma notícia referente à Sociedade Martins Sarmiento, na qual dava notícias dos desenvolvimentos referentes ao museu.

*“A direcção d`esta importante e benemérita Sociedade que continua a ser incansável no seu desenvolvimento e progresso conservando-lhe assim o merecido nome que tem adquirido, acaba de reunir extraordinariamente resolvendo convidar para uma reunião todos os industriaes d`esta cidade e concelho a fim de ver so adherem á criação do Museu Industrial, cuja organização, a que já nos referimos, deliberou promover e n`aquelle caso dar começo aos trabalhos para isso necessários.”*

Nesta notícia é ainda referida a pertinência da criação do Museu Industrial mesmo antes da Exposição Industrial de 1884, e da necessidade do auxilio de todos para levar a ideia avante (*Comércio de Guimarães*, 1899a).

Numa notícia de 30 de Junho do ano de 1899, referente à Sociedade Martins Sarmiento, o *Comércio de Guimarães* congratulava-se pelos esforços que esta Sociedade tinha realizado em prol da instrução das populações vimaranenses, chamando também atenção para que na criação do Museu Industrial de Guimarães se contemple uma parte dele para a agricultura concelhia, assunto que certamente iria suscitar o interesse de muita gente, bem como o estudo deste tema e posterior publicação no órgão desta Sociedade, a *Revista de Guimarães*.

*“São por demais já conhecidas as vantagens, para qualquer terra da natureza da nossa, da criação de museus, onde, interessados e curiosos encontrem os elementos para o estudo*

*da indústria, os elementos de indagação fácil dos centros fabris para as compras de restricta exploração commercial. Commercio e indústria são, em geral, as duas classes que mais directamente se interessam com estas exposições permanentes”.*

*“(…) Haverá a grande reunião de industriaes para a organização do Museu Industrial. Muito e muito bem. Mas levará a mal a prestante e cuidadosa direcção, que, d’este nosso modesto gabinete, lhe lembremos também uma ampliação, pequena que seja, do museu ou museus, a alguma parte da indústria agrícola? A mesma consideração nos suggere indicar a utilidade de, no órgão jornalístico da Sociedade, a sua excellente Revista, haver uma secção mais ou menos desenvolvida de estudos agrícolas, que tanto interessam á economia do nosso concelho.” (Comércio de Guimarães, 1899b)*

A 5 de Janeiro do ano de 1900, o jornal *Comércio de Guimarães*, publicava a notícia referente ao convite da Sociedade Martins Sarmiento a todos os industriais interessados em participar e colaborar na criação do Museu Industrial de Guimarães,

*“na secção respectiva publicamos um convite da direcção d’esta importante sociedade em que pede a todos os industriaes d’esta cidade e concelho a sua comparência a uma reunião que deve effectuar-se no seu edificio no dia 7 do corrente pelas 5 horas da tarde – afim de ser levado a effeito o pensamento da criação d’um Museu Industrial n’esta cidade. As vantagens de tal empreendimento são sobejamente do conhecimento de todos e a direcção d’esta collectividade pondo em prática esta ideia prova mais uma vez o quanto se interessa pelo progresso e desenvolvimento da indústria vimaranense. É pois de esperar que a reunião seja concorridíssima.” (Comércio de Guimarães, 1900d).*

Por seu turno, o *Echo de Guimarães* publicou também, a 5 de Janeiro de 1900, algumas considerações acerca da reunião que viria a ser promovida pela direção da Sociedade Martins Sarmiento com os industriais concelhios, fazendo pequenas referências aos ramos industriais e empresas mais importantes de Guimarães na época.

*“Achamos acertadíssima esta resolução dos ilustrados directores. Guimarães é, incontestavelmente, um dos centros industriais mais importantes do norte do país. E, diga-se para honra dos seus promotores, é á exposição concelhia de 1884, que se deve em grande parte o assombroso desenvolvimento industrial da nossa terra. As fábricas de tecidos do Castanheiro e da Avenida, a fábrica de fiação de Campellos, as fábricas de pentes de*

*Madrôa e Caldeirôa, as fábricas de tecidos e de cutelaria, em construcção, que constituem uma grande riqueza para Guimarães. Mas é preciso que o viajante possa encontrar reunidos n`uma casa todos os productos da indústrria vimaranense, que tanto honram a iniciativa dos commerciantes e industriaes d`esta cidade.” (Echo de Guimarães, 1900a).*

### **9.3. A Reunião com os Industriais do Concelho de Guimarães**

Entretanto, na reunião com os industriais, segundo a *Revista de Guimarães*, esta decorreu a cargo do vice-presidente de Dr. Domingos de Sousa Júnior, que teria vindo para substituir o Presidente Dr. José Joaquim de Meira, o qual, devido a um imprevisto, não poderia marcar a sua presença. A reunião foi “secretariada pelos snrs. Simão Neves e João Gualdino Pereira, 1.º e 2.º secretários” (*Echo de Guimarães*, 1900b).

Domingos de Sousa Júnior começou por agradecer a presença do grande número de industriais vimaranenses,” em número superior a 70” (*Echo de Guimarães*, 1900b), que tinham correspondido ao apelo da Sociedade Martins Sarmento e se faziam representar. De seguida, justificou o intuito da realização da reunião,

*“para o fim de ser consultados sobre a conveniência da criação n`esta Sociedade d`um museu, para exposição permanente dos productos industriais do nosso concelho. Que julgava desnecessário fazer largas considerações encarecendo os benefícios que d`ahi adviriam á indústrria local, pois que eram sobejamente conhecidos, e concluiu por pedir a todos os industriaes e sócios que o escutavam, com quem a direcção contava para levar a cabo a sua iniciativa, a fineza de se manifestarem sobre este assumpto.” (Pereira, 1900).*

Entretanto, depois desta intervenção, pediu a palavra o Dr. Avelino de Guimarães, encarregue de demonstrar o plano da direção da Sociedade Martins Sarmento para a criação do Museu Industrial, o qual teceu alguns argumentos que justificavam esta nova exposição permanente.

*“ (...) Em 1881, se tinha organizado no paiz um inquérito industrial, nomeando-se uma comissão no Porto, de que fazia parte o falecido estadista Oliveira Martins, a quem a indústrria de Guimarães e do paiz muito deve pelo seu systema proteccionista, pois é certo*

*que desde então é que principiou esse grande desenvolvimento, especialmente da indústria de tecidos de linho e algodão, o que se não teria dado se continuassem a entrar os productos da indústria estrangeira, devendo todos portanto trabalhar para conservar esse systema de protecção das alfandegas à indústria nacional; ” (Pereira, 1900).*

Afirmou ainda que esta mesma comissão dos inquéritos industriais acabou por não ser justa para Guimarães, não realizando os inquéritos com a realidade do que acontecia e em resposta a esta falta elaborou-se a Exposição Industrial de 1884, onde se afirmou que Guimarães conservava as suas indústrias tradicionais em que as técnicas de produção utilizadas pelos seus artistas mereciam uma forte protecção do Estado. Acrescentou ainda que graças a essa Exposição, Guimarães era conhecida por todo o país como um concelho dos mais trabalhadores e graças a ela os industriais optaram por evoluir e levar mais longe as suas indústrias. Terminou a sua intervenção apoiando a criação de uma exposição/museu que certamente seria um estímulo ao progresso industrial (Pereira, 1900).

De seguida, foi dada a palavra ao Dr. Avelino Germano, que lembrou em primeiro lugar que se aviam extinguido os museus industriais referentes a Lisboa e Porto e estes foram sendo substituídos por exposições realizadas de quatro em quatro anos, apoiando no entanto a criação do Museu Industrial em Guimarães, e afirmando que seria um estímulo “para o aperfeiçoamento dos productos, sem dúvida o motivo mais ponderoso para ser creado o museu” (Pereira, 1900).

Eduardo Almeida toma também a palavra e concordando com aquilo que o Dr. Avelino Germano tinha dito relativo à extinção dos museus industriais de Lisboa e Porto acrescentou que “ (...) esses terminaram porque tinham à sua frente mercenários, este, porém, conservar-se-ia porque era instituido por uma Sociedade benemérita, parecendo-lhe que ninguém deixaria de adherir e que pela sua parte, e em nome d`alguns seus collegas, approvava com enthusiasmo a ideia da criação do Museu Industrial”, no qual via variadas vantagens tais como “o annuncio, estímulo e criação” de um núcleo industrial, que possibilite a concorrência às exposições periódicas de Portugal e internacionais, afirmando ainda que se este museu já estivesse criado “Guimarães representar-se-ia em maior número e variedade de indústrias na exposição que a França realisa este anno”, concluindo com o seguinte moção em jeito de súmula que foi votada por unanimidade no final da reunião:

*“Os industriaes do concelho de Guimarães, reunidos na casa da Sociedade Martins Sarmento a convite da sua direcção, adherem á resolução que a mesma tomou de promover*

*a criação n'esta cidade d'um Museu Industrial, para a exposição permanente de productos da indústria local, desejando auxiliar-a quanto possível na realização d'este útil e importante empreendimento e concorrer á exposição com os productos da sua indústria nos termos do regulamento que fôr elaborado; e por último manifestam o seu desejo de que se possa inaugurar o novo museu no próximo dia 9 de Março” (Pereira, 1900).*

A finalizar a reunião, e antes mesmo da votação, registou-se a intervenção de Simão Costa Guimarães, que teceu algumas dúvidas relativamente à possibilidade da criação do Museu Industrial até a data de 9 de Março, devido à proximidade da mesma, e ainda a de José Pinto Teixeira d'Abreu, que assumindo não estar contra a criação de um Museu Industrial em Guimarães, possivelmente uma Exposição Industrial igual à que realizara em 1884 seria uma melhor ideia (Pereira, 1900). Não existindo mais ninguém que quisesse fazer uso da palavra, o presidente terminou a reunião, novamente com um agradecimento a todos os presentes, marcavam os relógios cerca das sete horas e quinze minutos da tarde” (*Echo de Guimarães*, 1900b).

A direção da Sociedade Martins Sarmiento, rapidamente se apressou a marcar uma nova reunião, a fim de dar andamento o mais rapidamente possível à preparação dos trabalhos relativos ao novo Museu Industrial de Guimarães que nasceria nas galerias da casa desta Sociedade, o qual teria de estar preparado para a sua abertura na festa da Sociedade no dia 9 de Março de 1900. Em sessão extraordinária de 8 de Janeiro, no dia seguinte à reunião com todos os Industriais que mostraram interesse em participar naquele Museu, tratou-se da elaboração do regulamento do Museu Industrial, que para além de ser publicado em imprensa local, como no caso do jornal *Echo de Guimarães*, na sua edição de 21 de Janeiro, veio também a ser publicado no “Boletim”, da *Revista de Guimarães*, na sua 17.<sup>a</sup> edição, do ano de 1900.

#### **9.4. Disposições Regulamentares do Museu Industrial da Sociedade Martins Sarmiento**

*“Artigo 1.º É creado pela Sociedade Martins Sarmiento um Museu Industrial, destinado á exposição permanente dos productos da industria do concelho de Guimarães.*

*Artigo 2.º Os serviços d' este museu ficarão especialmente a cargo do vogal da direcção da Sociedade que por ella fôr designado.*

*Artigo 3.º Todo o material ou artefacto residente n' este concelho poderá figurar como expositor dos productos da sua indústriá, uma vez que se conforme com estas disposições regulamentares.*

*Artigo 4.º Os productos que se destinem a este museu serão enviados para a casa da Sociedade e deverão constar d' uma relação, em duplicado, assignada pelo expositor, a qual depois de conferida será archivada, devolvendo-se o duplicado ao remettente com o competente recibo.*

*Artigo 5.º A collocação e disposição dos artefactos na casa do museu poderá ser feita ou dirigida pelo próprio expositor, mas sempre d' accordo e sob inspecção do respectivo director.*

*Artigo 6.º Além do nome do expositor poderá indicar-se, por escripto, o local em que os productos são fabricados e se acham á venda, seus preços, bem como dar-se qualquer outro esclarecimento que se entenda conveniente.*

*Artigo 7.º Os productos em exposição continuam sendo propriedade do expositor, mas este não poderá retiral-os do museu antes de findo um trimestre, salvo por motivo de venda ou outro egualmente attendivel, depois de ouvido o director respectivo.*

*Artigo 8.º Para que haja a maior regularidade no serviço de renovação ou alteração no museu será especialmente destinada á entrega dos productos expostos, recebimento d' outros e sua installação a primeira quinzena dos mezes de Janeiro, Abril, Julho e Outubro.*

*Artigo 9.º Dos productos que sejam retirados do museu passará o proprietário recibo na relação archivada.*

*Artigo 10.º Este museu será installado, provisoriamente, na parte disponível da galeria da casa da Sociedade e estará patente ao publico nos dias e horas em que podem ser visitados os mais museus da Sociedade.” (Pereira, 1900)*

Percebe-se, pela leitura do regulamento, que a Sociedade não tinha em mente um qualquer Museu de carácter industrial, que apresentasse pequenas peças, ultrapassadas pelos tempos e pela inovação, mas um Museu que procurasse ter um lugar de destaque não apenas em

Guimarães mas em Portugal, bem como demonstrar o que de melhor se fazia no concelho, bem como os desenvolvimentos que a indústria tinha realizado nos últimos anos, no aperfeiçoamento do produto final que saía das fábricas e oficinas de todo o concelho.

Finalizado o regulamento relativo ao novo Museu, tratou-se então de o mandar imprimir para ser distribuído pelos vários industriais que quisessem expor naquela casa os seus produtos tendo, para tal, disponibilizando-se Albano Pires de Sousa, proprietário da tipografia “Silva Caldas”, que ofereceu toda a edição do regulamento à Sociedade Martins Sarmento. Pires de Sousa teve direito a “um voto de profundo reconhecimento pela sua generosidade”, registado em ata da reunião de 8 de Janeiro. Como diretor do Museu Industrial, sob proposta do presidente da Sociedade Martins Sarmento, foi nomeado o vice-secretário João Gualdino Pereira (Pereira, 1900).

Tal como assinala a imprensa da época, o ano de 1900 foi de grande entusiasmo para os vimeiraneses, que esperavam impacientemente pela realização da festa da Sociedade Martins Sarmento, no dia 9 de Março, em honra de Martins Sarmento. O jornal *Comércio de Guimarães* publicou uma notícia referente ao assunto, que nos dá uma visão do sucedido:

*“é extraordinário o entusiasmo que se vai pronunciando em todo o povo vimeirense, relativamente á realização das festas imponentes que esta benemérita Sociedade promove em homenagem ao sabio Martins Sarmento. No cortejo que deve ser magestoso irão 5 carros alegóricos – sendo o 1.º da Sociedade Martins Sarmento, o 2.º dos alumnos da Eschola Industrial, o 3.º da Agricultura, o 4.º dos Bombeiros e o 5.º da Typographia Minerva. A maior parte das Associações e classes far-se-ão acompanhar de bandas de música que no decurso do cortejo tocarão o hymno da Sociedade Martins Sarmento.”* (*Comércio de Guimarães*, 1900a).

Ainda nesta mesma edição do Jornal, informa-se que era já grande o número de industriais que se tinham inscrito para concorrerem a um expositor no novo Museu Industrial de Guimarães, que viria a ser inaugurado no dia 9 de Março de 1900 (*Comércio de Guimarães*, 1900a).



### 9.5. João Gualdino Pereira (o primeiro diretor do Museu Industrial de Guimarães)



---

Figura 8. João Gualdino Pereira, (*O povo de Guimarães*, 1904).

João Gualdino Pereira, por proposta do Presidente da Sociedade Martins Sarmiento, na época o Dr. José Joaquim de Meira, foi nomeado como 1.º diretor do Museu Industrial de Guimarães e, por isso, a pessoa que estaria mais de perto daquilo que seria a abertura da sua exposição permanente e da sua organização e fundamento. Para conhecermos melhor esta personalidade, necessitamos de uma pequena biografia, que encontramos na imprensa da época, no *O Povo de Guimarães*, na sua edição de 28 de Fevereiro de 1904.

*“É um modesto negociante alli do largo de S. Francisco o retratado que hoje illustra O Povo de Guimarães. Destinado por seu pae á vida commercial, tem sabido manter absolutamente o nome honrado que elle lhe deixou”. D´uma illustração compatível com o desenvolvimento então dado á educação scientifica em Guimarães, elle sabe manter-se, servido por uma intelligencia perspicaz e uma sã modéstia, ao lado d´aquelles que com proficiência diplomada versam qualquer assumpto. Não é lisonja dizer-se que honra sobremodo a*

*nobilíssima classe a que pertence. Servindo um grande número de aggremações das mais importantes de Guimarães, em todas tem evidenciado taes qualidades de trabalhador activo e intelligente que, em algumas d´ellas, é, apesar de afastado, tido como imprescindível.”* (O Povo de Guimarães, 1904).

Falamos então de um homem ligado ao comércio e aos negócios, que era perspicaz no seu modo de vida e se dava com aqueles que pertenciam à elite vimaranense. João Gualdino Pereira, incorporava vários grupos e associações de relevo da cidade, que lhe davam um certo destaque na sociedade. De espírito moderno para a época em que vivia, gostava de quebrar a rotina, não se sujeitando ao que era costume. Para qualquer grupo que entrava, tentava sempre revolucionar com a sua atuação, tentando ser diferente dos demais e ao mesmo tempo sobrecarregando-se com os vários serviços e cargos a que os seus colegas o indicavam. Um homem dotado de capacidades, trabalhador, que tinha um forte espírito organizativo, *“elle organisa tão proficientemente uma procissão como um cortejo cívico.”* (O Povo de Guimarães, 1904).

Ganhou ainda mais reconhecimento com a participação na execução da parada realizada a 11 de Março de 1900, pela Sociedade Martins Sarmento, em honra de Martins Sarmento, *“incontestavelmente o filho de Guimarães que mais glórias lhe acarretou no campo do saber”*, com os esforços da sua direção e de todos os sócios e amigos da Sociedade, mas não foi apenas esta a sua participação nesta Sociedade (O Povo de Guimarães, 1904).

*“Foi por intermedio de João Gualdino que a Sociedade obteve graciosamente do insigne architecto Marques da Silva o formosíssimo projecto de conclusão do edificio, cuja construção hoje continua devido á estima absolutamente desinteressada do illustre ministro das Obras Publicas, o Snr. Conde de Paçô Vieira, que, a pedido de amigos seus e com uma boa vontade captivante, fez incluir no orçamento do seu ministério a verba precisa para o proseguimento de tão gracioso monumento, que ahi ficará eternamente a lembrar a sua profícua passagem pelos conselhos da Corõa.”* (O Povo de Guimarães, 1904).

Foi em tempos também secretário da mesa da Irmandade de S. Torcato, e não concordando com o desenlace que as obras neste mosteiro estavam a ter, acabando por chamar a esta obra o arquiteto Marques da Silva. Eleito presidente na Associação Comercial de Guimarães, defendeu com todas as suas forças a classe que se fazia representar, tendo sido responsável pela implementação da medida que ditava o fecho dos estabelecimentos comerciais para descanso ao Domingo, medida que não agradava a todos, pois a época em que se vivia era marcadamente de

grandes dificuldades económicas. Ainda com esta medida, “a Associação de Classe dos empregados de comércio o distinguiu com a subida honra de socio honorário. Obteve também o cargo de tesoureiro, na Irmandade de Nossa Senhora da Consolação e Santos Passos, dirigiu e focou a sua atuação no colégio e no asilo, onde conseguiu criar um edifício onde se pode respirar, viver”. Exerceu ainda as funções de tesoureiro na Associação dos Bombeiros Voluntários de Guimarães, uma das associações com mais valor e mais marcantes a nível social, onde foi também nomeado sócio honorário (*O Povo de Guimarães*, 1904).

*“Muito mais haveria que dizer da lista dos serviços que tem prestado á sua terra, não nos parecendo porém isso necessário para que Guimarães lhe seja agradecida. Em política ainda ninguém conseguiu entende-lo. A todos falla, a todos pede, mas não para si porque vive unicamente do seu trabalho honesto. De resto, como chefe de familia, é marido exemplar, pae amantíssimo e irmão dedicado. Amigo sabe-o ser como os não há melhores.”*  
(*O Povo de Guimarães*, 1904).



## **Capítulo 10. A abertura do Museu Industrial de Guimarães (uma análise da indústria da época)**

Para se compreender melhor a situação em que se encontrava a economia de Guimarães aquando da abertura do Museu Industrial, em 1900, recorreremos ao *Echo de Guimarães* na sua edição de 14 de Janeiro desse ano. Pequeno na sua extensão, mas valioso na informação que contém, deixando aos seus leitores considerações relevantes sobre os setores industriais e agrícolas, bem como de algumas empresas da época que se destacavam na economia vimaranense.

*“Applaudimos, com todo o calor da nossa alma de vimaranense, e de portuguez, a iniciativa tomada pela Sociedade Martins Sarmento, pela sua muito activa e patriótica direcção, convidando os industriaes d’este populoso concelho para concorrerem para o desenvolvimento d’um museu ou exposição permanente fabril e commercial. A Exposição Industrial de Guimarães, em 1884, umas das empresas levadas a cabo com tanto brilho pela benemérita Sociedade, empresa que levantou Guimarães perante todo o paiz, pedia este complemento; houve em 1884, ou 1885, uma tentativa; agora a sociedade emprega novo exorço, e talvez mais aportunamente, porque desde 1884 até hoje as indústrias do concelho de Guimarães, mesmo a agricola na viticultura e vinicultura, tem operado uma transformação radical, e um progresso sensível.”* (*Echo de Guimarães*, 1900b).

Indica ainda que neste ano existiam ramos e classes industriais que se mantinham com um carácter estacionário, mas que estes já em 1884 se encontravam em estado de decadência, e agora quase desapareceram (*Echo de Guimarães*, 1900b).

*“Mas há classes, especialmente de tecidos de linho, algodão, e auxiliares, que não revelam só o incremento avultado, mas sensível aperfeiçoamento nos productos. Invoquemos para exemplo os productos de duas classes – a de pentes como a fábrica dos snrs. Dias, a de toalhado e outras manufacturas dos snrs. Pedro Guimarães & C.<sup>a</sup>, além da já antiga dos snrs. Costas. Mais duas do snr. Teixeira d’Abreu, e do snr. Alves, estão em adiantada construcção.”* (*Echo de Guimarães*, 1900b).

Esta publicação consagra também uma parte à agricultura concelhia, que em certos ramos apresentava um forte investimento e desenvolvimento, bem como a alguns proprietários. “Na

*agrícola é digno de mencionar-se pelos seus persistentes esforços, e pelo exemplo que benemeritamente deu aos seus collegas, que já tem seguido a mesma róta transformadora em viticultura, o snr. Manuel Baptista Sampaio.*" Refere ainda que se a Escola Industrial Francisco de Holanda tivesse implementado os complementos que a Sociedade Martins Sarmiento há tanto tempo lutava, certamente que todas as indústrias de Guimarães teriam muitos e maiores progressos, bem como aperfeiçoamentos a todos os níveis da produção e manufaturas.

*"Com a definitiva organização do Museu Industrial e commercial a Sociedade Martins Sarmiento vae prestar mais um relevante serviço á economia e progresso d´este concelho; e cria uma instituição nova, a que dava tamanho apreço o fallecido iniciador conselheiro Antonio Augusto d´Aguiar na sua curta, mas productiva existência de ministro d´obras publicas. Os interessados directamente, commerciantes e industriaes, obtem fácil e gratuita a exposição, e o annuncio permanente das suas producções fabris, ou da excelência dos seus sortidos commerciaes, que é a grande vantagem, por toda a parte reconhecida, no estrangeiro, como no paiz, da existenciados museus commerciaes."* (*Echo de Guimarães, 1900b*).

*"A Sociedade também aufere vantagens: cria mais um elemento d´instrucção e educação popular. E sobre tudo concorre para não arrefecer este santo amor da pátria, este calor e inquietação tão louvável como útil, que a animou desde 1881, - a iniciar e radicar uma epocha de renascimento da vitalidade escolar, e económica, da cidade e concelho de Guimarães. Correspondendo a este salutar pensamento, a exemplar direcção tem gerido com inexcedível zelo. Oxalá que não arrefeça"* (*Echo de Guimarães, 1900b*).

A Sociedade Martins Sarmiento, em todos os assuntos e temas que assumiu, fez com que o concelho beneficiasse sempre destes e assim se queria que continuasse na sua intervenção na sociedade vimaranense, mas não era apenas a Sociedade que estava de parabéns, eram também todos os industriais e comerciantes do concelho, mantendo a cidade de Guimarães como a "Manchester Portuguesa" (*Echo de Guimarães, 1900b*).

Várias eram as fábricas que se erguiam e iniciavam a sua atividade no concelho de Guimarães e outras tantas estavam já em fazes finais da sua construção, prontas para iniciar o seu contributo na economia vimaranense: *"é obra que oferece aos empresários o próprio bem estar, e a satisfação moral de concorrerem para a sustentação legitima e honrosa de muitas famílias de artistas, de honrados trabalhadores, que ahi se abriguem em busca do pão para os*

*seus filhos!*". Era necessário, para existir uma subsistência e equilíbrio na economia de Guimarães, que as indústrias que se fixavam, fossem de uma grande variedade de setores para equilibrar a concorrência interna local, pois mesmo que se mantivesse um sistema protecionista e que se conseguisse manter as colónias africanas, convinha que as atividades económicas fossem variadas e que as indústrias correspondam às antigas e numerosas classes de indústria fabril, aproveitando também todo o que existia e subsistira do nosso passado industrial, como as aptidões operárias (*Echo de Guimarães*, 1900b).

*"Óptimas por isso foram a iniciativa dos snrs. commendador João Dias, Cunha, e Villaça, mettendo hombros á empresa d'uma fabrica de cutellaria, já felizmente em adiantada construcção, a empresa do snr. Barbosa e Oliveira, e a do snr. Vicente. Nem tudo tecidos, nem tudo linho ou algodão, aliaz, perdida a Africa, a crise será fatal"* (*Echo de Guimarães*, 1900b).

Por fim, tece ainda, em jeito de conclusão, algumas considerações relativas à Sociedade Martins Sarmiento, desejando que esta continue o seu caminho de glória, *"que paira sobre ella o espirito de Deus"* (discurso de presidente da Câmara de Guimarães, nas festas da Sociedade de 9 de Março de 1900), sendo esta instituição, uma das maiores e *"mais distictas associações de caridade christã da moderna Guimarães."* (*Echo de Guimarães*, 1900b).

*"N' esta epocha de syndicatos, como é consolador, com refrigera a alma queimada e como que insulada no ardor do egoísmo e das ambições insoffridas, deparar e acolher-se n' aquella oasis viçoso de benemerencias sociaes!"* (*Echo de Guimarães*, 1900b).

### **10.1. 9 de Março de 1900 (A abertura do Museu Industrial)**

No dia 9 de Março do ano de 1900, a Sociedade Martins Sarmiento, ao contrário daquilo que muitos pensariam não poder acontecer, realizou a já habitual festa da Sociedade, em honra de Martins Sarmiento, inaugurando por fim nesse dia o tão aguardado Museu Industrial de Guimarães, composto por um vasto espólio de materiais ali colocados, pelos muitos industriais que a esse Museu concorreram para disporem de um expositor. Era um dia vitorioso para Guimarães e não poderia ser deixado passar em branco pela imprensa local, que fez questão de

referir esta abertura, embora sejam poucas as notas e por vezes demasiado sintéticas, para uma análise daquilo que realmente aconteceu.

Segundo o jornal *Comercio de Guimarães*, a festa da Sociedade Martins Sarmento, iniciou-se com a habitual entrega de prémios, aos alunos que mais se tinham distinguido pela sua qualidade nas escolas do concelho de Guimarães, englobando também as da cidade. Esta sessão solene iniciou-se por volta do meio-dia, presidida pelo Presidente da Câmara de Guimarães, Dr. António Vieira de Andrade, e contava também com a presença do Presidente da direção da Sociedade Martins Sarmento, Dr. Joaquim José de Meira, que deu início aos discursos, fazendo uma breve referência a várias das realizações da Sociedade, evidenciando os fortes atrasos que a população vimaranense tinha e que aquela Sociedade vinha a combater, com a implementação de vários cursos para instrução popular, que se demonstravam um sucesso (*Comércio de Guimarães*, 1900b).

Passou depois a referir com maior detalhe o teor de algumas das medidas que a Sociedade Martins Sarmento tinha adotado, das quais transcreveremos apenas a parte referente ao Museu Industrial de Guimarães.

*“A missão atual, cujas provas finais vão ser dadas publicamente dentro de poucos dias, teve em vista beneficiar a numerosa classe industrial d’ esta cidade, e ao mesmo tempo tentar um novo meio de difundir e vulgarisar o methodo incomparável de João de Deus.”* (Pereira, 1900).

*“Por ocasião de realizar-se a nossa notável exposição de 1884, incontestavelmente um arrojo d’ este concelho, visto que nenhuma terra portugueza com esta restricção, se tinha lançado em semelhante ousadia, surgiu no espirito da direcção que por esse tempo presidia aos destinos d’ esta casa, a ideia da criação d’ um Museu Industrial. Adormecida no decurso dos últimos quinze annos, em que esta Sociedade, sem perder o seu genio activo e emprehendedor, se exercitou em outros trabalhos da sua competência, pareceu-nos chegado o momento propício de a fazer despertar. Para isso dirigimos uma consulta aos principaes industriaes d’ esta cidade e concelho, convidando-os para uma grande reunião na casa da Sociedade. Tivemos então ensejo d’ observar as favoráveis disposições com que foi acolhido o nosso projecto, ou antes a revivescência do projeto que nos foi legado pela direcção de 1884.”* (Pereira, 1900).



A nossa indústria desde então tem experimentado uma profunda transformação e conseguido notável incremento.

*“Se aquelle certâmen causou de facto a admiração do paiz, que não contava vêr n´uma modesta terra de provincia tantos e tão importantes ramos de trabalho, hoje com o progresso realisado nos últimos quinze annos, em que se fundaram as fabricas do Castanheiro, a de Campellos, a da Avenida, a do Campo de Salvador, a de pentes da Madroa e Caldeiroua, as de malhas, algumas das de Caneiros, as de Pevidem, é certo que um novo concurso d´aquella ordem redobraría o assombroso e traria á nossa boa terra de Guimarães os mais largos e indiscutíveis beneficios. Assim o comprehenderam os nossos industriaes, a quem a ideia da Sociedade Martins Sarmiento agradou sobremaneira, prestando-se todos de boamente, não só a concorrer com os seus productos para a organização do museu projectado, mas a cooperar decididamente n´uma nova Exposição Industrial concelhia a realizar-se em 1901.”* (Pereira, 1900).

*“Não tomou ainda esta Sociedade uma resolução terminante a tal respeito, mas encontrou tão favoráveis disposições nos industriaes consultados, que se sente impellida a não deixar passar esta oportunidade de realisar um novo e grande emprehendimento, que tanto pode influir no progresso e bom nome das nossas importantes indústrias. Para já, porém, o que deixou de ser um projecto para se tornar n´um facto consummado, é o nosso Museu Industrial, cujo início levado a effeito apenas em dois mezes, tempo que decorre desde a reunião dos industriaes a 7 de janeiro até hoje, mostra bem pelo número e variedade de productos expostos o enthusiasmo com que foi perfilhada a nossa ideia, e o que será esta nossa nova instituição dentro de alguns mezes mais.”* (Pereira, 1900).

*“V. exc.<sup>a</sup>, snr. presidente, apreciará brevemente por observação a verdade das minhas palavras e julgará de quanto louvor são dignos os intelligentes industriaes, que tanta honra estão dando á nossa terra com a sua iniciativa e com os progressos que diariamente vão realisando.”* (Pereira, 1900).

Após a finalização deste discurso do Dr. Joaquim José de Meira, passou a discursar ainda o presidente da Câmara, que elogiou grandemente a atuação da Sociedade Martins Sarmento no desenvolvimento da instrução popular, bem como todas as suas iniciativas, passando depois a palavra ao Dr. Avelino Guimarães, Prior da Colegiada de Guimarães. Seguiu-se depois o discurso de Dr. Gaspar d´Abreu de Lima, Administrador do Concelho, do Abade de Tagilde, e por fim de

Francisco José da Silva Guimarães, tendo sido ainda proferido um poema do Dr. José de Freitas Costa, em honra do Dr. José Sampaio (Pereira, 1900). (Segundo o *Comércio de Guimarães*, n.º 1465, de 9 de Março de 1900, tomaram a palavra ainda Marlo, professor em S. Torcato, General Sequeira, Crespo, professor em Sande, Dr. Avelino Germano e Leite de Castro que não vêm referidos no boletim).

Posteriormente a estas intervenções iniciais foi apresentado um quadro com o retrato do Dr. José Sampaio, que já tinha falecido, e ainda um outro, com os retratos dos 5 iniciadores e instaladores da Sociedade Martins Sarmiento, sendo eles, José da Cunha Sampaio (falecido), Avelino da Silva Guimarães, Avelino Germano da Costa Freitas, Domingos Leite de Castro e Domingos José Ferreira Júnior (falecido). Este ato, acabou com a abertura da Exposição industrial artística que tinha lugar nas galerias da sociedade (*Comércio de Guimarães*, 1900c). (O jornal *Eco de Guimarães*, n.º 12, 18 de Março de 1900, refere que esta Exposição, ou Museu Industrial, teve lugar na galeria superior do museu arqueológico).

*“Os diferentes productos artísticos manufactureiros ali expostos, attrahiam a atenção de todos os visitantes, que se reviam na magnífica manifestação das aptidões vimaranenses. Representam um admirável adiantamento é exposição de 1884 e não é para agora relatar as impressões que deixam a quem as contempla; ficará para mais opportuno ansejo.”* (*Echo de Guimarães*, 1900c)

Terminou desta forma a festa anual da Sociedade Martins Sarmiento, com a presença das mais variadas entidades e figuras de relevo do concelho vimaranense, bem como várias figuras da imprensa local e personagens anónimas que tinham assistido a esta sessão solene da Sociedade Martins Sarmiento e tinham presenciado a afirmação de vitalidade desta instituição que tanto dedicava do seu tempo aos vimaranenses (*Echo de Guimarães*, 1900c).

Resta-nos, por fim, fazer uma breve análise, daquilo que compunha a Exposição permanente, presente no Museu Industrial de Guimarães. Para isso, auxiliámo-nos não apenas da imprensa da época, mas também de uma publicação na *Revista de Guimarães*, n.º 63, do ano de 1953. Na época, o jornal mais relevante e que apresentou uma publicação mais coesa sobre o assunto foi o *Comercio de Guimarães*, na sua edição n.º 1468, de 20 de Março de 1900:

*“Foi uma ideia abençoada da Sociedade Martins Sarmiento! Venham cá os de fóra, esses que teem nos lábios um sorriso de desdém pelas coisas de Guimarães e admirem o bem*

*tecido dos nossos linhos, o bem acabado das nossas camisolas, o lustre da nossa cutelaria, o bom gosto da nossa marcenaria; venham cá os descrentes da nossa riqueza industrial, entrem na Exposição Permanente que sahirão crentes, sahirão satisfeitos.*“ (Comércio de Guimarães, 1900c).

- *Logo na entrada, do lado esquerdo, temos o expositor de António da Costa Guimarães, Filho & C.º, fundada em 1854, que apresentava ao público tecidos de linho e algodão, sobressaindo mais que os outros as suas colchas e os seus toalhetes de fantasia, que eram autênticas obras-primas. “No Museu Industrial e Comercial de Lisboa, que se encontrava instalado no edificio da Casa Pia, e fora inaugurado em 28 de Julho de 1887, esta firma figurava, segundo a revista ilustrada O Ocidente, com magnificas manufacturas de linho e alguns novelos de linha, muito empregada no fabrico de rendas de Peniche, Algarve, Viana, e outras localidades.” (Braga, 1953).*
- *Fábrica a vapor de tecidos de linho de Guimarães, com tecidos de linho e algodão, sobressaindo os toalhetes adamascados e turcos de grande variedade e colorido, e o fino tecido de linha.*
- *J. T. d'Abreu & C.ª, tecidos de linho e algodão.*
- *Fábrica de tecelagem manual, de José de Freitas Costa Soares, com tecidos de linho e algodão, destacando-se uma coleção formosíssima de riscados, “dispostos com arte e bom gosto.”*
- *Fábrica de tecidos mecânicos e manuais, de Francisco Inácio da Cunha Guimarães, “expõe tecidos de linho e algodão” e outra distinta coleção de riscados, toalhas, colchas, etc.*
- *Tinturaria e Estampagem a Vapor, de Alexandre José Rodrigues, Pevidem, um grupo completo de meadas de algodão, tinto em várias cores, e alguns riscados.*
- *Fábrica de tecidos de S. João Baptista de Gondar, de Joaquim da Costa Vaz Vieira, com um grupo variado de cotins e riscados, onde notamos imitações perfeitas.*
- *Chapelaria Progresso, de Francisco Agostinho Cardoso de Lemos, Campo do Toural, apresenta uma boa coleção de chapéus, merecendo especialização os modelos Martins Sarmiento, Tomás Ribeiro, João Franco, Boer, etc.*
- *Fábrica de tecidos de malha, de Gouveia & Lima, com uma coleção de camisolas, ceroulas, meias e malhas de lã e algodão, tudo em sortido variado e selecto, destacando-*

*se umas camisolas de ciclista onde melhor se pode analisar o bom acabamento e o bom gosto.*

- *Fábrica de curtumes e deposito de courame em cabelo de Almeida & Irmão, com vitelas pretas de flor e brancas de carnaz, atanados, etc.*

- *João José Gomes, expõe lóros para seleiros.*

- *Fábrica de curtumes de Manuel Luís Correia - bezerro seco de Montevideu, vitela verde com pós e sem pós.*

- *Fábrica de curtumes de António Joaquim Gomes, Corredoura, expõe atanados e vitelas brancas.*

- *Oficina de Marceneiro de João de Sousa Neves apresenta um móvel destinado a guardar ferros cirúrgicos, de cedro nacional a imitar mogno, e uma formosa cama á francesa, estilo moderno.*

- *Ao lado direito e pelo centro da galeria encontra-se:*

- *Oficina de calçado de Francisco d`Oliveira, rua de Santo António, apresenta uma curiosa coleção de calçado fino e grosso bem acabado e variedade;*

- *Expositor Custodio José de Sousa Moreira, fabricante José Maria Pereira Cabral – calçado aperfeiçoado e de fino gosto.*

- *A irmãs hospitaleiras do Asilo de Mendicidade de N. S da Consolação e Santos Passos - um ramilhete formosíssimo, tentando pela variedade e prendendo pelo colorido.*

- *Das irmãs hospitaleiras da Santa Casa da Misericórdia - vasos de cravos, perfeitos, boa folhagem e um vaso com um pé de camélias – Alba-plena – que é um primor de imitação.*

- *Mobiliário de Freitas & Irmão, rua de Santo António, - numa mesa de sala de jantar, elástica, de nogueira preta nacional, com talha, que honra a indústria vimaranense.*

- *Portugal, fábrica a vapor, Madroa – uma coleção, num à toa bem lançado, de pentes de chifre, unha e celuloide, de bela fantasia. “Esta fábrica é já hoje uma glória da terra e do paiz. Offerece 30 p. c. do que se vender na exposição para a fachada do edificio da Sociedade”*

- *Eduardo da Silva Guimarães – o que há de melhor em padaria - trigo, mistura e milho.*

- *Padaria de José da Costa Carneiro trigo, doces, e pão francês.*

- *Pão-de-ló, de Ribeiro Varandas – exposição de pão-de-ló em roscas, doces cobertos e por cobrir.*

- *Ferragens - Cunha & Companhia, Gervásio António Pinto, Manuel Lopes d'Araújo Guimarães e sucessor de José António Ferreira da Cunha expõem – tesouras de muitas qualidades e algumas de grande valor artístico e intrínseco, talheres de primeira, segunda e terceira ordem, navalhas foices, esporas, martelos facas de cozinha etc.*
- *Companhia de Fiação e Tecidos de Guimarães, expõe o fio nas diversas fases.*
- *À saída, no escadório, vê-se a exposição de tanoaria, de Eduardo da Silva Guimarães e a de Marques & Irmão.*
- *Fundição de Guimarães, de José Mendes de Castro, dois arados mecânicos.”*

(lista completa publicada pelo *Comercio de Guimarães*, 20 Março 1900, n.º 1468, pág. 1 e republicada em *Revista de Guimarães*, n.º 63, “Curiosidades de Guimarães. XV Guimarães nas Exposições Nacionais e Internacionais”, pág. 330 a 332)

Variadíssimas foram as personalidades que visitarem o novo Museu Industrial de Guimarães. O próprio Arcebispo Primaz, numa visita sua a Guimarães no ano de 1900, pôde admirar os preciosos produtos vimaranenses, expostos naquele museu:

*“N’ esta parte, seguramente uma das mais interessantes riquezas d’ aquela casa, S. Ex.<sup>a</sup> tomou conhecimento minucioso não só das numerosas preciosidades archeologicas, que ali se acham depositadas, e que são de subidíssimo valor como elementos d’ estudo, mas também dos numerosos e variados especimens das indústrias locais que na mesma galeria se acham expostos n’ um inicio esperançoso de Museu Industrial, attestando largamente a quem as desconhecer as poderosas e largas forças industriaes do nosso concelho. Esta última parte foi sem dúvida uma das que mais moveu a atenção do bondoso prelado bracarense que teve phrases de justo e caloroso elogio para os nossos industriaes, que ali fizeram representar tao distinctamente os productos do seu trabalho.” (Comércio de Guimarães, 1900e).*

Já em 1901, segundo avança o mesmo *Comércio de Guimarães*, por altura das celebrações da festa da Sociedade Martins Sarmento, no dia 9 de Março, surgiu no convite o apelo a uma nova vista ao Museu Industrial da Sociedade, o qual teria pela primeira vez renovado os seus expositores (*Comércio de Guimarães*, 1901).

Vários foram os diretores do Museu Industrial nos anos que se seguiram, até cerca de finais de 1907, altura em por motivos que não conseguimos descobrir, o mesmo desapareceu. No Livro

de atas da direção da Sociedade Martins Sarmiento, sessão de 1 de Abril de 1907, foi a última vez em que é referido o diretor do Museu Industrial. Provavelmente, este desaparecimento deveu-se ao carácter de “feira” que este Museu sempre suportou, onde os industriais para além de exporem os seus produtos, vendiam os mesmos e provavelmente não os substituíam de imediato. Segundo as atas da direção da Sociedade Martins Sarmiento, dado o desaparecimento do museu, ou das suas peças, em sessão de 31 de Maio de 1908, a direção desta Sociedade foi questionada relativamente ao paradeiro dos objetos que haviam em tempos pertencido ao Museu Industrial. Perante esta questão, a direção respondeu que parte desse espólio teria sido doado ao Asilo de Santa Estefânia, talvez por erro de qualquer direção anterior (Sociedade Martins Sarmentos, 1908).

## 10.2. Diretores do Museu Industrial (segundo os livros de atas da direção da Sociedade Martins Sarmiento)

Diretores do Museu Industrial da Sociedade Martins Sarmiento (1900-1908)		Cargos desempenhado	Referências
1900	<i>João Gualdino Pereira</i>		
1901	<i>João António Gouveia Moreira Guimarães</i>	Vice-secretário e diretor do Museu Industrial	Pereira, 1901
1902	<i>José Pinheiro</i>	Diretor dos museus colonial e industrial	Queirós, 1902
1903	<i>José Pinheiro</i>	Diretor dos museus colonial e industrial	Queirós, 1903
1904	<i>José Pinheiro</i>	Diretor dos museus colonial e industrial	Queirós, 1904
1905	<i>João Gualdino Pereira</i>	Diretor dos museus colonial e industrial	Queirós, 1905
1906	<i>Tenente Rodrigo Augusto de Sousa</i>	Diretor dos museus colonial e industrial	Sociedade Martins Sarmiento, 1906
1907	<i>Tenente Rodrigo Augusto de Sousa</i>	Diretor dos museus colonial e industrial	Sociedade Martins Sarmiento, 1907
1908	<i>Deixa de se mencionar o diretor do museu</i>		Sociedade Martins Sarmiento, 1909

Tabela 6. Diretores do Museu Industrial de Guimarães e seus cargos

## **Conclusão**

Terminada redação desta tese de mestrado, com o tema “Do Nascimento à morte do Museu Industrial da Sociedade Martins Sarmiento”, é agora importante realizarmos, em forma de síntese, uma reflexão sobre as principais notas conclusivas a que chegamos com a produção desta investigação que teve a duração de aproximadamente um ano letivo.

Posto isto, percebemos inicialmente que a época temporal escolhida (1884 a 1910), constitui um panorama de várias clivagens a nível da economia vimaranense que se reflete automaticamente na sociedade e na indústria local. Então, se por um lado, em 1881, segundo o Inquérito Industrial realizado nesse ano, a indústria e a economia vimaranense se apresentava em queda, esta mesma é justificada pela falta de rigor na realização deste mesmo Inquérito, já que os inquiridores não chegaram a passar pelas pequenas oficinas que laboravam no concelho de Guimarães, talvez devido ao pouco espaço de tempo que as comissões dispunham para a elaboração dos inquéritos, o que acabou por culminar numa análise não real do que verdadeiramente dispunha e compunha a indústria vimaranense, analisando a mesma de uma forma negativa.

Os principais setores industriais existentes por volta do ano de 1893 eram os tecidos de algodão e linho, as cutelarias os curtumes, embora muitas das unidades fossem de pequena dimensão. Empregavam, no entanto, grande parte da mão-de-obra vimaranense, consistindo no principal meio de sustento da população na época. Estas empresas, embora ainda de uma forma lenta, começavam nesta altura a dar os primeiros passos no desenvolvimento industrial, recebendo influências de países mais desenvolvidos como a Inglaterra, Alemanha, França e Estados Unidos, adotando progressivamente novas técnicas de fabrico e maquinaria mais aperfeiçoada, vindas destes locais, substituindo os modelos mais arcaicos.

Devido a todos estes fatores, a Sociedade Martins Sarmiento, como instituição criada com o intuito de instruir as populações do concelho de Guimarães, procurou contribuir de alguma forma para este pequeno desenvolvimento que se vinha a registar. Assim, em 1884, organizou a Exposição Industrial de Guimarães, que veio a ser uma das principais iniciativas industriais concelhias de Portugal, conseguindo ajudar ainda mais neste impulso desenvolvimentista.

Aquando desta Exposição e segundo aquilo que apuramos ao longo desta investigação, por todo o concelho de Guimarães prevalecia ainda a “pequena indústria”, formada por

pequenas oficinas, de carácter domiciliário e familiar, que realizavam acabamentos das grandes indústrias, que embora existentes, eram em muito menor número, ou recebiam diretamente a matéria-prima e realizavam a produção dos produtos que depois eram levantados para serem vendidos diretamente. Este modelo de indústria, que se designa por “*putting out*”, prevalecia no concelho de Guimarães. A par destes aspetos, Guimarães nesta época carecia de capital humano e tinha um grande atraso na mecanização, o que não contribuiu favoravelmente para um desenvolvimento mais rápido. Ainda assim, no ano de 1884, Guimarães apresentava uma verba de produção de cerca de 1.456:882\$000 réis, o que fez com que o governo tivesse obrigatoriamente de olhar de forma diferente para a indústria desta zona.

Segundo o Inquérito Industrial de 1890, podemos retirar algumas reflexões também importantes para a reconstituição da história económica de Guimarães. Mesmo com todas as mudanças económicas registadas, nas várias indústrias do concelho de Guimarães era visível o esforço na implementação de novos modelos de produção com vista ao aumento da produtividade e, a par disto, temos alguns fortes ramos de atividade industrial, que ocupavam grande parte da mão-de-obra vimaranense, tais como, a cutelaria, o calçado, o algodão (fiação e tecelagem), o linho, os curtumes e a serralharia.

Em jeito de conclusão, falta-nos agora apenas referir alguns aspetos, talvez do ponto-chave desta tese de mestrado, mas que permitiu uma análise também detalhada da economia vimaranense em finais do século XIX, algo que faltava ainda estudar, falamos assim da Exposição industrial permanente elaborada pela Sociedade Martins Sarmiento ou o Museu Industrial da Sociedade Martins Sarmiento.

Este Museu, reflexo do sucesso da Exposição Industrial de 1884, tinha como principal objetivo, para além do carácter instrutivo que várias vezes se fala, também a possibilidade de expor e adquirir os produtos fabricados em Guimarães, e ainda para que os industriais conseguissem desta forma levar os seus produtos para as feiras e exposições nacionais e internacionais, aspeto que pode ter sido um dos fatores para o seu conseqüente desaparecimento.

Apesar da forma positiva como este Museu Industrial foi recebido pelos vimaranenses e até mesmo por diversas personalidades que o visitaram aquando a sua abertura, vemos que o facto do mesmo funcionar como “feira”, podendo os industriais vender os seus produtos



expostos, sob certas condições após análise, ditou o seu fim. Vemos também que aliado a isto, ao longo dos anos de 1900 a 1907, vários foram os diretores nomeados pelas diferentes direções da Sociedade Martins Sarmento, para gerirem este Museu, solução não muito eficaz para uma adequada gestão, visto que muito provavelmente cada um tinha um ponto de vista diferente referente ao Museu.

No ano de 1907, constatamos que a imprensa da época, bem como as atas das reuniões da direção da Sociedade Martins Sarmento, deixam abruptamente de publicar informações relativas ao Museu Industrial, o que causa naturais dificuldades para conhecermos as razões que estiveram na base da extinção do Museu.

Sabemos contudo que, devido às sucessivas direções que foram tomando posse na Sociedade Martins Sarmento, na transição do ano de 1907 para o ano de 1908, após questionado em reunião de direção acerca do local onde estavam as peças que restavam do Museu Industrial e mesmo o seu mobiliário, constata-se que este mesmo espólio acabou por ser oferecido ao asilo de Santa Estefânia.

Durante a execução desta tese de mestrado foi contactada a direção do antigo asilo de Santa Estefânia, mas não conseguimos obter resposta. Assim desapareceu o primeiro Museu Industrial de Guimarães.



## **FONTES E BIBLIOGRAFIA**

### **1. FONTES PRIMÁRIAS**

#### **1.1. Manuscritas**

##### **Arquivo Municipal Alfredo Pimenta**

Câmara Municipal de Guimarães (1881). *Livro de atas*, 104.

Câmara Municipal de Guimarães (1882). *Livro de atas*, 26, 197.

##### **Arquivo da Sociedade Martins Sarmento**

Sociedade Martins Sarmento (1900). *Livro de atas*, 3, 81. (julho de 1891 a junho de 1902)

Sociedade Martins Sarmento (1906) *Livro de atas da direção*, 35

Sociedade Martins Sarmento (1907) *Livro de atas da direção*, 43

Sociedade Martins Sarmento (1908) *Livro de atas da direção*, 50

Sociedade Martins Sarmento (1909) *Livro de atas da direção*, 54

#### **1.2. Impressas**

Museu Industrial de Guimarães (1900). *Disposições regulamentares do Museu Industrial*.  
Guimarães: Sociedade Martins Sarmento

Sampaio, J. C., Meirelles, D. C. & Júnior, D. J. F. (1882). *Estatutos da Sociedade Martins Sarmento: Promotora da instrução popular no concelho de Guimarães*. Guimarães: Sociedade Martins Sarmento.

### **2. FONTES SECUNDÁRIAS**

#### **2.1. Estatísticas**

Comissão Central Diretora do Inquérito Industrial (1881). *Inquérito Industrial de 1881: inquérito direto*. Lisboa: Imprensa Nacional.

Ministério das Obras Públicas, Commercio e Indústria (1883). *Resumo do inquérito industrial de 1881*. Lisboa: Imprensa Nacional.

Ministério das Obras Públicas, Commercio e Indústria (1891). *Resumo do inquérito industrial de 1890*. (vol. 3) Lisboa: Imprensa Nacional.

## **2.2 Imprensa**

Comércio de Guimarães (1884, Julho 10) Museu, 11, 2

Comércio de Guimarães (1899, Junho 23) Sociedade Martins Sarmiento, 1397, 2

Comércio de Guimarães (1899, Junho 30) Sociedade Martins Sarmiento, 1399, 2

Comércio de Guimarães (1900b, Janeiro 5) Sociedade Martins Sarmiento, 1449, 2

Comércio de Guimarães (1900, Fevereiro 9) Sociedade Martins Sarmiento, 1458, 2

Comércio de Guimarães (1900, Março 9) Sociedade Martins Sarmiento, 1465, 3

Comércio de Guimarães (1900, Março 20) Exposição industrial, 1468, 1

Comércio de Guimarães (1900, Novembro 9) Sociedade Martins Sarmiento, 1531, 2

Comércio de Guimarães (1901, Março 8) Sociedade Martins Sarmiento, 1562, 2

Diário do Governo (1884, Outubro 24) *Diário do Governo*, 2716-2717

Echo de Guimarães (1900, Janeiro 6) Reunião de industriaes, 2, 3

Echo de Guimarães (1900, Janeiro 14) Sociedade Martins Sarmiento, 3, 1-3

Echo de Guimarães (1900, Março 18) Sociedade Martins Sarmiento, 12, 2

O Espectador (1883, Novembro 8) Guimarães, 2, 2

O Espectador (1883, Novembro 22) Indústria Vimaranesense, 4, 3

O Espectador (1883, Dezembro 20) As exposições, 8, 2-4

O Espectador (1884, Janeiro 24) Exposições de Guimarães, 13, 3

O Espectador (1884, Janeiro 31) A escola industrial e as indústrias de Guimarães, 14, 2

- O Espectador (1884, Março 13) Exposição Industrial de Guimarães, 20, 2-3
- O Espectador (1884, Março 27) Exposição Vimaranense, 22, 3
- O Espectador (1884, Maio 22) Exposição Industrial de Guimarães em 1884, 30, 2-3
- O Espectador (1884, Maio 29) Exposição Industrial de Guimarães, 31, 3
- O Espectador (1884, Junho 5) Exposição Industrial de Guimarães, 32, 3
- O Espectador (1884, Julho 10) Exposição Industrial de Guimarães promovida pela S. M. Sarmento, 84, 2-3
- O Espectador (1884, Julho 17) Exposição Industrial de Guimarães, 37, 3
- O Espectador (1884, Julho 24) Museu Industrial do Porto, 38, 3
- O povo de Guimarães (1904, Fevereiro 28) João Gualdino Pereira, 9, 1-2

### **2.3. Artigos e monografias**

- Almeida, E. (1908). A instrução popular no concelho de Guimarães. *Revista de Guimarães*, 25, 99-112. Disponível em: [http://www.csarmento.uminho.pt/docs/ndat/rg/RG025\\_10.pdf](http://www.csarmento.uminho.pt/docs/ndat/rg/RG025_10.pdf).
- Almeida, E. (1922). Os nossos sócios fundadores. Domingos Leite de Castro. *Revista de Guimarães*, 32, 447-454. Disponível em: [http://www.csarmento.uminho.pt/docs/ndat/rg/RG032\\_45.pdf](http://www.csarmento.uminho.pt/docs/ndat/rg/RG032_45.pdf).
- Azevedo, R. M. P. (1993). *Alfabetização, Escolas e Professores em Guimarães na 2.ª metade do século XIX*. Braga: Universidade do Minho (Tese de mestrado em “História das Populações”).
- Braga, A. V. (1953) Curiosidades de Guimarães. XV Guimarães nas exposições nacionais e internacionais. *Revista de Guimarães*, 63, 307-460
- Castro, D. L. (1900) O nosso primeiro presidente. *Revista de Guimarães*, 17, 1-2. Disponível em: [http://www.csarmento.uminho.pt/docs/ndat/rg/RG017\\_01.pdf](http://www.csarmento.uminho.pt/docs/ndat/rg/RG017_01.pdf)
- (1907) Domingos Leite de Castro. *Revista de Guimarães*, 24, 48. Disponível em: [http://www.csarmento.uminho.pt/docs/ndat/rg/RG024\\_06\\_2.pdf](http://www.csarmento.uminho.pt/docs/ndat/rg/RG024_06_2.pdf)

- Freitas, F. C. (1922). O último abencerragem. Domingos Leite de Castro. *Revista de Guimarães*, 32, 455-457. Disponível em: [http://www.csarmento.uminho.pt/docs/ndat/rg/RG032\\_46.pdf](http://www.csarmento.uminho.pt/docs/ndat/rg/RG032_46.pdf)
- Cordeiro, J. M. L. (1991). A persistência do “sistema antigo”: A indústria em Guimarães na época da exposição de 1884. In A. Sampaio & J. J. Meira, *Relatório da Exposição Industrial de Guimarães em 1884* (3-12). Porto: Tipografia de António José da Silva Teixeira.
- Cordeiro, J. M. L. (1995). A indústria de cutelaria na região de Guimarães: um caso de proto-industrialização?, *Actas do Congresso Histórico Comemorativo dos 150 Anos do Nascimento de Alberto Sampaio* (339-363). Guimarães: Câmara Municipal de Guimarães.
- Cordeiro, J. M. L. (2015). As Disposições Regulamentares do Museu Industrial de Guimarães, in III Encontro Internacional sobre Património Industrial e sua Museologia. Guimarães: III Encontro Internacional sobre Património Industrial e sua Museologia (reedição fac-similada do Regulamento do Museu Industrial de Guimarães).
- Cordeiro, J. M. L. (2017). O Museu Industrial de Guimarães, in José Manuel Lopes Cordeiro (Ed.), *Actas do III Encontro Internacional sobre Património Industrial e sua Museologia* (83-86). Guimarães: Sociedade Martins Sarmento.
- Guimarães, A. S. (1884). Razão de ordem para o futuro Boletim. *Revista de Guimarães*, 1, 1-24. Disponível em: [http://www.csarmento.uminho.pt/docs/ndat/rg/RG001\\_02.pdf](http://www.csarmento.uminho.pt/docs/ndat/rg/RG001_02.pdf)
- Magalhães, J. P. (1995). A Sociedade Martins Sarmento: uma instituição secular ao serviço da educação e da cultura. Um apontamento sobre a sua fundação. *Revista de Guimarães*, 105, 271-288. Disponível em: [http://www.csarmento.uminho.pt/ndat\\_63.asp?filtro\\_ano=1995](http://www.csarmento.uminho.pt/ndat_63.asp?filtro_ano=1995).
- Martins, A. J. F. (2000). *Sociedade Martins Sarmento: instituição secular de educação e cultura*. Braga: Universidade do Minho (tese de mestrado em História da Educação e da Pedagogia).
- Oliveira, M. A. (1982). A Exposição Industrial de 1884 e as suas repercussões. *Boletim de trabalhos históricos*, 35, 219-231. Disponível em: [www.amap.com.pt/uploads/c/bth/1984/bth1984\\_8 .pdf](http://www.amap.com.pt/uploads/c/bth/1984/bth1984_8.pdf).
- Pereira, J.G. (1899). Boletim. *Revista de Guimarães*, 16, 120-139. Disponível em: [http://www.csarmento.uminho.pt/docs/ndat/rg/RG016\\_14.pdf](http://www.csarmento.uminho.pt/docs/ndat/rg/RG016_14.pdf)

- Pereira, J. G. (1900). Boletim. *Revista de Guimarães*, 17, 45-46. Disponível em: [http://www.csarmento.uminho.pt/docs/ndat/rg/RG017\\_04.pdf](http://www.csarmento.uminho.pt/docs/ndat/rg/RG017_04.pdf).
- Pereira, J.G. (1900) Boletim. *Revista de Guimarães*, 17, 29-115. Disponível em: [http://www.csarmento.uminho.pt/docs/ndat/rg/RG017\\_04.pdf](http://www.csarmento.uminho.pt/docs/ndat/rg/RG017_04.pdf)
- Pereira, J. G. (1901) Boletim. *Revista de Guimarães*, 18, 170-181. Disponível em: [http://www.csarmento.uminho.pt/docs/ndat/rg/RG018\\_14.pdf](http://www.csarmento.uminho.pt/docs/ndat/rg/RG018_14.pdf)
- Pereira, J. G (1907). Boletim. *Revista de Guimarães*, 24, 87-111. Disponível em: [http://www.csarmento.uminho.pt/docs/ndat/rg/RG024\\_11.pdf](http://www.csarmento.uminho.pt/docs/ndat/rg/RG024_11.pdf).
- Queirós, R. (1902). Boletim. *Revista de Guimarães*, 19, 173-204. Disponível em: [http://www.csarmento.uminho.pt/docs/ndat/rg/RG019\\_20.pdf](http://www.csarmento.uminho.pt/docs/ndat/rg/RG019_20.pdf)
- Queirós, R. (1903.) Boletim. *Revista de Guimarães*, 20, 184-199. Disponível em: [http://www.csarmento.uminho.pt/docs/ndat/rg/RG020\\_17.pdf](http://www.csarmento.uminho.pt/docs/ndat/rg/RG020_17.pdf)
- Queirós, R. (1904). Boletim. *Revista de Guimarães*, 21, 168-180. Disponível em: [http://www.csarmento.uminho.pt/docs/ndat/rg/RG021\\_15.pdf](http://www.csarmento.uminho.pt/docs/ndat/rg/RG021_15.pdf)
- Queirós, R. (1905). Boletim. *Revista de Guimarães*, 23, 37-39. Disponível em: [http://www.csarmento.uminho.pt/docs/ndat/rg/RG023\\_04.pdf](http://www.csarmento.uminho.pt/docs/ndat/rg/RG023_04.pdf)
- Ramos, R. (1988). Culturas da alfabetização e culturas do analfabetismo em Portugal: uma introdução à História da Alfabetização no Portugal contemporâneo. *Análise social*, 24, 1067-1145.
- Reis, J. (1987). A industrialização num país de desenvolvimento lento e tardio: Portugal, 1870-1913. *Análise Social*, 207-227.
- Roriz, G. C. (1902) Dr. Avelino da Silva Guimarães. *Revista de Guimarães*, 19, 5-18. Disponível em: [http://www.csarmento.uminho.pt/docs/ndat/rg/RG019\\_01.pdf](http://www.csarmento.uminho.pt/docs/ndat/rg/RG019_01.pdf)
- Salazar, A. (1884). Boletim. *Revista de Guimarães*, 1, 204-214. Disponível em: [http://www.csarmento.uminho.pt/docs/ndat/rg/RG001\\_26.pdf](http://www.csarmento.uminho.pt/docs/ndat/rg/RG001_26.pdf)
- Salazar, A. (1885). Boletim. *Revista de Guimarães*, 2, 58-67. Disponível em: [http://www.csarmento.uminho.pt/docs/ndat/rg/RG002\\_06.pdf](http://www.csarmento.uminho.pt/docs/ndat/rg/RG002_06.pdf).

- Sampaio, A. & Meira, J. J. (1991). Parte 1: O que significa a exposição. In A. Sampaio & J. J. Meira, *Relatório da Exposição Industrial de Guimarães em 1884* (9-13). Porto: Tipografia de António José da Silva Teixeira.
- Sampaio, A. & Meira, J. J. (1991). Parte 2: Quadro das indústrias do concelho de Guimarães. In A. Sampaio & J. J. Meira, *Relatório da Exposição Industrial de Guimarães em 1884* (15-84). Porto: Tipografia de António José da Silva Teixeira.
- Sampaio, J. C. (1884) Os nossos sócios honorários. I Francisco Martins de Gouveia Morais Sarmento. *Revista de Guimarães*, 1, 35-51. Disponível em: [http://www.csarmento.uminho.pt/docs/ndat/rg/RG001\\_04.pdf](http://www.csarmento.uminho.pt/docs/ndat/rg/RG001_04.pdf)
- (1907) Avelino Germano. *Revista de Guimarães*, 24, 67. Disponível em: [http://www.csarmento.uminho.pt/docs/ndat/rg/RG024\\_08\\_1.pdf](http://www.csarmento.uminho.pt/docs/ndat/rg/RG024_08_1.pdf)
- (1907) D. G. Ferreira Guimarães. *Revista de Guimarães*, 24, 87. Disponível em: [http://www.csarmento.uminho.pt/docs/ndat/rg/RG024\\_10\\_1.pdf](http://www.csarmento.uminho.pt/docs/ndat/rg/RG024_10_1.pdf)
- Sampaio, J. C. *et al* (1999). *Francisco Martins Sarmento: vida e obra*. Guimarães: Sociedade Martins Sarmento.
- Sociedade Martins Sarmento, Escola Secundária Francisco de Holanda & A Oficina (2009). 1884 - O ano que mudou Guimarães. Guimarães: Sociedade Martins Sarmento.
- Sociedade Martins Sarmento (s.d.) Galeria de fotos: Retratos. Disponível em: [http://www.csarmento.uminho.pt/pop\\_up\\_view\\_img.asp?path=imgs/sms/fms/nao\\_arqueologicas\\_restauradas&imageName=CaixaER\\_020R.jpg&table=imgs&filter=SMS\\_FMS\\_10Narqueologicas&fieldID=imgID&fieldsToShow=ficheiro|titulo&titlesToShow=Imagem|T%EDtulo&ID=284&navigation=yes&w=47&h=60](http://www.csarmento.uminho.pt/pop_up_view_img.asp?path=imgs/sms/fms/nao_arqueologicas_restauradas&imageName=CaixaER_020R.jpg&table=imgs&filter=SMS_FMS_10Narqueologicas&fieldID=imgID&fieldsToShow=ficheiro|titulo&titlesToShow=Imagem|T%EDtulo&ID=284&navigation=yes&w=47&h=60)
- Sousa, H. S. C. (1918). Monografia sobre a indústria da cutelaria. *Boletim do Trabalho Industrial*, 114, 121.



## ANEXO

Disposições regulamentares do Museu Industrial da Sociedade Martins Sarmento

# *Museu Industrial de Guimarães*

## DISPOSIÇÕES REGULAMENTARES

Artigo 1.º—E' creado pela Sociedade Martins Sarmento um museu industrial, destinado á exposição permanente dos productos da industria do concelho de Guimarães.

Art.º 2.º—Os serviços d'este museu ficarão especialmente a cargo do vogal da direcção da Sociedade que por ella fôr designado.

Art.º 3.º—Todo o industrial ou artifice residente n'este concelho poderá figurar como expositor dos productos da sua industria, uma vez que se conforme com estas disposições regulamentares.

Art.º 4.º—Os productos que se destinem a este museu serão enviados para a casa da Sociedade e deverão constar d'uma relação, em duplicado, assignada pelo expositor, a qual depois de conferida será archivada, devolvendo-se o duplicado ao remettente com o competente recibo.

Art.º 5.º—A collocação e disposição dos artefactos na casa do museu poderá ser feita ou dirigida pelo proprio expositor, mas sempre d'accordo e sob a inspecção do respectivo director.

Art.º 6.º—Além do nome do expositor poderá indicar-se, por escripto, o local em que os productos são fabricados e se acham á venda, seus preços, bem como dar-se qualquer outro esclarecimento que se entenda conveniente.

Art.º 7.º—Os productos em exposição continuam sendo propriedade do expositor, mas este não poderá retirá-los do museu antes de findo um trimestre, salvo por motivo de venda ou outro egualmente attendivel, depois de ouvido o director respectivo.

Art.º 8.º—Para que haja a maior regularidade no serviço de renovação ou alteração no museu será especialmente destinada á entrega dos productos expostos, recebimento d'outros e sua instalação a primeira quinzena dos mezes de janeiro, abril, julho e outubro.

Art.º 9.º—Dos productos que sejam retirados do museu passará o proprietario recibo na relação archivada.

Art.º 10.º—Este museu será installado, provisoriamente, na parte disponivel da galeria da casa da Sociedade e estará patente ao publico nos dias e horas em que podem ser visitados os mais museus da Sociedade.

Está conforme.

Guimarães, casa da Sociedade Martins Sarmento, 8 de janeiro de 1900.

O SECRETARIO DA DIRECÇÃO,

*Simão Eduardo Alves Neves.*